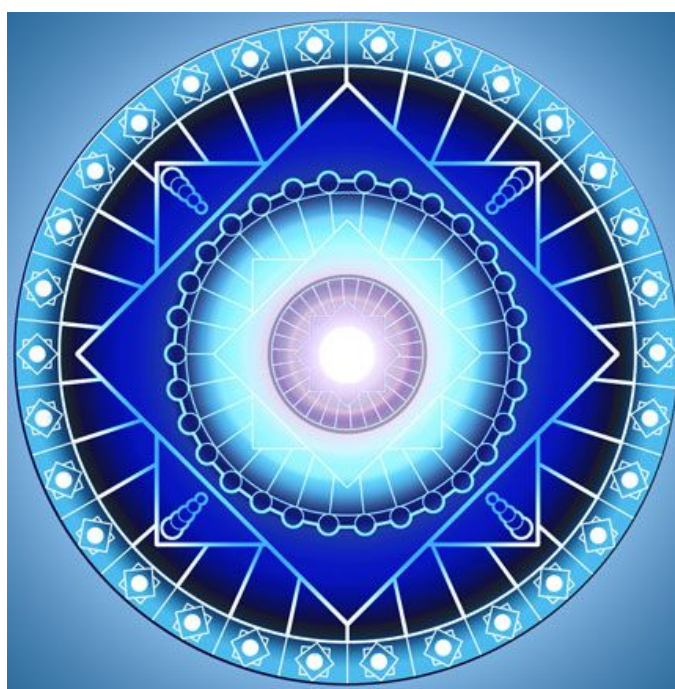


O Ser

Temas Herméticos - Livro Primeiro



José Laércio do Egito
Maio-2008

© Notas de Copyright

Esta é não é uma obra do Domínio Público, embora seja disponibilizada de forma gratuita, com exclusividade, na Internet.

É proibida a reprodução parcial ou total do seu conteúdo, em quaisquer meios, impressos ou eletrônicos, sem a prévia e expressa autorização do seu Autor.



ÍNDICE DO CONTEÚDO

CONCEITOS HOLOGRÁFICOS DO ORGANISMO.....	03
ESTADOS DE CONSCIÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO DO SER.....	05
CONSTITUIÇÃO FÍSICA DO SER E A ALMA.....	11
A CULPA DA ALMA?.....	14
A VULNERABILIDADE DO SER.....	18
O SER E O UNIVERSO.....	22
A AMPLITUDE ESTRUTURAL DO SER.....	26
OS SETE NÍVEIS DO SER HUMANO.....	29
A POLARIDADE ANTE O INFINITO.....	34
O UNIVERSO E O INFINITO.....	37
O UNIVERSO, UM DEGRAU DO INFINITO.....	40
EM DIREÇÃO AO INFINITO.....	43
EXPLORANDO O NADA.....	45
A FRAGMENTAÇÃO E A LEI.....	49
O TÉDIO E O INFINITO.....	52
A NEGATIVIDADE NOS SERES.....	55
O SER E O COSMOS	58
O SER ANTE O CONTINUUM.....	61
EXPLORANDO O NADA.....	63
A VOLTA DO SER INDIVIDUADO AO “É”	66
SER E EXISTIR	69
O POSICIONAMENTO DO FOCO DA MENTE.....	71
O SER E OS SERES.....	74
MUNDOS CREADOS PELOS SERES	77
CONCEITOS HOLOGRÁFICOS DO ORGANISMO.....	80
O PARADIGMA HOLOGRÁFICO DOS SERES	82
INTERAÇÃO ENTRE O MUNDO REAL E O VIRTUAL.....	85
A LIBERTAÇÃO DE O SER	87
A LIBERTAÇÃO FINAL.....	89
A LIBERTAÇÃO SUPREMA	92

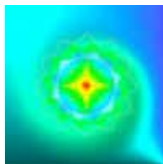
CONCEITOS HOLOGRÁFICOS DO ORGANISMO

“ NA MEDIDA EM QUE VOCE É PARTE
DA CONSCIÊNCIA UNIVERSAL, VOCÊ
É TODO O OCEANO”
DEEPAK CHOPRA


José Laércio do Egito - F.R.C.

2005-3358

TEMA 1.548



Por certo, a matéria escrita em tema anterior referente à doença e a cura serem apenas a manifestação de dois mundos, pode ser deveras chocante para muitos, e até mesmo passível de ser catalogado como “idéia insana”. Mas, nisso os hermetistas, com base no *Primeiro Princípio Hermético*, não estão sozinhos, pois com idéias semelhantes há muitos cientistas de renome que têm chegado a conclusões semelhantes, especialmente os “físicos quânticos”. Mesmo que se pareça deveras aberrante não somente o que se tem afirmado sobre a natureza do corpo quanto também da existência de tudo quanto há, quer seja de natureza abstrata, quer concreta. A concretitude dos elementos do universo vêm sendo posta em xeque mate.

Grof e Keith Floyd, este Prof. de psicologia do Virginia Intermont College, afirmam que a concretitude da realidade, incluindo a do corpo humano, é apenas uma ilusão holográfica. “*É a mente quem cria a aparência do cérebro, bem como a do corpo, e de tudo mais que interpretamos como físico. Tem havido nos nas últimas décadas um virada na maneira de se ver as estruturas biológicas, fazendo com que pesquisadores venham progressivamente chegando à conclusão da possibilidade de o processo de cura poder também ser transformado em um paradigma holográfico. Se a aparente estrutura física do corpo nada mais é uma projeção holográfica da consciência, torna-se claro que cada um de nós é mais responsável por sua saúde do que admite a atual sabedoria médica. Que nós agora podemos ver que as remissões miraculosas de doenças podem ser próprias de mudanças na consciência que por sua vez efetua alterações no holograma do corpo. Similarmente, novas técnicas controversas de cura como a visualização podem funcionar muito bem porque no domínio holográfico imagens pensadas que são muito ‘reais’ se tornam ‘realidades’. Similarmente, novas técnicas controversas de cura, como a visualização podem funcionar muito bem porque no domínio holográfico imagens pensadas podem se tornar realidades*”. “*Mesmo visões de experiências que envolvem realidades “não ordinárias” se tornam explicáveis sob o paradigma holográfico. Em seu livro ‘Gifts of Unknown Things’ o biólogo Lyall torna claro que cada um de nós é mais responsável por sua saúde do que admite a atual sabedoria médica. Que nós agora vejamos que as remissões miraculosas de doenças podem ser próprias de mudanças na consciência que por sua vez efetua alterações no holograma do corpo*”.

Tudo o que se pensa com intensidade e sem qualquer carga de dúvida gera um modelo de mundo, que segundo a conceituação de holografia, se trata de uma imagem holográfica. Mesmo visões experienciais que envolvem realidades “não ordinárias” se tornam explicáveis sob o paradigma holográfico.

Em um livro *“Gifts of Unknown Things”* o biólogo Lyall Watson descreve um encontro que teve com uma mulher *xamã* da Indonésia que, realizando uma dança ritual, era capaz de fazer um ramo inteiro de uma árvore desaparecer no ar. Watson relata que ele e outro atônito expectador continuaram a olhar para a mulher, e ela fez o ramo reaparecer, desaparecer novamente e assim por várias vezes. Diz Watson:

“Se isto é verdade, a mais profunda implicação do paradigma holográfico é que as experiências desse tipo só não são comuns porque nós não temos programado nossas mentes com as crenças que fazem com que o sejam. No universo holográfico não há limites para a extensão do quanto podemos alterar a teia da realidade. O que percebemos como realidade é apenas uma forma esperando que desenhemos sobre ela qualquer imagem que queiramos”.

Esta transcrição mostra que aquilo que temos explicado nas recentes palestras são também conclusões que pesquisadores sérios têm chegado por outras vias. Watson diz textualmente que tudo o que se pensa se cria e que muitas das coisas consideradas impossíveis só são tidas como tais porque não é lugar comum, algo que não se repete com facilidade. Se o fossem passaria da categoria de ilogicidade para a de logicidade. Diz que basta alterar o que ele chama de *teia da realidade* para se vivenciar uma outra realidade *“No Universo holográfico não há limite para o que podemos alterar na teia da realidade”*. O que ele chama *teia* nós temos chamado de *matriz*, mas isto é apenas uma questão semântica.

Exatamente há plena concordância entre o seguinte pensamento de Watson sobre conceitos quânticos de doença e de saúde com o que referimos em palestra anterior. *“... agora podemos ver que as remissões miraculosas de doenças podem ser próprias de mudanças na consciência¹ que por sua vez efetua alterações no holograma do corpo.*

Outro ponto de concordância é a conclusão a que chegou Watson sobre a experiência vivenciada com a *xamã*. *“Se programarmos a mente o impossível pode se tornar possível, o lógico pode se tornar ilógico e vice-versa, pois para que coisas assim ocorram basta apenas alterar a teia da realidade”*. Em nossa palestra anterior dissemos que basta se efetivar mudança na matriz do texto para se ter outra realidade.

Se a concretividade do mundo nada mais é do que uma realidade secundária originária de um padrão holográfico que constitui o *paradigma de Bohm e Pribram*, então a mais impossível das coisas pode se tornar verdade em termos de percepção. Muitas doutrinas dizem que tudo o que for pensável, de alguma forma existe. Usando o exemplo do texto escrito, podemos dizer que tudo o que se pensar, por mais fantástico e julgado impossível, pode se colocar num *texto matriz* escrito e assim fazer existir o que antes não existia. Só o impensável não é passível de ser criado pela mente, só o impensável é que não pode ser acrescentado à matriz de um texto escrito.

Vale salientar que esse criar não é algo apenas de nível abstrato. Ele também pode ser de nível do concreto, pois o concreto, em síntese, não é muito diferente do abstrato, desde que a concretude das coisas não é mais que o resultado do tipo de percepção, e até mesmo sensorial, o concreto é algo percebido pelo tato. Por mais abstrato que algo seja só a detecção sensorial, ou instrumental pode estabelecer a natureza daquilo que é observado. A mera percepção visual não testifica a concretude de algo.



¹ Onde o autor usa o termo *consciência* nós usamos a palavra *percepção*, que é uma característica própria da mente e não diretamente da consciência.

ESTADOS DE CONSCIÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO DO SER

"DEUS CONCEDE O PROGRESSO A
PASSOS LENTOS, PORQUE A LUZ
REPENTINA OFUSCA À VISTA".
ARAÚJO PORTO ALEGRE.



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO FRC

1 9 8 7

TEMA 0.119



Uma interrogação que fazem a respeito dos estados modificados de consciência é porque, sempre havendo existido grupos sociais que por diferentes meios tiveram essa condição, e mesmo assim não estabeleceram quaisquer sistemas superiores de vida. Conforme se pode ver o patamar social alcançado por eles não foi superior ao de outros grupos coexistentes que não faziam uso de substâncias indutoras de atividades psíquicas especiais.

Perde-se no passado muito remoto o quando os seres humanos começaram a fazer uso de substâncias vegetais, e de exercícios especiais capazes de determinarem percepções superiores. Se for assim porque nenhuma tribo indígena, afeita ao uso de certas substâncias psicoativas, não saíram no passado, e não saem no presente, da estagnação em que vivem e viveram antes? Por que geralmente deixaram e deixam ainda que o homem banco lhes escravize. Por que os nativos pertencentes a grupos que usam substâncias indutoras de estados ampliados de consciência chegam até mesmo a ser dominador e destruídos por vícios se é que eles dispõem de uma capacidade de percepção bem superior que os seus dominadores e mesmo assim não conseguem nem ao menos se protegerem?

De início, queremos dizer que nem todas as substâncias utilizadas pelos inúmeros grupos espalhadas no mundo são de efeito positivo. Geralmente são substâncias tóxicas, viciantes e degenerados do caráter. Neste caso fica fácil se compreender o porquê as coisas aconteceram como foi citado acima. Mas, queremos falar é de grupos que usam substâncias positivas, como a Hoasca, por exemplo.

De início vamos considerar a civilização Inca. Por certo foi um povo bem desenvolvido e que os dirigentes faziam uso da Hoasca e mesmo assim os espanhóis facilmente destruíram totalmente, em pouco tempo, aquela magnífica civilização. É bom que se tenha em mente que de todas as civilizações antigas a Inca foi a mais pacífica delas. Era totalmente diferente da civilização Azteca por ser esta altamente sanguinária. Os Incas eram pacíficos, organizados, confiantes. Para isto por certo contribuiu a Hoasca. Eles viam somente o lado bom das coisas e assim tornaram-se indefesos diante dos espanhóis maliciosos e sedentos de riquezas materiais

Para que as indagações sobre o tema possam ser respondidas, de início, é necessário que esclareçamos o seguinte: Nem todas as substâncias psicoativas são de efeito positivo. Podemos mesmo afirmar que a grande maioria dos nativos que fazem uso de bebidas mágicas, na realidade, usa substâncias indesejáveis, pois a par de um efeito tóxico existem tão somente aberrações sensoriais e, quando muito, efeitos psicodélicos sem quaisquer significados no tocante ao desenvolvimento espiritual da pessoa.

Ante o que afirmamos temos que saber separar o que seja percepção de consciência superior e o que é simples ilusão sensorial. Claro que na maioria dos grupos que usaram ou que usam substâncias

psicoativas nenhuma vantagem pode ser evidenciada. Mas a indagação deve persistir, e com referência àqueles que usaram ou usam o sistema certo. Que empregam métodos que promovem os estados alterados de consciência da maneira correta e que poderiam assim beneficiar a pessoa, mas que aparentemente não se evidenciam indícios de evolução diferenciada alguma. A verdade é que um estado alterado de consciência, mesmo que envolva percepções sensoriais muito sutis, não refletem evolução ou desenvolvimento espiritual algum se a pessoa não direcionar aquilo que vê no sentido de uma transformação interior.

Existem muitos métodos capazes de provocarem estados de consciência especiais. As condições psíquicas especiais, de um modo geral, podem ocorrer quer por indução direta, quer por indução indireta (extrínseca e intrínseca respectivamente). Direta é quando o agente químico modificador do estado básico de consciência procede de fora do organismo, e indireta quando o agente é produzido no próprio organismo. No primeiro caso trata-se de substâncias introduzidas já elaboradas devidamente. No segundo caso é quando são elaboradas pelo próprio organismo mediante um estímulo adequado. Em essência, em ambas as situações o processo intrínseco da modificação das percepções são sempre resultantes de uma ação química específica, de algumas substâncias especiais.

Algumas substâncias psicoativas, portanto, vêm de fora do organismo (extrínsecas) e outras são sintetizadas nele (intrínsecas).

Para justificar a afirmativa de que os estados especiais de consciência podem determinar progresso tanto do indivíduo quanto da sua sociedade vai abordar um ponto que muitos estudiosos desconhecem.

Os iniciadores das grandes religiões, os antigos sacerdotes no passado dirigiam a vida das pessoas e dispunham de meios capazes de provocar-lhes estados alterados de consciência.

Na história, há indícios claros de que grandes Iniciadores aturam em nível de estado diferenciado de consciência, senão vejamos: A partir de quando Buda começou a sua missão? A história do Budismo relata que isso ocorreu após um longo período de meditação e abstinência a que ele se submeteu.

Jesus jejuou 40 dias no deserto após o que teve percepções especiais. Na verdade em se tratando de Jesus ele não precisava de jejum algum para ter clareza total de consciência, mas se o fez foi mostrando que essa prática deve ser seguida por quem precisar, ou quiser, ter percepções de certo nível.

Houve muitos outros casos que poderíamos citados como informação de que nas grandes realizações místicas houve participação de elementos de indução endógena.

Existem muitos processos capazes de acarretarem estados modificados da mente cerebral por alterações metabólicas resultantes da liberação de substâncias psicoativas determinantes da abertura de consciência.

A ciência atual conhece alguns mecanismos bioquímicos capazes de determinarem isso. Sabe-se que a flagelação, por exemplo, é capaz de produzir vivências em estados alterados de consciência e sabe o como isto ocorre. A flagelação desdobra proteínas dos tecidos lesionados produzindo, conseqüente, liberação de histamina, de serotonina e de outras substâncias neuro-transmissores capazes de provocar "visões" e outros fenômenos psíquicos.

Os grandes iniciados também tiveram vivências psíquicas por indução endógenas e disto herdou-se a tradição das "bebidas sagradas" de determinados grupos.

Com o passar dos anos aquilo que era uma "bebida sagrada" foi sendo substituída por outros tipos de bebidas que nada tinham de "sagradas". O poder negativo acabou por induzir os seres humanos a fazerem uso de plantas diferentes, nocivas por serem tóxicas e deformadoras do caráter, degeneradoras da natureza das pessoas. Entre elas as bebidas alcoólicas antigas e o que é pior o processo de indução demoníaca ainda continua se fazendo sentir no desenvolvimento de muitas e tóxicos os mais diversos.

A Mitologia Grega conta que do relacionamento de Zeus com a princesa tebana Sêmele surgiu um filho que recebeu o nome de Dionísio. Este, sendo filho de um deus – Zeus – com uma humana – Sêmele – Dionísio, que mais tarde veio a se chamar Baco, não foi aceito como um deus pelo Olimpo.

Como tal, Dionísio, banido do Panteon, certa vez estava passeando por um vale quando se deparou com uma fruta desconhecida, a uva. Dionísio compreendeu que daquela fruta podia-se fazer uma bebida, o vinho. Dionísio, com certeza inspirado por uma força negativa, provocou a fermentação das uvas e assim produzir uma bebida que ele percebeu se dotada de características peculiares. Percebeu que através daquela bebida que inventara ele poderia impor a sua vontade aos homens e até mesmo aos seres do Olimpo, tornando-se assim dotado de poderes "divinos". Dentro dessa convicção Dionísio empreendeu viagens pelo mundo, e iniciou o caminho da glória material apoiado por aquela poderosa, falsa e traiçoeira arma que havia descoberto o vinho.

Com um grupo de amigos Dionísio viajava pela Grécia propiciando uma falsa alegria e felicidade às pessoas. Quando ele bebia se tornava alegre, loquaz, agradável, de convívio, conseguindo assim enganar a muitos. Sob o efeito feito do vinho todas as procissões abandonavam os corações humanos. O medo se desvanecia, a coragem redobrava. Com o vinho os homens sentiam-se com uma força que julgavam erroneamente ser uma **Força Superior**, com capacidades desejadas, quando na realidade a força imperante sobre aquelas pessoas era exatamente a aposta. Assim, o próprio Dionísio passava a se julgar igual aos seus rivais deuses do Olimpo, passava a acreditar ser integrante da comunidade dos deuses gregos.

Através da bebida Dionísio pervertia as pessoas, especialmente as mulheres as quais embriagava, obscurecendo-lhes o raciocínio, ensinando-lhes a praticarem crimes e atos libidinosos. Assim as pessoas se desgovernavam e passavam a cometer uma série de desatinos, até mesmo mortes e destruições. Desta forma Dionísio passou a ser conhecido pelo nome de Baco, o deus do vinho. Assim, Baco, que não tinha poder divino algum, procurava se impor àqueles grupos de pessoas que viviam à margem da sociedade grega por quem era "respeitado".

Baco, através do efeito negativo do vinho determinava orgias terríveis, e aquelas festas passaram a ser chamadas de Bacanais. Essa é a origem da palavra bacanal, nome pelo qual ainda hoje certas orgias são conhecidas.

Esta é a história grega sobre a origem do vinho e em grande parte ela é verdadeira.

O poder das trevas atua sempre de forma reptícia fazendo com que as pessoas aceitem coisas nefastas como sendo boas. Ela desperta nas pessoas o desejo por coisas nefastas. Apresenta com uma máscara de coisa boa aquilo que não serve realmente. Nunca ele mostra o lado ruim das coisas e como "toda moeda tem duas faces", assim também muitos vegetais são dotados de dupla natureza. Uma ou outra se manifesta conforme a quantidade e, ou a maneira de ser preparado para o uso. O organismo não pode viver sem álcool a quantidade necessária normalmente é extraída pelo organismo dos alimentos ingeridos.

Então o enganador como procede? - No caso do álcool fez com que aquilo que existia para ser utilizado pelo lado positivo passe a sê-lo pelo lado negativo. As pessoas são levadas à ingestão de quantidades além daquele limite que é normal.

Em linhas gerais a história mitológica do vinho reflete bem a maneira de proceder da natureza negativa para o estabelecimento dos vícios em geral e da bebida em particular.

Embora a mitologia conte a história de Baco como o iniciador da bebida, queremos, contudo dizer que outras bebidas já existiram antes do vinho. Isso ocorreu como uma deturpação das bebidas sagradas. Vejamos como: Os Indicadores usavam determinados ervas para obterem estados ampliados de consciência com diversas finalidades significativas para a subsistência das tribos. Com o uso de bebidas sagradas os povos podiam empreender com mais clareza certas atividades como a caça, por exemplo. No anseio de disporem de melhores e mais eficientes bebidas sagradas as pessoas

eram enganadas pelo poder das trevas quando induziam as pessoas a usarem determinadas drogas, convencendo os seres de que através do uso delas eles poderiam se encontrar com o poder e se tornarem iguais a Deus. Na realidade as pessoas acreditaram nisso, pois, sob o efeito euforizante daquelas substâncias tóxicas, sentiam-se dotados de poderes excepcionais, não sabendo, contudo, da quase certeza de se tornarem vítimas daquelas substâncias altamente perigosas, viciantes e degenerativas do caráter. Assim, mais uma vez, as pessoas eram envolvidas pelo lado trevoso da natureza.

O vinho descoberto por *Baco* (Dionísio) apenas foi mais uma daquelas bebidas, e não a primeira delas.

Os tradutores dos textos religiosos por desconhcerem a de substâncias psico-indutoras que eram usadas desde a mais remota Antigüidade não fizeram traduções com o exato sentido das bebidas sagradas. Confundiram bebida sagrada com bebida alcoólica, especialmente o vinho que era a bebida típica da época. Assim foi com referência *Última Ceia* e outros momentos citados nos Evangelhos.

Não é verdade que os estados alterados de consciência não hajam promovido desenvolvimento social algum. Toda a moral religiosa, todos os valores do passado constituem uma herança das civilizações passadas que foram codificadas a partir das percepções superiores, que os iniciados a eles ligados tiveram. As grandes filosofias, os grandes planos de desenvolvimento da humanidade no passado nasceram de mentes em condições psíquicas superiores quer induzidas por substâncias exógenas, quer por processos de meditação ou coisas equivalentes.

Agora vejamos quais as vantagens que os estados de percepções especiais podem oferecer: Quando uma pessoa tem consciência da outra face da vida, dos mundos imateriais que a cercam, por certo ela pode ter o necessário estímulo para a busca do progresso e para correção de distorções que retardam o seu desenvolvimento espiritual. Vendo e sentindo diretamente as vivências que as religiões apenas dizem e que as filosofias simplesmente discutem, a pessoa pode eliminar dúvidas e assim utilizar-se das experiências para o desenvolvimento mediante a prática dos princípios de uma vida reta, determinante da elevação das vibrações individuais sem o que não pode haver sintonia com níveis mais altos da consciência interior.

Mas, a simples percepção extra sensorial determinado por quaisquer meios que sejam utilizados não se revestem de valor se aquilo que for percebido deixar de ser usado para a conversão da negatividade para a possibilidade. Se assim não for tudo ocorrerá como se a pessoa estivesse simplesmente assistindo a um filme qualquer, um atendimento sensorial, apenas.

Portanto, baseado nas vivências místicas, nas percepções evidenciadas em estados especiais de consciência, a pessoa precisa trabalhar no sentido do aprimoramento existencial para que disto decorra o crescimento interior. A transformação de nível de vibração do baixo para o alto é o fator determinante de uma maior sintonia com a Partícula Cósmica. Só assim, então, haverá progresso espiritual.

Certas condições de consciência, determinadas percepções, permitem pessoa ver além dos limitados horizontes da matéria, mas ver não significa seguir. Seguir é uma condição ligada ao querer que, por sua vez, está diretamente condicionado ao livre arbítrio. Uma pessoa que tenha visão mística por certo pode ter compreensões muito mais acuradas do que aquela normalmente permitida pela matéria densa, mas ela só segue as indicações percebidas se quiser, pois o livre arbítrio é soberano.

Num estado especial de consciência uma pessoa pode ver muitas coisas, pode ver o sentido da evolução, mas isto não determina por si evolução ou desenvolvimento algum. O desenvolvimento é determinado tão somente pelo querer da pessoa, pois só assim fica preservado o livre arbítrio.

Não se pode ser um espectador no drama da existência, tem-se que participar como ator do contrário progresso algum advirá das experiências psíquicas que a pessoa possa vir a ter. Por isto é que existem aquelas tribos indígenas em que as decisões são tomadas em estados alterados de consciência pelo o uso de vegetais especiais.

Há dirigentes tribais que fazem uso de Hoasca², mas que nem por isso progrediram ou fizeram o seu povo progredir.

Mesmo aqueles índios que usam a HOASCA³ continuam vivendo em dificuldades e sendo destruídos pelo homem branco. Se muitos nativos têm estados especiais de consciência, se vivenciam níveis de consciência muito além daqueles peculiares ao homem branco, por que razão existe entre eles ciúmes, orgulho, egoísmo, personalismo, lutas internas pelo poder, guerras entre tribos, etc. - Nesse sentido, de um modo geral não há quaisquer diferenças entre grupos que fazem uso de rituais ligados a estados especiais de consciência e outros que não o fazem, praticamente os dois grupos são semelhantes quer no tocante aos atrasos de vida quer no relacionamento existencial, etc. - Isto acontece exatamente porque, como afirmamos antes, as percepções por si mesmo nada significam.

Normalmente o emprego de indutores psíquicos apenas despertam percepções um tanto mais profundas, mas isto não condiciona diretamente o progresso existencial. Se as visões forem bem aproveitadas o progresso será por certo muito mais fácil do que sem elas, mas de forma alguma o progresso e o desenvolvimento de qualquer natureza está contido na experiência em si. Por esta razão é que se faz preciso em todos os sistemas a presença do MESTRE, condutor que guie através de um corpo de doutrinas. A visão psíquica mostra o que é certo para o progresso espiritual, mas é a doutrina quem diz como proceder para que a meta seja atingida.

Como se pode entender pelo que antes comentamos, as experiências psíquicas, no máximo dão consciência à pessoa da natureza individual para que ela possa dissipar os véus do esquecimento ligado às reencarnações passadas, mas, quanto ao desenvolvimento propriamente ela no máximo leva a pessoa ao nível de conhecimento evolutivo correspondente a alguma encarnação anterior.

Com o uso de substâncias indutoras de percepções a pessoa podem abrir a consciência para aquilo que já sabe de antes, facilitando as coisas para que ela chegue logo ao grau de conhecimento já adquirido antes na escalada do desenvolvimento espiritual. Facilitando para que a pessoa se torne ciente do nível de recordação já antes despertado, chegando ao limiar do já alcançado. Mas, pelo estado alterado de consciência, de forma alguma a memória cósmica é despertada bruscamente para além do limiar já alcançado na escalada evolutiva.

Por isso é que o egoísta, o tirano, o agressivo, o medroso, e todos assim entram e saem dos estados alterados da mente sem grandes modificações. Nenhum conhecimento especial, e conseqüentemente, desenvolvimento é determinado diretamente pelo estado alterado de consciência. Na realidade tudo se passa como se fosse apenas um filme, por mais concretas e reais que possam ser as percepções. O progresso realmente só ocorre em decorrência do despertar da Consciência Cósmica e isto não é feito por qualquer substância ou método. É fruto sim do desenvolvimento da compreensão procedido pela própria pessoa, da elevação do padrão de vibração desde que para se ter acesso à memória cósmica é preciso sintonizá-la, e para sintonizá-la é preciso elevação espiritual. Um nativo não apresenta qualquer progresso apreciável assim como a pessoa não perde quaisquer das suas paixões diretamente pelo simples fato de ter vivências de estados alterados de consciência.

Diante do que afirmamos pode-se indagar; Então, para que servem tais meios de percepção? - Já o dissemos antes, servem para que a pessoa possa usá-las na estruturação da vida pessoal, no trabalho do desenvolvimento interior, para ter forças para o desenvolvimento e bem mais do que isso. Vendo e sentindo outras realidades, compreendendo-as, a pessoa pode mudar o seu posicionamento perante a vida e assim progredir na escala cósmica. A percepção em si mesmo não significa nada se a pessoa não vier a utilizá-la para o desenvolvimento espiritual pela compreensão que aqueles estados facultam.

² - Bebida Sagrada dos sacerdotes Incas, Permite estados alterados de consciência e não apresenta toxidez alguma assim como não geral dependência. Atualmente são sendo difundidas muitas religiões baseadas nas percepções obtidas através da Hoasca.

³

As percepções não superam em qualquer momento o livre arbítrio, pois é este, exatamente, o elemento direcionador do progresso individual.

Baseado nas percepções superiores e que no passado, assim como no presente são estruturados os corpos de doutrina das organizações ou mesmo aquele que a pessoa vê e estabelece para si mesmo quando em estado da alterado de consciência.

Uma pessoa pode ver em nível superior de consciência, mas de nenhuma forma ela é induzida a seguir sem que haja a aquiescência do querer pessoal.



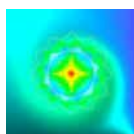
CONSTITUIÇÃO FÍSICA DO SER E A ALMA

"TUDO QUANTO PERTENCE AOS
MORTAIS É MORTAL".
L U C I A N O



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO
1976- 3329

TEMA 0.1 2 2



Na apreciação da essência dos seres nos defrontamos freqüentemente com incongruências chocantes, especialmente quando é feita uma análise comparativa entre as informações da metafísica e das ciências humanas.

Nesta palestra tentaremos esclarecer melhor certos aspetos da natureza humana e tentaremos dar maiores subsídios para que se possa entender melhor a nossa caminhada mística, além de dados para que aprendamos a nos omitirmos, muitas vezes, em questões que envolvem o julgamento de pessoas.

A medicina atual reconhece que o caráter do indivíduo em parte é decorrente de sua estruturação biológica, sendo parcialmente função de transmissões genéticas.

A medicina sabe que grande parte da maneira de ser de um indivíduo é uma decorrência da sua estruturação biológica. Sendo assim como conciliar a ciência com a religião quando uma diz que as características da pessoa é uma decorrência da estrutura biológica e a outra diz que é da alma. Para que possamos nos situar diante do problema vamos tomar por base aquilo que afirma a medicina homeopática.

A Homeopatia é um sistema médico que se baseia no princípio de que os estados de doença são passíveis de cura através de substâncias capazes de originarem sintomas semelhantes àqueles que são determinados pela própria doença. A ação daquelas substâncias se faz em doses infinitesimais, em nível tal de diluição tal cuja natureza só pode ser explicado por meios físicos ultra-precisos e explicado segundo as leis da mecânica ondulatória.

A Homeopatia pode ser considerado uma medicina essencialmente vibratória, o que vem de acordo com as doutrinas místicas. É um sistema que não busca o remédio que tenha ação antagônica com o estado patológico, antes ela procura evidenciar qual a substância que o organismo necessita para reequilibrar a sua "Força Vital" e assim efetivar a cura; não só a cura daquela doença, como também de outras ainda não manifestadas fisicamente, ou mesmo, para evitar aquelas que possam atingir o indivíduo a curto prazo.

Curar o indivíduo como um todo, e não uma lesão específica, é a meta da Homeopatia.

Na busca de equilibrar a Força Vital por meio de uma substância única, descobriram os homeopatas que os sintomas e características mentais e emocionais do indivíduo são importantíssimos para a escolha do remédio preciso, que é o medicamento constitucional próprio daquele indivíduo.

Comprovou-se que cada organismo tem entre as diversas substâncias existente alguma que lhe é mais afim, exatamente aquela que melhor reequilibra a sua Força Vital.

Diante do que afirmamos acima, comprovou-se que humanidade inteira divide-se em grupos segundo os seus medicamentos constitucionais.

Isto é muito importante para listrar o estudo da dualidade da personalidade dos seres que estudamos nesta série de palestras.

Como é que o homeopata determina qual o medicamento constitucional de um paciente? - Mediante um exame, não da lesão em si, mas das condições psíquicas em geral, do temperamento, dos desejos, das aversões, da sexualidade, e das reações ante as condições climáticas e ambientais, etc. o tipo de remédio é identificado. Desta maneira encantar-se-ão indivíduos que têm muito ansiedade pelo futuro, indicativo de uma pessoa "*Calcárea carbônica*"; que têm forte inclinação para o suicídio, agressivo, etc., indicativo de *Aurum met.*"; outros com tendência para as artes, sentimentais, inclinados a ter visões psíquicas e clarividência, que lembra "*phosphorus*"; um bilioso, agressivo, ditatorial intolerante às contradições, mas também muito inseguro, possivelmente um *Lycopodium*.

Outro ponto que queremos salientar é que esse tipo constitucional parece ser em parte transmitido hereditariamente. Numa família em que um dos genitores é, por exemplo, "*Sulfur*" há certa predominância de indivíduos com essa constituição naquela família. De modo idêntico, ocorre com todas as substâncias homeopáticas e isto leva a crer que esta característica constitucional se transmite geneticamente.

Disto tiramos a seguinte conclusão: **O TIPO CONSTITUCIONAL CARACTERIZA A NATUREZA DO SER**, assim sendo um percentual muito elevado do caráter, dos desejos, emoções de todas as espécies, são condições inerentes ao organismo físico.

Quando o organismo entra em desequilíbrio em sua FORÇA VITAL todos os seus sintomas constitucionais se exacerbam a tal ponto que podem surgir doenças somáticas e psíquicas. Enquanto o ser está equilibrado, segundo o seu medicamento de fundo (constitucional), as qualidades psíquicas a ele inerentes permanecem atenuadas, porém quando surge o desequilíbrio é que elas se sobressaem. Assim sendo, um indivíduo constitucionalmente "*Aurum*" pode viver uma existência em equilíbrio sem chegar jamais ao suicídio, porém, quando ocorre um desequilíbrio em sua *Força Vital*, facilmente ele pode por fim a existência corporal se suicidando.

Estas considerações preliminares sobre o papel exercido pela substâncias constitucional, ou melhor, admitindo-se que cada indivíduo tem um medicamento de fundo inerente à sua personalidade, nos levam a uma série de indagações metafísicas interessantes.

A primeira delas é a seguinte: Se o temperamento, se a conduta de uma pessoa depende muito da sua constituição, a ponto de poderem ser corrigidos os episódios proeminentes que se exteriorizam como doença pela sua substância constitucional, pergunta-se: Até que ponto espiritualmente se pode culpar alguém por um determinado tipo de reação? Se um fator natural qualquer pode desequilibrar a Força Vital de um indivíduo "*Agaricus*", por exemplo, e este em consequência matar alguém, se tornar um assassino, até que ponto aquele espírito é culpado realmente? Ela encarnou um corpo "*Agaricus*", um assassino em potencial e como tal que em determinadas situações não tem como evitar reações agressivas intensas. Como o detentor daquele corpo com tal característica pode deixar de representar todas as características inerentes àquele tipo de mentalidade, ou sofrer as suas consequências quando um fator ambiental provocar um desequilíbrio da *Força Vital*.

Um indivíduo que haja sido dotado de um organismo constitucionalmente "*Aurum metallicum*", que pode facilmente chegar ao suicídio, que culpa ele tem se chegar àquela situação? Segundo a quase totalidade das religiões o suicídio é um crime, um pecado, um desvio da alma humana. Mas, pensemos no seguinte: Se a tendência suicida é uma contingência muitas vezes condicionada pela herança orgânica, até onde vai a culpa da alma?

A mais santa das almas que passou pelo mundo terreno, se tivesse recebido um corpo de constituição "*Mercúrios*" ou "*Nux vômica*", por certo teria sido irascível, agressivo, explosivo, e tanto quanto cruel. Ele poderia controlar esta condição até um certo ponto, mas não em sua totalidade, não a um ponto de se tornar meigo, dócil, e conformado como, por exemplo, uma pessoa de constituição *Pulsatilla*. Uma pessoa de um grupo não pode eliminar a totalidade das condições mentais desse grupo.

Quando há equilíbrio as características constitucionais se tornam atenuadas, mas sempre presentes a ponto de marcar-lhe a personalidade.

A alma de um Nero, ou de um Hitler, certamente não teria sobre si as enormes responsabilidades espirituais se tivessem encarnado uma constituição mais dócil como a de um calcarea carbônica que nem ao menos suporta ouvir falar de crueldades.

Vale agora uma indagação: A alma escolhe o corpo segundo uma necessidade evolutiva? - Para os adeptos da reencarnação como seria isto, como a evolução seria programada antecipadamente?

Um indivíduo não pode deixar de apresentar as características que sejam peculiares à sua constituição biológica. Um indivíduo, por exemplo, com aquela constituição que os homeopatas denominam *Lycopodium* pode se manter dentro de certos limites de controle, porém ele jamais será totalmente destituído de orgulho, de prepotência, de agressividade, e falta de confiança em si mesmo. Se ele se tornasse muito afetivo, carinhoso e não irritável pela contradição não mais seria *Lycopodium* e sim uma outra constituição.

Se a conduta de um se é parcialmente moldado pelo seu tipo constitucional, o que acontece com a alma quando ela tem que se submeter a uma existência inteira àquela condição? Tem-se que viver submetida às condições inerentes àquele tipo constitucional quanto de culpa ele tem em decorrência de qualquer ato que venha a praticar? E se alguém é constitucionalmente afetivo e meigo portanto que mérito, em termos de conquistas espirituais que virtude ela tem? Se sempre foi gentil e meiga, portanto uma pessoa boa, submissa e dedicada, mas se tais características são inerentes a uma condição orgânica, que mérito tem. Então como atribuir qualidades boas à aquela alma se quem condiciona o seu bom temperamento é a sua constituição física?

Que culpa cabe a uma alma se alguém é irascível, bilioso e ditatorial se é o corpo que encarna quem condiciona aquele caráter?

A Homeopatia reconhece um caráter "*mercurius*" que é muitíssimo irritável e violento, podendo facilmente matar e se suicidar. Então que parcela de culpa cabe àquela alma pelas suas atitude se tem como único crime o haver encarnado em um organismo *Mercurius*.

Segundo a Homeopatia uma mulher *Sépia* é fundamentalmente triste e detentora de uma tremenda indiferença afetiva ao ponto de abandonar o esposo e os próprios filhos sem razão aparente. Que culpa tem aquela alma se tal pessoa chega a esse extremo? Diante de uma pessoa *Sépia* em desequilíbrio, um homeopata com toda segurança pode "predizer" que aquele estado irá se manifestar mais cedo ou mais tarde, e que quando tal ocorrer àquela mulher por certo rejeitará os familiares. Indagamos o quanto de culpa ou de pecado levará aquela alma por ter um corpo assim?

Qualquer pensador até o momento fez essas indagações, exatamente porque nenhum deles viveu como homeopata tendo diante de si casos assim que atestam com toda certeza que a quase totalidade das características comportamentais dos seres são função da constituição biológica. Assim sendo quais os méritos e deméritos da alma?

Mesmo quando equilibrado toda pessoa tem sempre um seu caráter marcado pela constituição física e como tal é impossível avaliar o ser seu caráter real e verificar a sua personalidade tendo como base o corpo físico, por isto é um erro tremendo avaliar a culpabilidade de uma determinada pessoa segundo uma análise objetiva.

Aliás, como escrevemos no tema A DUALIDADE DO EU qualquer julgamento objetivo é uma ilusão, é puramente "*maya*" como dizem os orientais.

Na palestra seguinte veremos a palestra seguinte veremos o porquê de isso tudo acontecer assim.



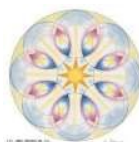
A CULPA DA ALMA?

"O CORPO É TERRA MAS
A ALMA É FOGO "
Ê N I O



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO
1976 - 3329

TEMA 0.123



Na palestra anterior tecemos comentários sobre o papel fundamental que o corpo material determina no comportamento e na personalidade de uma pessoa, e por isto indagamos o quanto de responsabilidade tem uma alma pelos acertos e desacertos de uma vida. Como o corpo condiciona grande parte das reações de um indivíduo cabe, então, se indagar sobre o nível de culpabilidade da alma.

Poder-se-ia dizer que a responsabilidade da alma é idêntica àquela que ela tem quando vivencia um corpo patologicamente doente. Um louco, por exemplo, não pode ser diretamente culpado pelos desatinos que possa cometer porque tudo o que ele faz é basicamente uma injunção de distúrbio funcional do cérebro, portanto não tem peso algum para ele como espírito. Mas, como veremos depois, mesmo neste tipo de caso ainda paira grau de culpa.

Estamos citando um caso extremo, uma mente psicopática. Neste caso estamos considerando um grau máximo de distúrbio, mas vale salientar que não é só nas situações que consideramos acentuadamente patológicas que a matéria orgânica dita a forma de comportamento do ser. Podemos dizer que não existe um ser em que a matéria não exerça algum tipo de condicionamento, de determinação sobre os atos individuais.

Os homeopatas e alguns psicólogos concluíram é muito diferente porque não é apenas nos psicopatas que a estrutura cerebral, ou glandular, dita a forma de ser, a conduta de vida pessoal. Não há dúvidas que todas as pessoas têm uma maneira de ser basicamente condicionada pela sua estrutura biológica. Na realidade o padrão de comportamento depende tanto do lado espiritual quanto do lado corporal.

Por isso afirmamos ao místico restam muitas indagações metafísicas, pois se em nenhum caso a conduta de alguém é dependência única da alma, sendo muito mais da constituição física portanto é mister uma avaliação que leve em conta essas duas condições.

Não restam dúvidas de que é muito difícil para quem não dispõe de bases místicas e metafísicas profundas compreender o porquê a alma é responsável pelos acertos e erros de uma existência. Mais difícil ainda é para aquelas pessoas que admitem que a alma só tem uma existência material. Difícil porque se torna praticamente impossível se entender a razão pela qual uma alma possa ser punida por atos que ela cometeu mas que em parte foram resultantes de um condicionamento da estrutura biológica.

Fica difícil se explicar que um espírito possa responder pelos atos impostos pela organização da matéria cerebral, por um corpo passível de ditar-lhe um padrão de comportamento dito pecador.

Para que possamos estudar esta questão vamos aqui considerar as opiniões sobre a origem da alma das duas correntes mais difundidas, *Uni* e o *Pluriencarnacionismo*.

Segundo a visão *Uniencarnacionista* é muito difícil uma resposta satisfatória para a questão em estudo, pois que a alma encarnando somente uma vez ela estando cativa das condições impostas pela

constituição física do corpo suas atitudes não seriam jamais de méritos ou de deméritos, não lhe cabendo nem loiros e nem condenações pois tudo dependeria do tipo de corpo que ela houvesse recebido.

A resposta está contida na natureza da criação dos espíritos e nas leis que regem a "escolha" do corpo. Essas leis se resumem numa lei maior que é a **LEI DO MERECIMENTO** (estudaremos oportunamente).

Outra indagação que surge é: Qual o caráter usado para a escolha de um corpo pela alma? Por que para uns, uma estrutura física que os leva a serem meigos, dóceis, e para outros, uma capaz de torná-los violentos? - Ou será que para o desenvolvimento espiritual não deve ser levado em contas aquelas condições impostas pelo tipo constitucional?

Não há dúvidas de que o organismo em parte é responsável pelo padrão mental do indivíduo. Como isso é verdade se torna difícil punir um espírito pelo que ele comete. Hoje a ciência sabe perfeitamente que o estado depressivo é basicamente uma condição orgânica e que quando muito intenso leva inexoravelmente ao suicídio. Sendo assim, porque então algumas religiões até chegam ao extremo de negarem o direito de serem celebrados atos litúrgicos para os suicidas? Uma pessoa que nasceu com uma constituição predisponente de suicídio é altamente suscetível a cometer aquele tipo de ato extremado diante de determinadas pelas pressões da vida? - Se a constituição física determina a disposição destrutiva de um indivíduo, porque, então, negar à alma o ato litúrgicos se ela não tem culpa pelo que haja acontecido?.

Muitas pessoas dirão que esta situação é semelhante àquela determinada pelas doenças mentais graves(psicopatias = loucura) em que a alma não tem culpa quando ocorre uma atitude criminosa ou pecaminosa, desde que aquele tipo de agir é fruto de uma imposição patológica grave. Mas o que queremos por em evidência é que não é só em situações mentais graves que a condição biológica dita as normas de conduta da pessoa. Estamos estudando basicamente aqueles casos em que não são aqueles em que a pessoa é considerada psiquicamente pelas leis dos homens. Estamos estudando o comportamento dos seres em geral, em que com certeza grande parte da maneira de ser é injunção da matéria. São aqueles casos em que não se trata de doença propriamente, mas apenas de uma exacerbação de "marcas" impostas pela constituição biológica e que acompanha a pessoa a vida inteira. Somente quando exacerbadas esses processos é que aquelas pessoas poderão chegar ao nível de doença, mas não quando elas estão equilibradas.

Uma pessoa "Nux vômica", por exemplo, não é um doente; ela pode se tornar doente em determinadas situações, porém ela independentemente de estar ou não doente ela se apresentará a vida inteira com o comportamento típico de "Nux vômica" que envolve uma grande agressividade. Nascendo numa constituição Nux vômica a pessoa estará marcada por um tipo característico de personalidade agressiva.

Segundo o pensamento da doutrina homeopática, o indivíduo pode estar ou não estar apresentando sintomas patológicos o estigma de determinadas doenças e maneira de ser o acompanha sempre. Segundo as constituições, conforme preceitua a Homeopatia. O problema que estamos estudando se torna de difícil resposta porque fundamentalmente a personalidade própria de cada um está basicamente ligada à constituição, sendo a doença tão somente um surto de intensificação de sintomas em decorrência de uma diminuição da atual Força Vital.

Para os adeptos da reencarnação da alma o problema oferece menos dificuldades para ser entendido, porém ainda há pontos de difícil conciliação. Segundo aquela linha de pensamento a alma volta para uma nova vida, para novas experiências que se adicionarão à totalidade dos conhecimentos e vivências adquiridas através de uma série de vidas sucessivas. Mas, mesmo assim interroga-se: Em cada nova encarnação a alma vai adquirindo um corpo constitucional mais equilibrado, mas tendente ao pacifismo, de mais resistência aos atos extremos? Se assim for poder-se-á avaliar evolução da alma segundo o tipo constitucional do indivíduo e isso não parece ser verdadeiro.

Ou será que a alma deve ter vivências em vários tipos de temperamento, encarnar várias constituições diferentes para sentir as diferentes condições como uma pessoa calma, serena, agitada, colérica, tristes, etc.? Se assim for, nenhuma atitude inerente ao tipo constitucional interessa, pois no plano evolutivo tanto faria a pessoa ser um indivíduo propenso à matar, quando a amar.

Outra indagação: Como se efetua o processo de escolha para uma encarnação levando-se em consideração o tipo constitucional? O que leva a alma a escolha para sua reencarnação um corpo de tal ou de qual natureza. Se essa escolha fosse motivado pelo querer do espírito por certo nenhum deles escolheria uma constituição mais propensa às qualidades negativas. Todos, por certo escolheriam o tipo mais harmonioso com a natureza, menos propenso a cometer atos que são considerados pecaminosos, nasceriam numa família rica, com uma estrutura bonita, charmosa, etc. A escolha seria orientada por um pouco de egoísmo ainda existente na alma após cada encarnação, fazendo com que ela escolhesse egoisticamente o melhor, daí nenhuma escolheria uma constituição feia, agressiva e coisas assim.

Se por um lado, o tipo constitucional a ser encarnado não decorre de uma escolha da alma, conseqüentemente esta não teria culpa por qualquer conduta que o corpo lhe venha impor durante a sua existência terrena.

Muitos pensarão e dirão o seguinte: Cabe à alma controlar as emoções. Não duvidamos que ela exerça certo tipo de controle sobre as emoções e ações, porém este controle não é absoluto, do contrário um temperamento constitucional não seria um fator importante na conduta do ser e jamais haveria exacerbação dos sintomas porque ela os controlaria.

Ambas as linhas de pensamento filosófico, quanto a condição da alma encarnada, levam à indagação de difíceis respostas.

Tomemos como exemplo para efetuar este estudo das relações alma /corpo o princípio dos grupos constitucionais, porém ele não é diferente de outros fatores inerentes ao meio que decisivamente marcam o tipo de conduta individual.

A nosso ver, os fatores ambientais marcam menos do que os fatores constitucionais, por isto escolhemos esta variável, para as indagações sobre a responsabilidade da alma ante a existência carnal.

Evidentemente todas as possíveis explicações oferecidas pelas religiões em geral vão se mostrando insatisfatórias. Somente se mergulhando na metafísica mais profunda da Rosacruz, de Cabala e de algumas outras Doutrinas é que se torna possível o entendimento desta problemática com perfeita clareza.

Todas as indagações que fizemos são inquirições que jamais um "iniciado" faria, isto porque todas elas foram estabelecidas em bases puramente da egopersonalidade do ser, a qual, para um místico é quase destituída de valor.

Ao místico interessa a apreciação da personalidade essencial, ou como diria um cabalista; Interessa *TEPHERETH* e não *YESOD*.

Todo condicionamento constitucional se processa unicamente ao nível do corpo, no máximo atingindo a esfera da vontade que se situa em *HOD*. A conduta e o temperamento imposto pelo grupo constitucional se fazem sentir no corpo, portanto em *MALKUT*. É preciso se separar o que é do reino de *MALKUT* (corpo) daquilo que é do *TEPENTE* (natureza essencial).

Os fatores constitucionais são inerentes ao corpo e só moldam, só marcam a Ego-personalidade.

Voltemos a tecer alguns comentários a respeito daquela observação cuidadosa feita por uma Soror (A dualidade do EU) que dizia respeito às duas maneiras diferentes como se lhe apresentava o esposo. Havia uma diferença marcante entre a sua personalidade comum e aquela que ela percebia em "projeção". A personalidade impaciente, irritável, que ela citava como sendo aquela do seu esposo em descrições físicas ambientais certamente era a *EGOPERSONALIDADE*, uma condição totalmente su-

jeito às injunções do corpo físico, sendo este constitucionalmente condicionado àquele tipo de temperamento, poderem, quando em "projeção psíquica" liberto da quase totalidade dos grilhões do corpo físico, ele não trazia aqueles estigmas constitucionais, resultando disto uma personalidade bem diferente. Quando ela o percebia em nível de "Personalidade Essencial" em que as indutores do corpo quase não se faziam sentir resultava, então, a grande diferença entre a essência e o corpo, entre *TE-PHERET* e *MALKUT*.

Como na Árvore da Vida as duas personalidades estão ligadas por uma via, conseqüentemente, há interferências recíprocas, podendo a alma, refletida como personalidade essencial, manter certo nível de controle sobre a Ego personalidade e, através desta, vivenciar o mundo objetivo, tirando dele as necessárias experiências da vida material.

A personalidade alma pertence à uma *tríade superior*, de um nível de energia vibratória elevado, por isto é pouco eficiente para atuar no mundo da matéria densa e conseqüentemente ela necessita de um instrumento adequado, que é o corpo físico.

A alma não pode dominar totalmente o corpo porque seria necessário que ela tivesse uma absoluta possibilidade de manifestação objetiva total, e se tivesse não seria necessário, por certo, um corpo. **COMO ELA NÃO TEM TOTAL DOMÍNIO, TAMBÉM ELA NÃO TEM CULPA TOTAL.**

A alma é muito eficiente no seu mundo de origem onde reinam vibrações que lhes são harmônicas, porém no mundo denso, as diferenças vibratórias não permitem um bom "acoplamento" (em linguagem de eletrônica: Um perfeito casamento de impedâncias) pois que ela cicla num harmônico muito elevado, o que determina perda no acoplamento com a matéria densa do mundo. Por isto, para que a ação da alma possa se fazer sentir se faz necessário um instrumento intermediário que é o corpo, cujas vibrações baixas se acoplar bem com as do mundo material. Mesmo assim, o corpo sendo constituído de matéria densa, ainda oferece uma tremenda resistência à atuação da alma, mas para remediar essa situação ele dispõe de estruturas orgânicas extremamente sutis em nível de matéria, que são alguns elementos do sistema nervoso, de pontos anatomicamente inidentificáveis como os "chacras" e especialmente os "Centros Psíquicos" normalmente ligados à alguma glândula de secreção interna. Os Centros Psíquicos são verdadeiras "estações receptoras" das vibrações elevadas oriundas dos planos imateriais. Os "chacras" são conversores de forças, captadores de energia, verdadeiros "plugs" para a recepção de energia de altíssimas frequências.

Toda essas estruturas interagem um sistema muito delicado de processamento das mensagens integradoras entre a alma e o corpo, mas o rendimento não é 100% eficiente. Há uma perda enorme, há uma resistência ainda extremamente marcante capaz de reduzir acentuadamente o processo de interação.

O corpo tem uma natureza própria, com características individuais, peculiares, que não podem ser controladas totalmente pela alma em decorrência do que citamos antes. Sendo assim ela não pode sentir todas as sensações conseqüentes das atividades somáticas, e vice-versa. Há erros que refletem na alma, exatamente aquelas que ela poderia controlar, mas há aquelas que só o corpo é responsável porque a alma não tem possibilidade de manter o devido controle.

Todas as condições mentais de um indivíduo que encarna um tipo constitucional violento, refletem-se pouco da alma, por isto o que mais deve ser levado em conta para uma avaliação do seu plano de desenvolvimento, plano de consciência psíquica clara, não são as atividades físicas e psíquicas.

Todos os problemas materiais se tornam muito evidentes ao nível da Ego personalidade "YESOD" porém muito atenuados ao nível da Personalidade Essencial *TEPHERETH*.

Para terminar resta-nos discutir quanto aos critérios de escolha adotados pela alma para uma encarnação, o que faremos na palestra *A ENCARNAÇÃO E A ALMA*.



A VULNERABILIDADE DO SER

" O INTELLECTO ANULA O DESTINO.
QUEM RACIOCINA É LIVRE".
EMERSON

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO, FRC
1984 - 3337

TEMA 0.168



Há muita polémica em torno da vulnerabilidade do ser, indagações se ele pode ser atingido por forças estranhas, especialmente por espíritos desencarnados e coisas assim. Em caso afirmativo a indagação é até que ponto um ser é passível de ser vítima de um outro, se existem meios através dos quais, uma pessoa pode prejudicar outra.

Na palestra A TRANSMISSÃO DO MAL vimos várias vias por onde alguém pode prejudicar os seus semelhantes. Vimos que de forma direta, mecanicamente, isto é muito fácil, mas que através de outros processos poderá ou não ser fácil, pois tudo vai depender da sugestibilidade do receptor, ou da pessoa que pretende prejudicar tenha domínio de conhecimentos especiais sobre a natureza dos seres. Indaga-se se existe meios que possibilitem alguém atingir uma pessoa por processos mágicos ou psíquicos independentemente da sugestão? - A resposta é positiva e a seguir veremos por que.

Para se compreender o ser com todas as suas funções físicas e psíquicas nada melhor do que o esquema da Árvore da Vida, pois ele representa a “planta arquitetônica” do homem e de todas as coisas existentes por isto a usaremos também nesta palestra (Vide fig. 1).

Na palestra MENTE SÃO EM CORPO SÃO vimos que os "sephirah" só se manifestam no homem graças a *Malkut*. Este sephiroth é o palco onde todas as atividades se exteriorizam no mundo material. Portanto somente *Malkut* pode ser vulnerar. Qualquer prejuízo de uma função orgânica (Hod e Netzah) requer vulnerabilidade do corpo físico. Todas as ações mecânicas necessariamente têm que lesionar o corpo.

Igualmente é através do corpo que ocorre a conscientização das coisas. Via de regra tudo aquilo que um indivíduo percebe do mundo material é fruto das percepções de *Malkut*. Disto resulta uma primeira conclusão. Excetuando-se os danos físicos todos os demais condições que possam ser dirigidas a uma pessoa passa pelo crivo da razão objetiva, portanto parte integrante de *Malkut*. Ali o intelecto tem condições de aceitar ou de recusar qualquer percepção, como dizia Emerson: O INTELLECTO ANULA O DESTINO...”.

Assim sendo todas as portas de entrada praticamente estão situadas em um *sephirah* que é *Malkut*. Tudo aquilo que uma pessoa vê, sente, percebe, pensa e intui, se manifesta em função de *Malkut* e este tem intelecto para aceitar ou rejeitar.

O intelecto exterior, a mente pura, as emoções, ou seja, todos os "sephiroth" da tríade média da Árvore da Vida, bem como os da Tríade Superior não se manifestam diretamente no mundo material.

Evidentemente o Intelecto Puro (= mente. consciência) existe por si mesmo e inunda todo o universo. O intelecto puro individualizado constitui o espírito independentemente do corpo, mas sua manifestação no mundo material requer a participação do corpo físico, pois sua frequência vibratória está tão afastada das frequências do mundo da matéria densa que a ressonância é infinitamente peque-

na, por isto o intelecto puro não é capaz de desenvolver qualquer ação intensa diretamente sobre a matéria. Somente com a conversão redutora das frequências que se processa no cérebro é que o intelecto puro pode atuar no plano onde estamos.

Analisando-se o esquema da *Árvore da Vida* vemos que dentro das condições normais nenhuma interferência de fora pode influir sobre os sephiroth sem que isto seja feito através de *Malkut*. Como perturbar uma emoção, uma intuição, uma atividade orgânica diretamente, se elas inexistem sem o corpo? Como vulnerar um pensamento sem que a ação vulnerizadora seja dirigida ao corpo físico?

Uma emoção pode ser perturbada, ser alterada, mas isto só pode ser feito através do corpo e ali está o Intelecto para anular aquilo que não passe pelo crivo da razão. Se uma influência exterior se fizer sentir ela não interfere na emoção diretamente, mas sim no indivíduo que sente a emoção, e este tem meios de anular, de ser que aquela emoção não existe por si mesmo. Diante de uma personalidade muito forte as emoções nada provocam, pois elas têm que vencer as defesas da personalidade, portanto, somente penetrando através de *Malkut* isso se torna possível.

Por uma questão de distanciamento vibratório nenhuma ação material pode atingir diretamente a essência anímica. A recíproca é verdadeira, a alma, o intelecto em essência, não pode atuar diretamente sobre o organismo diretamente por isso é impossível se vulnerar uma alma, assim como emoções, intuição, etc. sem vulnerar o organismo.

No homem, aquele ser simbolicamente expresso pelo pentagrama com a quinta ponta voltada para cima, não há condições de ser atingido por sortilégios. Apenas e através de *Malkut*, parte da estrela de cinco pontas invertida, é que as condições maléficas podem vulnerar o ser.

Como citamos antes e em outras palestras a matéria é pouco responsiva às frequências elevadíssimas da Tríade Superior, sendo assim uma ação direta não pode ser veiculada a partir de lá, bem como aquilo que é inerente à coluna da direita da *Árvore da Vida*, como, por exemplo, a intuição, as emoções profundas e os processos autônomos, porque eles não envolvem a mente objetiva, e sim a Mente Cósmica de onde tudo o que de dali provém está isento de condições de maldade.

Para que a entidade alma, a mente, possa atuar no mundo denso é indispensável um corpo físico. Sem um corpo material jamais pode se efetuar qualquer dano direto a quem quer que seja. Assim, a alma ou qualquer ser imaterial não podem agir diretamente sobre um ser material, em decorrência de ineficiência de sintonia vibratória. (Estão muito afastadas no Teclado Cósmico)

Numa palestra anterior dissemos que os Grandes Mestres devem ter um corpo denso para poder exercer atividades no mundo material. Evidentemente eles se revestem de um corpo muito mais tênue do que o do homem comum, mas mesmo assim ainda é um corpo material. Como mente, como personalidade alma incorpórea, nem os Grandes Mestres podem desenvolver ações materiais diretamente.

Disto vemos que é impossível uma entidade alma, incorpórea, vulnerar **diretamente** quem quer que seja. ***Se entidades de outros planos tentarem vulnerar, causar prejuízos a uma pessoa, só é possível através de uma ação em nível de corpos intermediários e isso envolve um elevadíssimo dispêndio de energia e mesmo assim de certo modo o processo requer um tanto de sugestionabilidade é sugestionabilidade.*** Via de regra é a própria pessoa que se condiciona, se enche de temores, somatiza aquilo que apenas como uma irradiação, e então a própria mente dela é que desenvolve o malefício, quer essa sugestão seja consciente, quer seja inconsciente.

A pessoa que conseguir se defender de um mal direto, e se não der guarida à sugestão, se tiver uma personalidade forte e bem formada com conhecimento da natureza dos planos do astral é um ser livre e imune a quaisquer malefícios externos.

Desde que a pessoa se defenda da ação direta e não se condicione com os processos de magia, de nenhuma forma ela será vulnerado pelos processos de magia negra.

Não estamos querendo dizer que a magia negra não existe ou que é inofensiva. Muito pelo contrário, ela existe é perigosíssima mas o ser pode ser invulnerável a ela e é exatamente isso o que pretendemos mostrar.

Em tema futuro estudaremos como os processos de magia negra atuam.

Qualquer emissão vibratória, qualquer transmissão, seja lá qual só pode agir de três maneiras:

DIRETAMENTE: (requer veículo material) ou por outras formas de energia ligadas às matéria. Queremos dizer, utilizando algum instrumento algum aparelho emissor, ou coisas assim que emitam ondas vibratórias lesivas, ou que causem impacto físico. Estas fontes, por serem materiais, somente podem ser manipuladas por seres materiais, portanto não há por que as temer.

Evidentemente a mente pode atuar sobre a matéria, haja visto o fenômeno "poltergeist", contudo é algo excepcional, um processo de elevadíssimo dispêndio de energia sutil. Por isto e por muitos outros fatores, somente pode ocorrer raramente. Só excepcionalmente uma pessoa consegue ativar mentalmente a matéria densa com facilidade por isto os "trabalhos" de magia negra em sua grande maioria nunca atuam diretamente sobre o corpo, sendo mais comum pela sugestionabilidade.

INDIRETAMENTE : Quando os canais sensoriais normais ou paranormais são utilizados, neste caso o mal está na interpretação que a mente objetiva der. Sendo assim é possível ao ser anular a emissão, o que equivale a não se deixar influenciar.

Os fetiches, os objetos impregnados com emissões psíquicos são dispositivos estudados no tema PSICOMETRIA e podem vulnerar o indivíduo porém só de forma indireta. A mensagem nesta que um fetiche possa veicular não exerce qualquer ação direta, é preciso que aquilo que está registrado no mente da pessoa seja "decifrada" pela sua mente. Esta analisa a mensagem, grava e assim por haver o condicionamento resultando como consequência uma sugestão. A ação da mensagem é unicamente resultante da maneira como a mente objetiva a aceitar.

Poderá haver mal, ou não porém quando houver ele será decorrente apenas da interpretação objetiva. Se a pessoa não se tornar "condicionada" pela mensagem nenhum malefício poderá vulnerá-la.

Um fetiche pode ser autêntico, energeticamente carregado e preparado segundo a psicometria porque em qualquer coisas podem ser gravado mensagens e entre elas alguma que seja nefasta. Atua como se fosse uma película cinematográfica que pode determinar algum tipo de mal conforme a influência que exercer sobre a pessoa. Isto vai depender da maneira como a pessoa recebe e interpreta a mensagem. Inconscientemente a pessoa entre em sintonia com a mensagem gravada num fetiche mas se a mente objetiva da pessoa não aceitar a mensagem, se não se deixar guiar por ela, seja qual for o mal impresso no fetiche não se fará sentir. Ela não tem ação direta alguma, apenas indiretamente influenciando a pessoa. Assim não se pode dizer que num fetiche, num "despacho" ou coisa equivalente, não possa haver uma mensagem nefasta capaz de atingir um indivíduo.

Tudo aquilo que tocamos, que manipulamos, fica impregnado com as nossas vibrações, por isto mesmo é que a maioria dos bruxos mesmo desconhecendo a lei que rege esse fenômeno obtêm resultados, mas aquilo só acontece porque algo quando é manipulado com ódio, com desejos maléficos, etc. fica impregnado com aquela mensagem negativa; fica como que se fosse uma fita magnética gravado com uma mensagem nefasta. Assim, quando alguém tiver contacto com aquele objeto inconscientemente pode ter percepções da mensagem. Dai para diante está sujeito haver a possibilidade de um mal se aquela pessoa, mesmo sem compreender os princípios envolvidos, se tornar sugestionada com a impressão que sentiu.

Por outro lado, se a pessoa conhecer os princípios, conseqüentemente se não se influenciar ante a percepção que sentiu, aquela objeto será tão inofensivo quando um fita magnética gravada com uma mensagem nefasta que uma pessoa escute mas que não lhe dê qualquer importância. Escutando a gra-

vação da fita a pessoa poderá ou não seguir aquilo que nela está contido, tudo dependerá do grau de aceitação. Caso nada daquilo seja aceito a fita será tão somente uma fita tola e inconsequente.

A Árvore da Vida é um sistema fechado por onde só entram as coisas através de Malkut, através de *Kether* ou de alguma outra árvore interligada.

Vejamos o acesso através de *Kether*. Por esse ponto é impossível a veiculação de qualquer coisa capaz de vulnerar o ser. Não há possibilidade de malefícios porque ali está a Centelha Divina, naquele nível todos os seres são puros. O pecador e o santo, o malfeitor e o ordeiro, enfim, todos os seres são puros e perfeitos em *Kether*. Todos os seres são iguais naquele nível. Não havendo diferenças entre os seres naquele nível, conseqüentemente dali nenhum mal pode ter origem ou passar por lá. Naquele ponto todos são UNO, desprovidos de paixões, portanto não há alguém para fazer mal a alguém.

Quando uma emissão má, procedente do ser objetivo chega ao nível da Centelha Divina, esta, como Mente Pura e Consciente interpreta tudo com imperfeição do ser objetivo e nada veicula conseqüentemente.

Ela, a Centelha Individual, é da mesma natureza eu a de qualquer outro ser e somente aquilo que ela julga necessário ao ser é veiculado através dela. O mal a outrem não é aceito naquele nível. A Centelha Divina de um marginal é idêntica à de um santo, é como "a corrente elétrica" que flui por duas lâmpadas distintas ligadas em série", portanto a porção que estiver fluindo por uma delas tem a mesma natureza da parcela que estiver fluindo pela outra; qualquer alteração, corte, interrupção num dos filamentos afeta igualmente a outra lâmpada, por isto uma dessas opções não faz distinções e não veicula nada de prejudicial à outra, pois isto equivaleria a fazê-lo contra si própria. Todos os seres se interligam através de *Kether* por onde flui a Corrente Cósmica comum a todos.

Os seres do Universo são "Árvores da Vida" ligados entre si por um fio de Consciência Cósmica, e é este fio o canal de interação entre os seres por via mística.

Kether é um ponto comum de todos os seres e por Ele todos os seres são iguais, ou melhor, uma só coisa, por isto ali não se estabelecem diferenças entre seres. Ali nenhuma individualidade fará mal a outra porque estar fazendo a si mesmo.

É impossível uma entidade incorpórea assumir o corpo de um ser qualquer porque cada ser é uma árvore independente. Um espírito que estiver dentro da árvore do nosso universo não pode se apossar de um corpo, seria preciso que o espírito ao qual pertencesse o corpo houvesse dele saído. Contudo, pode haver irradiação de uma mente e a mensagem ser captada por uma outra se efetivando assim uma transmissão de informações. Pode haver uma projeção da consciência para um outro plano onde haja sintonia com uma outra.

Contudo pode ocorrer uma coisa muito séria que é o imbricamento de árvores Fig. 1 .

O imbricamento de Árvores são interações de seres de planos paralelos e será assunto de uma outra palestra.

Todas as informações espíritas de que um obsessor se apossar de um corpo de uma pessoa, ou que um espírito incorpora-se numa pessoa, na realidade não é bem assim. O que existe é a captação de mensagens por uma pessoa e o mais decorre de mecanismos da mente do receptor. Incorporação significaria duas árvores se fundirem e isso não existe.

Pela fig.1 podemos ver árvores imbricadas. Em casos assim há interações entre diferentes seres porém evidentemente não é uma incorporação porque corpo é Malkut. Uma incorporação implica em que numa das árvores Malkut fosse ocupado simultaneamente por duas árvores. Uma árvore na realidade contem um numero muito elevados de outras árvores. Por exemplo uma célula de um indivíduo é uma árvore em si e que está contida na árvore maior da pessoa. Uma árvore pode conter um imenso número de outras, mas não pode conter igual a ela própria.

Toda Criação, este universo onde estamos se constitui uma "Árvore" e nele estão contidos um inconcebível número de outras Árvores mas todas estas são hierarquicamente menores do que aquela.

Não é possível dois universos idênticos ocupando o mesmo espaço. Um universo idêntico só pode existir como paralelo, um ligado ao outro por *Kether*. No tema 169 será mais bem explicado as diferentes possibilidades de interligação entre árvores.

FIG 1

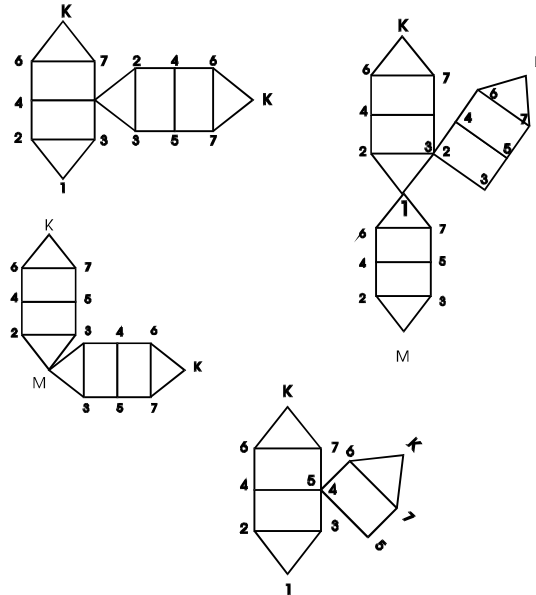
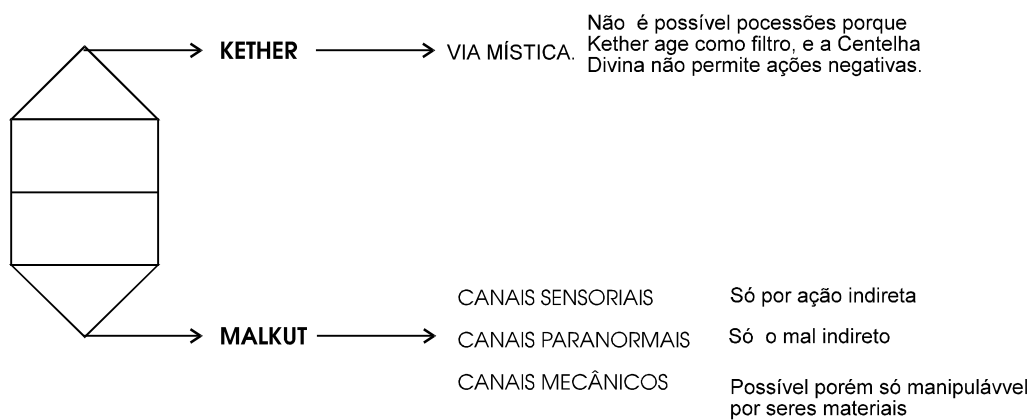


Fig.2



Concluindo diremos que estudamos as possibilidades de dano direto ao ser como algumas doutrinas espíritas afirmam. Mostramos que é impossível, contudo veremos em outras palestras que existe essa possibilidade porém a maneira é outra bem diferente.

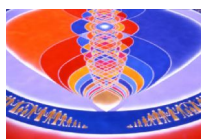


O SER E O UNIVERSO

“ O SER NÃO É APENAS UMA UNIDADE
NO UNIVERSO, MAS UMA UNIDADE DO
UNIVERSO”

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO, FRC.
1976 - 3329

TEMA 0.322



Inicialmente temos que admitir como premissa uma condição que tem sido demonstrada verdadeira. As doutrinas místicas ensinam desde um passado bem remoto, e a ciência oficial ultimamente também vem admitindo que todos os processos biológicos, quer eles sejam da esfera somática quer da psíquica, parecem ocorrer segundo as leis da mecânica ondulatória e da Teoria Quântica.

Talvez, o fator que mais tenha influenciado as ciências oficiais para a aceitação deste princípio haja sido as pesquisas no campo da parapsicologia que, na tentativa de explicar certos fenômenos como a telepatia, por exemplo, aventou a idéia de que esta, bem como outros fenômenos parapsicológicos, provavelmente se processariam por meio de ondas semelhantes às de rádio. Na prática não foi possível provar isto, razão pela qual, novas teorias surgiram, contudo, se a ciência oficial não conseguiu provar que certos fenômenos psíquicos se processam por meio de ondas hertzianas. Mas, por outro lado, também não ficou demonstrada qualquer impossibilidade de existir algum outro tipo de transmissão, pois as experiências só serviram para provar que aqueles fenômenos não são detectáveis nos comprimentos ondas comuns das emissões de rádio, mas deixando em aberto a possibilidade de outros tipos diferentes de ondas. Podemos afirmar que ondas hertzianas são ondas restritas a determinadas faixas vibratórias do Teclado Cósmico, mas em outras faixas não é impossível que ocorram outros tipos de ondas transmissíveis.

A falta de detecção de inúmeras bandas de frequências é justamente a razão pela qual a ciência oficial ainda não evidenciou que todos os fenômenos de natureza parapsicológica, como a telepatia, a metagnomia, a telergia, etc., se processam segundo os princípios da mecânica ondulatória.

Em resumo: As emissões relacionadas aos processos parapsicológicos podem não se processar dentro das faixas de ondas hertzianas comuns, porém elas são indubitavelmente emissões ondulatórias.

Em temas anteriores salientamos que as leis comuns da fisiologia não justificam inúmeros fenômenos comuns, especialmente aqueles que envolvem algumas condições psíquicas, e citamos especialmente aquele exemplo de um paciente quando sob estado de condicionamento hipnótico ao ser tocado por um estilete frio poder desenvolver uma bolha com todas as conseqüências e características daquela produzida por uma queimadura comum. Fizemos ver noutra palestra que isto não seria possível de acontecer mediante qualquer processo conhecido da fisiologia animal atualmente estudado.

Em decorrência deste fato atribuímos a causa daquele fenômeno à integração entre a consciência individual da célula e a consciência do indivíduo. Mas, mesmo assim, ainda nos resta saber como ocorre a interação entre a consciência do indivíduo e a células.⁴

Podemos afirmar que no ser multicelular há dois tipos fundamentais de vias de interação.

Num primeiro tipo estão aquelas vias conhecidas da fisiologia como via nervosa (impulso nervoso), e a via humoral (substâncias veiculadas até a região pela circulação dos líquidos no organismo).

Num segundo grupo, que a ciência desconhece, situam-se os fenômenos relacionados com a interação entre as individualizações de consciência. Na realidade esse tipo de interação não se processa por qualquer via e nem mesmo por emissão ou vibração de qualquer espécie, como veremos na palestra seguinte.

Em resumo podemos dizer que um ser tem absoluta necessidade de manter uma interação perfeita entre as partes e o todo, do contrário surge um estado de desarmonia orgânica que se manifesta sob a forma de doenças, quer somáticas, quer psíquicas, conforme abordamos em outra palestra. Mas a integração vai muito além daquela que existe entre a parte e o organismo físico.

Um dos grandes erros que o homem tem cometido permanentemente é situar o ser vivo isoladamente no mundo, tornando-o uma unidade no universo quando na realidade ele é uma unidade do universo.

Somente nos últimos tempos tem-se ouvido falar de que os seres (animais e vegetais) vivem integrados a outros sistemas e a outros seres formando os chamados sistemas ecológicos.

Um sistema ecológico é por definição um sistema de inter-relacionamento dos seres entre si, e entre eles e o meio ambiente através de atividades biológicas. Porém, cabe-nos afirmar que os sistemas ecológicos clássicos, embora fundamentais, ainda não são tudo, são limitados em número de elementos, e de vias de interação. Num sistema ecológico clássico são levados em conta poucas espécies, quanto em realidade ele é imensamente mais amplo em unidades e a interação entre os seres é extremamente profunda e praticamente infinita.

A interação não se processa somente no que diz respeito às atividades ambientais, á ação direta de um ser sobre outro, quer facilitando quer dificultando as sobrevivência recíprocas. Há uma gama bem mais sutil de interdependências entre os ser que se processam numa faixa bem mais difícil de ser pesquisada.

Enquanto os ecologistas somente analisam o inter-relacionamento ao nível das relações biológicas clássica, há outro campo praticamente inexplorado, bem mais amplo e que considera relações holísticas abertas, pois os seres interdependem-se não somente no plano somático, objetivo, mas também no plano psíquico e bem além deste, conforme estudaremos na palestra seguinte.

Já vimos no tema “INTERAÇÕES PSÍQUICAS” que os seres possuem diversos canais por meio dos quais eles estabelecem comunicações recíprocas, quer em nível consciente, quer inconsciente. Disto decorre uma consequência interessante: Se muitas coisas que parecem surgir de dentro de nós, por exemplo, um pensamento ou uma idéia, pode ter origem exterior e por isto o que percebemos é apenas a detecção inconsciente de uma emissão pelas vias extra-sensoriais, então, como sabermos aquilo que é próprio de nós e o que é captado de fora? - Como saber se algo que aflora à nossa consciência objetiva procedente de um nível inconsciente de nós mesmos ou de fora? - Evidentemente não é muito fácil separar as duas coisas, por isto muitos erros decorrem exatamente do julgar que aquilo que aflora como sendo mensagens exteriores ser na realidade elaborações pessoais e, por outro lado em outros momentos se deixar de dar importância às percepções intuitivas exteriores por julgá-las idealizações e devaneios pessoais.

⁴ Na realidade Consciência é uma só em todo o Cosmo. Há como que setorizações desta consciência, as individualizações são delimitações da Consciência única, delimitações que podem ser de uma forma lata considerado isolada, personalizadas, mas mesmo assim ainda existe um elo interligando todas as pretensas unidades.

Outro ponto que devemos estudar diz respeito à integração das unidades que compõem um organismo.

Se a consciência manifesta a nível celular pode se integrar a consciência do organismo do qual faz parte sem ligação material contínua, por qual razão consciências que não pertençam ao copo físico do indivíduo não podem também estar permanente, ou temporariamente, integradas entre si? ⁵Esse tipo de indagação existe porque nem ao menos se conhece os limites daquilo que chamamos indivíduo.

Por muitas vezes pensadores fizeram a seguinte indagação: Qual o limite do corpo humano”? - Onde ele começa e onde termina? - Seria a epiderme o limite externo? Ou seria ele determinado por tudo aquilo que vai além da pele, como a aura e de outros campos energéticos que existem em torno do corpo físico?

Uma serpente detecta o ser vivo não por suas características físicas comuns, mas pelo seu campo de calor graças a um dispositivo próprio para a detecção do campo constituídos pelas irradiações infravermelho emitidas pelo calor do corpo. Para a serpente, portanto, um ser vivo é algo muito mais volumoso do aquele que vemos. Portanto o limite de um mesmo corpo não é o mesmo quando percebido por uma pessoa ou por uma serpente. Sendo assim onde termina o corpo? Ninguém pode saber e por isto não pode ser dado uma resposta à indagação feita.

Se alguém dissesse que o corpo do ser vivo pode ser limitado até aquele ponto onde o seu calor se faz presente, isto é, até o limite do seu campo infravermelho, abriria um campo para especulações muito intrincado. Para uma pessoa o limite do corpo de um ser vivo é a pele ou no máximo os pelos dele. Por outro lado para uma serpente é o limite da irradiação infravermelha; para um “vidente” e para alguém que analise uma fotografia Kirlian aquele limite é o da aura.

Atualmente se sabe que o ser emite não somente calor ou irradiações que formam a aura, mas também ondas telepáticas e uma gama imensa de outras irradiações ainda não evidenciadas pela ciência oficial. Considerando-se que para quem detectasse aquelas faixas de frequências seria outro, temos necessariamente que admitir ser a rigor impossível estabelecer o limite definitivo de um ser qualquer. Somente se pode estabelecer limites se concomitantemente for estabelecido em que condições for feita a sua determinação.

Vejamos agora outro ponto importante. Quando é que se pode dizer que um ser interfere diretamente sobre outro? - A primeira resposta poderia ser: Quando o atinge fisicamente? Para um ser interferir fisicamente noutro se faz preciso que ultrapasse o limite físico considerado, isto é, a pele. Mas, como vimos antes, se o limite não é realmente a pele, indagamos então se algo que atinja aquele limite invisível está ou não atingindo ou havendo algum tipo de interferência. Se duas pessoas estão próximas entre si de modo que as ondas de calor de uma se misture com as de outra, há certamente uma interferência ao nível do campo infravermelho, não é certo? Numa multidão, por exemplo, ao nível do campo infravermelho todos os seres estão como que englobados formando uma só estrutura. Neste caso uma serpente detectaria o conjunto como uma coisa só. Se transportarmos esse raciocínio para as demais radiações o que obteremos? - Certamente um ser coletivo...

Nesta palestra visamos mostrar que o ser encarnado não pode a rigor ser delimitado. Toda delimitação é estabelecida segundo o nível de percepção do observador.



⁵ Quando falamos de consciências individualizadas na realidade falamos de níveis, pois em essência consciência é uma só.

A AMPLITUDE ESTRUTURAL DO SER

“ACORDADOS, DESFRUTAMOS DE UM MUNDO
COMUM A TODOS. ADORMECIDOS, VAGUEAMOS
NUM MUNDO INTEIRAMENTE NOSSO”.



TEMA 0.323



Na palestra anterior vimos que o limite estabelecido pelas estruturas celulares da pele formando o corpo somático não é o ser todo porque ele na realidade se estende de forma indefinida. Enquanto o corpo somático geralmente está delimitado aquele segundo corpo, ou melhor o “campo” das irradiações de cada indivíduo está como que associado à um variado número de corpos de diversos seres, formando uma espécie de ser coletivo. Uma serpente, por detectar o campo infravermelho percebe um grupo de seres que estejam próximos, como sendo uma só unidade individual.

Há outro ponto muito importante que diz respeito não à condição de diversos seres serem detectados como um só, mas um mesmo indivíduo ser detectado como se fossem diversos, um ser com múltiplos corpos.

Para o nível sensorial de uma pessoa o corpo é uma estrutura delimitada até o limite estabelecido pela pele, mas para uma serpente aquele limite é o do campo infravermelho, portanto o corpo é muito maior do que o que vemos. Mas não é apenas o campo infravermelho que existe em torno de um ser vivo, pois há o campo energético constituído pelo corpo bioplasmático que pode ser fotografado pelo processo Kirlian e percebido pelos sensitivos. Mas não é apenas mais este um campo (que pode ser considerado um segundo corpo). Existem mais cinco níveis, perfazendo um total de 7 campos (= 7 “corpos”). Assim o indivíduo apresenta uma sucessão de corpos formando uma estrutura unitária mutuamente constituída, sendo cada nível delimitado por patamares de frequências vibratórias.

Como só temos consciência objectiva da parte somática dos seres aqueles “envoltórios” presentes no corpo físico consistidos pelas suas irradiações não são levados em conta.

Em razão do que acabamos de afirmar é que erroneamente se pensa que existe somente o corpo somático, ficando os “corpo” constituídos de irradiações completamente ignorados.

Esses ensinamentos podem ter certa comprovação quando estabelecemos uma analogia com o um corpo pluricelular. Cada célula tem a sua própria forma de consciência, e aquela consciência celular, dentro de certos limites, é autônoma porém quando a célula faz parte de um organismo ela se integra à consciência coletiva individual. Esta, por sua vez, até certos limites tem autonomia própria mas por sua vez também integra-se à uma mais ampla que é consciência coletiva e assim sucessivamente num total de 7 níveis culminando com a integração à CONSCIÊNCIA CÓSMICA.

Já o mestre da psicanálise Jung revelou a existência de inconsciente coletivo, muito embora antes dele isto já fosse claramente ensinado pelo misticismo com o nome de CONSCIÊNCIA COLETIVA.

Como seres coletivos as estruturas vivas multicelulares não são “ilhas”, não existem isoladas. A interdependência entre os seres vai muitíssimo além dos limites estabelecidos pelos ecologistas. Estes

preconizam um limite que vai tão somente até o nível da estrutura somática, enquanto os místicos entendem que ele vai bem além, vai até onde as emanções de um ser estendem.

Uma comprovação experimental do que antes afirmamos é difícil de ser feito nos seres elementares mas nos seres ao nível animal torna-se mais fácil, como entre o homem e os vegetais.

Ligando-se galvanômetros a dispositivos inscrites de gráficos e acoplando-os a um vegetal pode-se comprovar que até mesmo as emoções sentidas por uma pessoa a muitos quilômetros de distância podem ser detectadas pelas plantas e isto ser comprovado com registros gráficos, demonstrando haver uma forma de percepção por parte de uma planta.

Backster, na Califórnia fez muitas experiências desse tipo. Ele mantinha um grupo de plantas com as quais estava familiarizado e quando saía as deixava no laboratório ligadas à aparelhos de registros gráficos. Tudo aquilo que ele vivenciava, como sejam: raiva, ansiedade, medo, susto, etc., mesmo estando as plantas a quilômetros de distância, era “sentido” pelas plantas, conforme ele comprovava através dos gráficos quando voltava ao laboratório. O gráfico de cada planta evidenciava que para cada emoção havia um registro característico no gráfico e também que o registro era feito pela planta no exato momento em que alguma emoção ocorria.

Há algo de coletivo entre a planta e a pessoa. Quando à via de integração por meio da qual isto se processa pouco sabe-se a respeito. Trata-se de uma via desconhecida da ciência, mas que podemos dizer que é uma decorrência direta da natureza unitária da consciência (a consciência é uma).

Diante do que acima afirmamos, pode-se concluir que qualquer ser pode sofrer influências das mais diversas naturezas procedentes do seu meio exterior e senti-las desde que hajam detectores aptos para o devido registro. A consciência da recepção de algo exterior depende da existência ou não de bloqueios estabelecidos entre o ser e o meio.

Em decorrência dos bloqueios, quando se tem uma sensação ou coisa equivalente é um tanto difícil se saber se é algo inerente à mente individual ou se uma recepção a nível subconsciente procedente de uma fonte exterior aflorando à consciência objetiva.

Em resumo: Todo ser tem uma individualidade relativa; dentro de certos limites ele é individualizado tal como uma célula o é no organismo, mas, dentro de outras condições ele deixa de ser um indivíduo isolado e passa a ser um indivíduo coletivo.

No organismo há uma interação sutil entre as células que mantêm o ser como unidade. A interação que mantém a individualidade do ser se faz por *vias nervosas* (nervos), por *vias humorais* (sangue, linfa, e outros fluidos), e pela *energia Qi* (energia sutil veiculada através dos meridianos de acupuntura), e especialmente por *sintonia vibratória* integrando as unidades celulares entre si constituindo assim o indivíduo.

As células se integram num sistema individual por diversos mecanismos, entre os quais:

Anatômico: Agregação das estruturas celulares formando os tecidos, os órgãos e o organismo;

Fisiológico: O acoplamento fisiológico entre os diferentes tecidos e órgãos mediante a ação de impulsos nervosos, ou atividades químicas levadas a efeito pelos humores, e pela energia Qi.

Vibratório: Emissões vibratórias diversas

Consciência: Como consciência é uma só há uma integração automaticamente as delimitações individualizadoras.

Tal como ocorre na integração entre as células e o organismo também este se integra outros seres pelas vias comuns de relacionamento biológico assim como por outros meios sutis vibratórios, que os interligam em níveis de consciência. Assim sendo, as células são para o organismo o que este é para a coletividade dos seres.

Nesse ponto duas indagações ocorrem. A primeira delas diz respeito ao limite até onde a consciência se expande e a segunda refere-se às estruturas que podem ser consideradas conscientes.

Como resposta à primeira pergunta podemos dizer que é ilimitado por ser cósmica pois aquilo que chamamos de consciência pessoal nada mais é do que uma individualização relativa de uma forma de consciência absoluta que permeia todo o cosmos. Assim, todo o universo está integrado através da **CONSCIÊNCIA CÓSMICA**.

Como resposta à segunda diremos, primeiramente, ser incorreto se afirmar ser, por exemplo a célula, ou a bactéria, ou o vírus. Qualquer afirmação desta é errônea, pois se afirmássemos ser o vírus, a própria ciência oficial contestaria: E qual o limite entre um vírus e um mineral desde que muitos vírus podem ser cristalizados como se fossem minerais, além de muitas outras características próprias do reino mineral. Recentemente os cientistas conseguiram dividir um vírus simples em duas proteínas componentes (transformação de algo vivo em algo “não vivo” biologicamente inerte, portanto). Separadamente aquelas proteínas não têm vida, comportam-se apenas como simples substâncias químicas, mas no momento em que as duas proteínas sejam ajuntadas novamente imediatamente ressurgem o vírus vivo. A substância sem vida, segundo os conceitos da química, torna-se viva pela simples junção dos seus dois componentes.

Se a consciência é algo inerente à vida, como então saber o que ocorre com ela no exemplo acima citado. É, portanto, altamente impossível fixar o limite de expansão da consciência entre as formas de existência porque o limite é infinito.

A partir de certo ponto é impossível se afirmar onde se situa uma fronteira a partir da qual se possa afirmar, aqui termina a vida animal e ali começa a vida vegetal ou, indo mais longe, não se pode dizer aqui termina o orgânico e começa o inorgânico; aqui é o limite entre os seres vivos, entre as estruturas animadas e as inanimadas (estruturas minerais), aqui termina o vírus e a partir daqui o inorgânico, os minerais, pois na verdade as duas coisas se interpenetram.

Podemos afirmar que limite é algo muito relativo pois na realidade não existem limites no sentido absoluto. Sempre tem que ser precisado em relação a que algo está limitado.

De tudo isto resulta que o limite da consciência na escala dos seres cientificamente é indeterminado mas um místico responderá: Não existe limite algum pois a consciência é uma e portanto não é apanágio dos seres vivos reconhecidos cientificamente. Ela existe presente em todas as coisas do universo, quer nas células, quer nas simples moléculas, quer nos átomos e mesmo nas partículas como, por exemplo, o elétron (vide o livro O ESPÍRITO ESTE DESCONHECIDO de Alex Carrel).

A consciência nas miríades de estruturas do universo torna-se cada vez mais individualizada, mais manifesta objetivamente nos animais em geral e no ser humano em particular, porém ela sempre está presente em qualquer dos reinos da natureza e especialmente além deles.

O universo é como um oceano de consciência do qual somos partes integrantes, constituindo, portanto um fantástico Sistema Holístico Amplo e Aberto. Por isso qualquer ação do homem sobre o seu semelhante, e sobre qualquer dos seres da natureza; sobre qualquer estrutura existente, de uma maneira ou de outra, em maior ou em menor grau, obrigatoriamente se reflete sobre ele mesmo, pois o UNIVERSO É UNO sendo assim tudo está maravilhosamente interligado, razão pela qual todas as coisas se interdependem.



OS SETE NÍVEIS DO SER HUMANO

“ESTABELECE A ORDEM, E O HÁBITO
SE INCUMBIRÁ DE MANTE-LA
PIERRE GASTON.

199 5

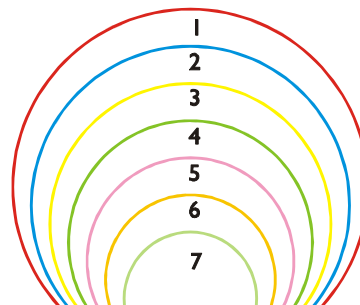
JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .:



TEMA 0.353

Nesta palestra mencionaremos sucintamente alguns das principais seqüências sétuplas que mais diretamente dizem respeito ao ser humano na terra.

PLANOS DA NATUREZA



GRAU DO ESPÍRITO - I

Quanto ao nível de desenvolvimento espiritual temos também 7 planos:

O **sétimo** é o mais inferior e corresponde ao espírito que ainda nem começou a encarnar, que ainda está na polaridade oposta a Deus.

Quando ele começa a encarnar ele o faz em corpo animal placentário e corresponde ao **sexto** plano. Nele a manifestação da consciência de nível objetivo está ainda muito limitada.

Comparando-se com a seqüência VI podemos dizer que o espírito manifesta-se predominantemente no plano físico, essencialmente atividades voluntárias e involuntárias. O emocional assim como o intelectual ainda quase sem expressão.

No **quinto** plano o espírito está deixando a linha animal para ingressar na humana. Está num nível intermediário que corresponde ao cachorro.⁶

No **quarto** nível ele atinge a condição humana, o nível do homem comum e então predomina nele o emocional, predominantemente o emocional inferior.

No **terceiro** temos o homem desperto, **consciente de si mesmo.**⁷

No **segundo** nível temos a condição angelical.

No **primeiro** nível que é próprio de um Avatar.

⁶ O cachorro é um animal que difere de todos os demais. Ele já reconhece um superior independentemente do predador. Teme o predador mas se afeiçoa ao ser humano por ter nele um Superior. A finalidade da vida encarnada é o espírito reconhecer Deus, reconhecer o PODER SUPERIOR. No nível do cachorro ele já tem consciência de que existe um superior apenas ainda atribui a um outro ser em evolução que é o ser humano.

⁷ É um ponto muito importante que apresentaremos em um tema especial.

CORPOS INTERMEDIÁRIOS I I

- sétimo corpo é o corpo denso, a estrutura física.
 - sexto corresponde ao corpo bioplasmático. Algumas doutrinas denominam-no de Duplo Entrérico. O nome *duplo* deriva de ele ser uma réplica do corpo físico, tem forma bem próxima àquela da matéria apenas diferindo quanto à densidade. No *duplo* a densidade é bem menor que a do corpo físico.
 - conhecimento deste corpo e das condições a ele inerentes tem grande importância, especialmente na área da saúde em decorrência das induções energéticas, conforme vimos em palestras específicas.
- No terceiro e no quarto níveis a forma, a aparência física vai se atenuando e paralelamente a densidade diminuindo em decorrência do aumento do nível vibratório. Ao ser atingido o quinto nível já não há possibilidade dele se apresentar com forma definida, pois o nível vibratório já é elevadíssimo condizendo apenas com uma expressão de energia. Os orientais chamam esse nível de arupa que significa sem forma.

No sexto e sétimo níveis o corpo é puramente energético, energia se apresenta em um nível vibratório que só pode ser detectado por percepção mental e que se apresenta com luz.

O HOMEM - III

Se analisarmos a maneira como o homem se apresenta na terra veremos que existem sete níveis bem distintos.

○ sétimo nível representa o homem mais primitivo, aquele homem das cavernas, aquele cuja expressão de consciência ainda está muito limitada. Praticamente a sua vida se resume às atividades fisiológicas. Predomina nele o nível material, e suas emoções estão próximas da dos animais. O seu plano de consciência está mais ao nível das emoções negativas, da violência. Não conhece a beleza, não tem senso estético e por isso não sente a beleza das coisas. Não desenha não pinta, não esculpe nem ao menos faz representações das imagens dos seus deuses. Sua vida se restringe ao a comer, dormir, defender-se, e reproduzir-se; cuidar de si e da prole. Não tem qualquer manifestação de senso moral. A música pouco ou nada significa para ele

No sexto nível temos o homem elementar.

É uma pessoa com baixo senso moral; a sua escala de valores é rudimentar. Não tem muita consciência do mal e do bem.

Só tem uma mínima expressão artística; quando muito já esculpe alguma coisa simples. Nele já pode de uma forma leve se evidenciar o despertar do senso de arte. Teme as leis da natureza, e é extremamente sujeito às superstições. O seu sentimento a respeito de Deus leva-o a expressá-Lo como um ser material, uma forma animal, ou mesmo um objeto material.

Gosto musical muito primitivo, quando muito usa o tocar de tambores e atabaques.

No quinto nível ele já se apresenta um pouco mais evoluído. Tem senso moral aflorante. Pessoa simples, mas já demonstrando sentimentos positivos. Suas emoções já afloram ao nível das emoções positivas. Pode ser uma pessoa bondosa com bons sentimentos e desejo de ajudar.

Teme a Deus e já esboça sentimentos do belo expresso em elementos de arte. Já aprecia a música mais elaborada.

Este é o nível das pessoas bem simples, dos habitantes do interior, trabalhadores braçais, simples e até aparentemente inocentes.

○ quarto nível corresponde às pessoas chamadas civilizadas.

Neste nível a pessoa já tem senso moral mais evidente, mesmo que muitas vezes ele se manifeste de maneira perversa. Tem sentido de arte, de música.

○ sentimento com relação a um Ser Superior é bem elaborado, podendo chegar a uma concepção metafísica. É inteligente, vivaz, bem mais evoluído do que o de outros níveis citados, embora esse nível possa facilmente ser polarizado para o lado negativo.

○ que determina o nível em que um espírito está é o seu limiar de consciência, assim no quarto nível ele deve ser mais consciente que nos níveis inferiores embora isso não signifique dizer ser ele dotado de qualidades pessoais melhores, desde que a polaridade Mal / Bem sempre está presente em todos os níveis. Por outro lado, sendo mais consciente, tendo a consciência mais aflorada, a pessoa tem mais responsabilidade quanto ao que faz, quando ela descamba para o lado negativo, pois não é tão inocente quanto um outro que esteja num dos primeiros níveis. Se ele comete algo, o faz porque quer fazer, tem mais discernimento, tem consciência do mal e do bem, assim se age negativamente sua culpabilidade é maior. Como está citado na Bíblia: “*Mais será pedido a quem mais for dado*”.

Este é o nível predominante na humanidade.

No terceiro nível a pessoa apresenta um elevado senso moral, já tem uma vida bem correta com sentimentos altruístas. Já pressentiu os altos fins da existência e está trabalhando no sentido de dominar seus sentimentos negativos. O que predomina já não é o nível emocional e sim o mental. Assim ele ainda está sujeito a ser facilmente dominado pelo racional, pelo cerebral. Já ama a Deus e a tudo o que é belo.

○ segundo nível é o dos espíritos puros em missão na terra. Já não é dominado facilmente pelo lado negativo das coisas. Seus sentimentos são adquiridos diretamente pela intuição cuja fonte é a divina. É verdade que está sujeito a se envolver com as coisas materiais desde que ainda tem um corpo que o limita muito e determina condições inferiores. Basicamente vem a terra em missão de auxiliar no desenvolvimento espiritual de alguns espíritos.

○ Primeiro nível corresponde ao dos avatares. Quando vem a terra o faz em missão cósmica a nível planetário. Na maioria das vezes nem ao menos eles necessitam de corpo físico algum. Elabora um corpo aparente, como é dito de alguns luminares que se apresentaram na terra, entre estes são citados: Jesus, Apolônio de Tiana, Zaratrasta e outros.

ESTADOS DE CONSCIÊNCIA IV

Diz respeito ao nível de estar consciente de si mesmo.

○ sétimo nível corresponde àquele de uma pessoa em *estado de coma*. Há uma forma presente de consciência, pois há um comando de todas as funções do organismo. Há uma integridade constituindo uma unidade, uma pessoa, mas a consciência não está clara, nem ao menos é pressentida.

Tem um mínimo de atividades. Os reflexos estão total ou parcialmente abolidos, os órgãos dos sentidos bloqueados, não reagem aos estímulos.

○ sexto nível corresponde ao de uma pessoa dormindo. Muitas percepções estão atenuadas, mas ele responde aos estímulos. Se for chamado atende, muitos fatores o trazem para o nível de Vigília.

A filosofia hindu denomina *Sushupti*, sono profundo sem sonhos. Neste nível a consciência deixou de ser impressionada tanto pelos sentidos exteriores como pelos seus reflexos interiores. A mente está inteiramente absorvida em si mesma.

○ **quinto** nível é aquele expresso numa pessoa que está sonhando. Embora dormindo a consciência esteja mais ativa, tanto que ela pode registrar coisas, lugares etc.⁸ A consciência está muito mais ativa, podendo em alguns casos a pessoa estar sonhando e sabendo que aquilo é um sonho.

Os hindus denominam de Svapna, um estado subjetivo, mas dominado pelas impressões objetivas que vai aflorando de uma maneira uma tanto confusa.

○ **quarto** nível corresponde ao estado de vigília. Àquele estado em que a pessoa penetra ao acordar do sono fisiológico. A filosofia hindu denomina *JAGRAT*, a consciência vigílica estreitamente ligada aos dez *indriyas* “sentidos” os instrumentos físicos da percepção e da ação. É a consciência do homem desperto no mundo exterior onde todas as coisas parecem separadas e distintas.

○ **terceiro nível** diz respeito ao indivíduo desperto, não simplesmente acordado fisiologicamente. Neste estado a pessoa está consciente de si, mas não identificada com as coisas⁹.

No **segundo nível** a pessoa tem consciência grupal, sente que a consciência não é individual. Em estados modificados de consciência a pessoa sente como se a sua consciência fosse à consciência de todas as outras pessoas.

Os hindus chamam de Turiya e corresponde a uma fase de profunda interiorização subjetiva, desperta para a Realidade Espiritual.

No **primeiro nível** é a Consciência Cósmica, a consciência da pessoa está em uníssono com todo o universo. Ele sente-se fazendo parte de tudo e tudo fazendo parte de si. É o estado de integração com o Divino.

Para a filosofia hindu é chamada de Turiyatita e que corresponde ao samadhi. Também chamam de unmesha-nimesha, estado de percepção transcendentais.

ESTADOS DE DEPENDÊNCIA - V

Muitos homens julgam-se livres, mas na realidade não o são. Mesmo uma pessoa que assim pensa na realidade num altíssimo percentual ele é um prisioneiro de múltiplas circunstâncias. Enquanto o espírito não se purifica com certeza está sujeito a limitações que na realidade são entraves à liberdade plena.

Esta condição, como tantas outras também se representa em sete níveis.

○ **sétimo nível** corresponde ao de uma pessoa que estivesse dentro de uma prisão ainda mais estivesse totalmente atada. Naquela condição a pessoa não tem praticamente liberdade alguma, está indefesa. Em tal condição, se algum evento desagradável ocorresse, ela nem ao menos teria condições mínimas de apresentar uma mínima defesa.

○ **sexto nível** é aquele correspondente a uma pessoa que além de estar dentro de um presídio ainda estivesse presa, mas não totalmente atada. É como se estivesse numa prisão, mas apenas acorrentado por um membro apenas. Em tal situação ela teria mais probabilidade de se libertar e de escapar da prisão do que aquele que estivesse totalmente atada.

○ **terceiro nível** corresponde a um nível em que a pessoa está num presídio, mas não acorrentado. Pode caminhar e até procurar meios de escapar.

○ **quinto nível** é o de uma pessoa fora do presídio, mas que está preso a um imenso número de condições limitantes, de um cabedal imenso de conceitos. São condições econômicas, políticas, sociais, emocionais, religiosas, morais, etc. São incalculáveis as coisas que fazem com que as pessoas não sejam livres. A maioria das pessoas se julga livre, mas na realidade vivem presas a um mar de situações limitativas. Prendem-se ao estudo, ao emprego, à família, a sociedade, à religião, etc. Cada um desses

⁸ O sonho será estudado em palestra especial.

⁹ Desenvolvido em detalhe numa palestra futura pois é algo verdadeiramente importante.

elementos condiciona um sem número de situações limitativas que mantêm a pessoa totalmente dominada. A pessoa ignorando isso, via de regra, vive constantemente criando mais fatores de aprisionamento. Há pessoa que chegam a ser cativa de vícios como cigarro, é até mesmo ridículo se pensar ser livre e ao mesmo tempo ser cativo de um roliço de folhas picadas. A liberdade é algo extremamente limitado.

As situações citadas neste grupo enquadram-se muito bem no quadro descrito por Huberto Rhoden. Ele diz: Existem 4 tipos de homens. O *primeiro* é aquele que nada possui, mas que é possuído. É a pessoa que ainda nada conseguiu, mas que vive dominado pela inveja dos que possuem. Vivem preso a cobiça e muitas outras qualidades inferiores. O *segundo* é aquele que possui, mas que é possuído pelas coisas que possui. Quando perde torna-se infeliz, desesperado. Para não perder faz coisas terríveis. O *terceiro* diz respeito àquele que possui, mas que não é possuído, pois não vive preso a bens materiais, embora os possa ter em grande quantidade. Se perder começa tudo de novo, não se desespera. O *quarto* diz respeito ao que não possui, mas não é possuído. É a condição do asceta, daquele que vive pobre sem ser miserável, sem invejar. Assim podem ser citados um Gandhi e muitos outros.

No quarto nível a pessoa por mais livre que esteja ainda está limitada a viver no planeta terra.

No terceiro nível ele somente está *preso ao tempo cronológico*. Mesmo que queira não pode voltar ao passado nem se projetar no futuro.

No primeiro nível ele pode se projetar no tempo, o *passado* e o *futuro* são o *presente* para ele. Controla a ação da Mente sobre a Consciência, mas, mesmo assim ele ainda está limitado ao universo, à criação. Não pode ir além do universo, ou seja, sair do Mundo Imanente e chegar ao Mundo Transcendente.

Condição além desta, a liberdade absoluta e infinita, somente é dada à Consciência Universal, ou ao Inefável. Todas as condições mostradas estão limitadas ao finito, ao limitado, à Criação, mas com certeza existe a condição do Absoluto. Quanto a esse nível nada podemos dizer, pois como somos limitados não temos a menor idéia das condições inerentes ao *Inefável*.



A POLARIDADE ANTE O INFINITO

“O GRADE SEHOR DO AMOR EM BREVE APARECERÁ,
MAS MUITAS COISAS DEVEM SER FEITAS ANTES QUE
ELE POSSA COMEÇAR.... DESPERTAI FILHOS DA LUZ”.

1996



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.571



Nas palestras mais recentes vimos que o mundo comporta-se como uma sucessão de espelhos que refletem uma incontável quantidade de coisas e situações. Vimos que do UM emanaram todos os demais números; em outras palavras, de Deus Creador – Ayin Sof Eor – emanou tudo quanto há no universo criado. Vimos que as emanções constituem as coisas existentes e que estas estão umas mais e outras menos afastadas da origem. Simbolicamente as coisas são espelhos nos quais se podem “ver” as “qualidades” do **Poder Superior**”.

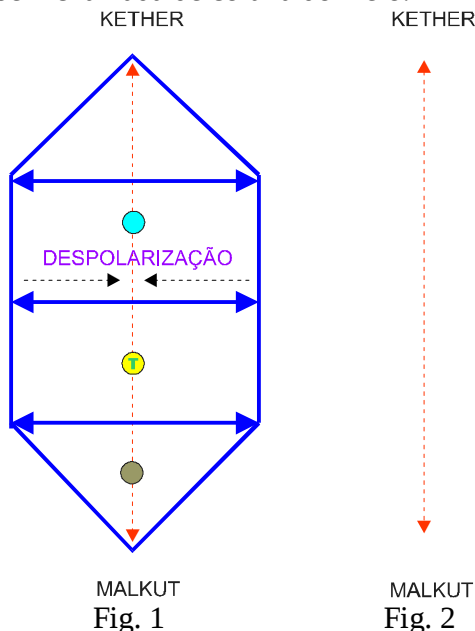
Agora vejamos o que aconteceria se fosse possível dois pólos se aproximarem a um nível zero? - Claro que, em tal situação, coisa alguma restaria daquilo que antes fora algo representado pelo bipolo, pois uma das condições anularia à outra e sendo assim a coisa deixaria de existir. Na realidade coisa alguma correspondente àquele bipolo restaria para ser objetivamente conscientizado pelo observador. Por certo coisa alguma daquele bipolo continuaria a ter existência para ele. A coisa representada pelo bipolo que se anulou “sumiria” do mundo, voltaria à condição de NADA – Ao menos a do Imanifestável. Agora consideremos uma situação mais ampla. Suponhamos que isto ocorresse com todas as coisas do universo? - Naturalmente coisa alguma restaria, portanto o próprio Universo deixaria de existir. Então onde estaria o observador consciente se não mais existisse o Universo? Onde estaria ele, desde que não mais existisse o mar de espelhos no qual se reflete a existência objetiva? Só restaria uma possibilidade, no Infinito, no Nada¹⁰.

Eis uma observação maravilhosa, por este simples exemplo podemos perceber que a unificação das polaridades tira a pessoa (pessoa apenas como observador consciente) do mundo e a leva ao nível do **Poder Superior**. Naquele hipotético ponto, evidentemente estaria o **Poder Superior**, o infinito exatamente aonde todas as polaridades extinguem-se mutuamente, e assim nem mesmo espaço, nem mesmo tempo cronológico, nem mesmo vibração, nem mesmo quaisquer dos Princípios Herméticos estriam presentes. Nesta palestra veremos coisas bem interessantes a respeito desse infinito.

A caminhada do desenvolvimento espiritual se faz desse modo, aproximando-se as polaridades, anulando-as polaridades. Pela “Árvore da Vida” vemos que existem dois tipos de polaridade, uma é aquela estabelecida entre a coluna da direita e a da esquerda e a outra é aquela entre *Kether* e *Malkut*. Quando todas as polaridades laterais anulam-se, diz-se que a pessoa atingiu o caminho do meio, o equilíbrio. Mas podemos ver que esse equilíbrio ainda não é o verdadeiro, desde que ainda permanece a polaridade *Kether* / *Malkut*. (Vide Fig.2) Somente com a extinção desta polaridade é que se chega ao Equilíbrio Verdadeiro e aí é o **Poder Superior**.

¹⁰ Por NADA não queremos dizer da inexistência absoluta, mas da existência de qualquer forma de detecção física ou psíquica.

Cada etapa vencida, cada purificação, significa a atenuação de uma polaridade, ou seja, a aproximação das duas colunas laterais da “árvore” para o linha do meio. Quando o espírito purifica-se todas as polaridades estão extremamente unidas a um ponto tal que pode ser considerada uma linha, exatamente a linha do equilíbrio, também chamada de coluna do meio.



Temos que entender que, por mais que os pólos aproximem-se jamais eles se anularão a nível zero, a não ser no infinito (Paradoxo de Zenão). Mas, mesmo que não ocorra uma anulação total em nível de mundo imanente, contudo há um limite imensamente pequeno que não pode ser levado em conta a não ser em nível de um potencial.

A anulação da polaridade, da aproximação das colunas laterais, corresponde à anulação do mundo, isto é a eliminação dos espelhos, ou seja, a iluminação.

Tudo que consideram errado surgiu com a multiplicidade, ou seja, com as polarizações e assim sendo a anulação das polaridades equivale à purificação.

Mas, por mais “fina” que seja a linha central ela, mesmo assim, ainda existe, mesmo que seja em potencial. Essa aproximação das polaridade não implica na aproximação total, pois ainda resta a segunda polaridade *Malkut* - *Kether*. Esta fase corresponde à cientificação. A anulação da polaridade longitudinal corresponde à onisciência, então tudo estará resumido a um ponto. Mas, podemos perceber que, por mais haja a aproximação entre *Malkut* e *Kether*, mesmo assim não há anulação absoluta. Acontece o mesmo que da anulação das polaridades laterais. Quando tal ocorrer restará um ponto incomensuravelmente pequeno, mas mesmo assim nele ainda estarão contidos todos os conhecimentos e todas as qualidades. Este é aquele ponto totipotente do início da criação.

Segundo a maneira de ver da D.R.D. (*Doutrina do Reflexo Divino* também chamada de *Doutrina dos Espelhos*) corresponde a uma situação em que os espelhos não haverão desaparecido, porém eles estarão tão unidos que praticamente não se reflete imagem alguma, mas, assim mesmo, eles continuam presentes. Desta maneira se viesse a ocorrer um novo afastamento tudo voltaria a ser como antes. Isto acontece com todo o Universo naquela situação que as Doutrinas Védicas chamam de “Respiração de Brahmã”

Pelo que mostramos é fácil notar que no universo inexistem tanto a pureza absoluta quanto a onisciência absoluta. Estas condições não têm como existir dentro do universo; somente elas podem ser absolutas fora do universo, portanto ao nível do **Poder Superior**, mas o paradoxal é que, como veremos depois, a rigor também não existe o “fora do universo”.

Agora pensemos no seguinte: Por mais aproximado que estejam as polaridades, por mais “fina” que seja a linha entre *Malkut* e *Kether*, elas jamais se anulam, mas há um limite além do qual pode ser considerado nulo, mas só em função de um determinado observador. Isto depende do “tamanho” do observador, desde que assim como as polaridades podem se estreitar, a distância e o espaço diminuam de uma forma ilimitada, assim também o “observador consciência” o pode também, de forma a sempre poder situar-se entre os espelhos por mais próximos que eles estejam.

Quando dois espelhos aproximam-se além de certo limite, não se pode mais observar nada nelas, mas isto somente acontece porque o observador não consegue situar-se entre elas, mas, acontece que, assim como os espelhos podem se aproximar “ad infinitum”, assim também pode acontecer com relação ao observador; isto é, a consciência pode ir se amoldando à distância entre as polaridades de forma a sempre poder estar presente entre elas. As duas colunas aproximam-se progressivamente “ad infinitum”, mas o mesmo pode também acontecer com o “observador consciência”. Nos espelhos, na realidade as imagens só desaparecem em função de um determinado observador não poder situar-se entre eles, por não “caber” lá; mas sempre que um observador puder situar-se entre dois espelhos os reflexos continuarão presentes tal como acontece neste plano em que vivemos.

Pelo que dissemos, e segundo o Paradoxo de Zenon, desde que a diminuição da distância entre os espelhos e a do observador ocorra segundo um mesmo índice, por certo jamais chegam a um ponto de total anulação.

○ mesmo raciocínio pode ser desenvolvido com relação à polaridade *Malkut* - *Kether*. Os pólos, mesmo que se aproximem ainda resta alguma distância a ser dividida “ad infinitum”.

○ que expusemos nos conduz a uma seriíssima condição. Se os pólos que são a criação não se anulam conseqüentemente aquilo que chamamos de criação não tem como se extinguir e sendo assim como voltar ao Poder Superior?¹¹...



¹¹ Esta questão somente pode ser compreendida com os ensinamentos da Terceira Câmara.

O UNIVERSO E O INFINITO

“ O NADA É UM INFINITO QUE NOS ENVOLVE. DELE
VIMOS, PARA ELE VAMOS; O NADA É O IMPOSSÍVEL
E O CERTO; NÃO SE CONCEBE E, NO ENTANTO, EXISTE.
ANATOLE FRANCE

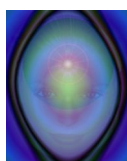
1996



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.572



No desenvolvimento deste trabalho estudamos progressivamente várias situações e chegamos algumas vezes a falar da “*criação*” e do “*fora da criação*”. Dissemos que a **Força Superior - Deus** - está contido no universo, por conseguinte, dentro da criação, e sendo assim Ele seria apenas uma projeção de um **Poder Superior**, de um **Poder Supremo, Absoluto e Infinito**, existente além da própria criação. Falamos no universo como uma coisa finita existente no infinito que é o *Nada*. Falamos de uma condição que transcende à criação. Mas, a partir desta palestra já temos condições de mostrar que não se pode falar num universo finito.

Embora a ciência, astrofísica, limite o universo vamos ver que essa limitação é apenas uma condição relativa. Da maneira como temos levado à frente o estudo metafísico do Cosmos queremos dizer que ainda se trata de um estudo preliminar, apenas algumas bases para a compreensão de tudo o que temos que aprender no caminho da cientificação.

Da maneira como expusemos a criação até agora faz parecer que existem duas condições integrantes do Cosmos: o Universo e o *Nada*. Neste ponto já podemos dizer que embora o Universo seja derivado do *Nada* ainda assim não se tratam de duas coisas e sim de uma só. Isto é o que estamos iniciando a estudar a partir desta palestra.

De antemão, em alguns temas, mostramos indícios de que o Universo está contido no *Nada* tanto quanto o *Nada* está no Universo, mesmo que em alguns momentos tenhamos as expressões *Imanente* e *transcendente*. Na realidade estas expressões prestam-se apenas para explicar algumas situações particulares, quando na verdade elas não devem ser generalizadas, usamos mais como um meio de entendimento do que como uma condição precisa.

Demos a entender que o universo seria como que uma projeção do *Nada*, mas na realidade ele vem a ser o próprio *Nada*, como veremos depois.

Um dos *Princípios Herméticos* diz que o Universo é Mente. Na realidade aceitar isto é muito difícil para uns e um tanto mais fácil para outros, mas na verdade entender o como isto é possível, e mesmo sentir como uma realidade, evidentemente não é fácil. A fim de se chegar a esse sentir se faz preciso antes uma preparação prévia adequada. Somente através da meditação, especialmente feita com o auxílio dos princípios cabalísticos, da D.R.D., e de alguns sistemas metafísico-religiosos elevados. Somente uma pessoa com um bom desenvolvimento espiritual e afeita à meditação sobre a natureza do Universo pode perceber e sentir com clareza o que significa UNIVERSO MENTAL. É necessário um nível de desenvolvimento espiritual além do comum das pessoas. Sentir que tudo é mente, que por mais sólido e objetivo que algo pareça ser mesmo assim trata-se apenas de um artifício da própria Men-

te Cósmica. Pretendemos, passo a passo, mostrar o que significa Universo Mente, não apenas mostrar como um entendimento apenas mas especialmente fazer sentir ser isto algo mais, perceber não pelo entendimento mas sim pelo sentimento.

Em algumas palestras falamos da natureza descontínua do universo, falamos que entre os as ínfimas partículas constitutivas da matéria existe MA. Dissemos em alguns dos primeiros temas que MA permeia tudo quanto há, que existe fora daquilo que chamamos criação tanto quanto na própria criação. Uma partícula constitutiva da matéria (criação) ou qualquer tipo de manifestação da energia (criação) trata-se de MA vibrando segundo um determinado índice. Por outro lado entre as partículas existe o vazio, não o vazio absoluto, mas sim o vazio naquele sentido expresso pela física quântica, exatamente o que os místicos denominam de Nada - o imanifestável - que, por sua vez, exatamente o mesmo MA com a diferenciação apenas de não estar em vibrando (não criação), pois se estivesse tornar-se-ia manifesto (criação).

Na palestra anterior vimos que as polaridades jamais se encontram a um nível zero e que o universo (criação) na realidade é apenas um produto das polaridades. Ora, se estas não se anulam, consequentemente o universo jamais se extinguirá. A recíproca é também verdadeira, ele nunca teve início e nem terá fim. Isto é uma contradição ao que temos falado até agora. Na realidade o que vamos mostrar não contradiz o que já temos explicado mas ampliará a compreensão a respeito daquilo que é o Infinito.

Até agora viemos falando do universo como algo limitado, aliás como a própria astrofísica vem afirmando. Mas, pelo que descrevemos nos derradeiros temas temos que considerar que o universo é infinito desde que ele é constituído por polaridade e que duas polaridades jamais se anulam segundo o paradoxo de Zenão. Se eles aproximam-se infinitamente, portanto não havendo um ponto de transição a partir do qual se possa dizer aqui termina o universo e começa o Nada consequentemente as duas coisas são uma só.

Essa condição de um universo inextinguível leva necessariamente à condição de infinito. Da maneira como que viemos estudando, o infinito seria transcendente ao Universo. Mas se o próprio universo também é infinito, então estamos diante de dois infinitos, o que é uma impossibilidade. Haveriam dois infinitos o “*infinito criação*” e o “*infinito nada*” neste caso nem um e nem o outro seria infinito.

Pelo que acabamos de dizer a conclusão a que se chega é que tanto o Universo quanto tudo o que está fora dele constituem tão somente uma única e mesma coisa. Em outras palavras, não existe por não ter sentido algum o “fora do universo”. O infinito está no próprio universo e este naquele. Vemos que a aproximação das polaridades é como um cair para dentro de si mesmo eternamente, por todo infinito. Neste caso a criação é o próprio **Poder Superior** introjetando-Se eternamente.

As doutrinas nos ensinam que no **Poder Superior** há o potencial de tudo. Esta é a base do TAO, simbolicamente expresso pela figura do Tai Gi. Mas, o que significa a expressão “em potencial”?

Na realidade o universo é infinito o limiar que estabelecem para ele diz respeito ao limiar de percepção. A fim de entendermos melhor isto, voltemos aos “espelhos”. Vimos que teoricamente dois espelhos podem se aproximar progressivamente atingindo um ponto em que para um determinado observado coisa alguma pode ser refletido. Mas tal só acontece em virtude do observador não poder se colocar entre eles. Mas, se o observador estiver sofrendo uma redução segundo o mesmo índice de aproximação dos espelhos, então ele sempre pode se colocar entre os dois espelhos e neste caso jamais deixará de haver reflexos.

Já podemos dizer que o universo finito é apenas uma condição imposta pela limitação do observador. Se o observador colocar-se diante do Poder Superior ele é eterno, mas se colocar-se fora Dele então tudo se apresenta finito.

Malkut só pode perceber até *Kether* de sua própria Árvore, mas *Malkut* pode estar em todas as árvores acima e abaixo. O dó central da escala é o mesmo nas oitavas inferiores e superiores. Dois espelhos podem delimitar uma oitava de dó a dó da oitava seguinte, mas podem haver N oitavas nas quais ele está presente em todas elas. Um mundo embora contenha N árvores dentro de si mesmo assim ele

constitui-se por si mesmo uma árvore geral. Aquilo que chamamos de mundo, de universo, pode ser representado por uma imensa árvore dentro da qual estamos mas que não é a única totalizadora de todas.

Segundo a D.R.D. o universo pode ser considerado como as reflexões entre dois espelhos. São como dois espelhos refletindo um imenso número de imagens que chamamos de universo, que chamamos de Creação. Mas, mesmo em nível de universo, ele é uma árvore que não é a única. Em nível de infinito as árvores são também em número infinito e o universo é apenas delas, é como um degrau de uma escada. Portanto não é certo se admitir que o universo seja a escada inteira. Trata-se de uma escada infinita mas qualquer dos degraus são inegavelmente finitos. Não existe escada sem degraus também não existe degrau sem escada. De igual forma não pode existir reflexo sem espelho e nem espelho sem reflexo. Pode até existir o espelho mas ele só se comporta como tal se houver algo a ser nele refletido.

Concluiremos esta palestra neste ponto, bem mais tem que ser dito mas vamos fazê-lo em outra palestra para que se possa meditar bem sobre tudo que exposto, desde que se trata de algo que para ser percebido requer um nível adequado de compreensão. Não adianta ir adiante se ainda houver dúvidas quanto ao que foi tratado neste tema.



O UNIVERSO, UM DEGRAU DO INFINITO

“DEUS É COMO O VENTO QUE PASSA: SENTÍMU-LO
EM TODA PARTE E NÃO O VEMOS EM LUGAR ALGUM
J. NORMAND



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.573



Na palestra anterior começamos a estudar que o Universo, a criação não é algo à parte do Infinito. Comparamo-lo a um degrau de uma escada, dissemos que aquele degrau pode ser perfeito como tal, mas que não é completo como escada; mas, que ao mesmo tempo não pode existir escada sem degraus, sendo assim uma coisa é simplesmente o aspecto do outro, mas não algo independente.

Transportando-se este raciocínio para um sistema de árvores da vida interligadas podemos dizer que uma “árvore” pode ser completa para um determinado fim, mas mesmo assim ela não pode ser totalmente independente, e que o sistema como um todo não pode existir sem as árvores. Mesmo faltando apenas uma delas na linha principal todo o sistema será inviável. É como uma corrente em que cada elo é completo como tal, mas a corrente não pode prescindir de qualquer um dos elos intermediários. Se numa corrente de comprimento infinito fosse retirado um ele sequer a corrente deixaria imediatamente de ter natureza infinita.

Dissemos que o universo como um todo pode ser representado por uma “árvore” ou pelos reflexos entre dois espelhos. Sendo assim pode-se indagar sobre o tamanho da “árvore universal”, pode-se indagar sobre a distância entre os dois espelhos que delimitam aquilo que chamamos universo, mas na realidade tratam-se apenas de indagações a respeito da localização dos dois espelhos refletores através dos qual a consciência objetiva e instrumental detecta como universo.

Num universo representado como um degrau de uma escada, pergunta-se qual o tamanho desse degrau, onde ele começa e onde termina para como tal poder ser considerado finito. Não existem delimitações desde que o degrau pode ir aumentando “ad infinitum” e também diminuindo “ad infinitum”, sendo assim ele jamais chega a desaparecer totalmente. Pode-se tornar inviável como degrau para um ser, mas não para um outro de dimensões diferentes. Admitindo-se que tanto o degrau quanto a pessoa podem simultânea e proporcionalmente aumentar ou diminuir, tem-se que admitir tratar-se de condições inerentes ao próprio infinito. Não poderia ser de modo diferente, pois na realidade não existem limites de separação desde que o infinito é uma continuidade. O que faz nos parecer delimitações do universo são na realidade delimitações de percepção. Há limites para um determinado “tamanho” de ser, para um determinado nível de percepção, apenas.

Os espelhos, sabendo-se que eles podem tanto se aproximar quanto se afastar “ad infinitum” da mesma maneira que o observador também pode aumentar ou diminuir, tudo se resume no seguinte: O universo é tão somente a manifestação de um aspecto do infinito. Em outras palavras, tudo é o próprio Poder Superior mostrando-se em todos os níveis possíveis para todos os graus possíveis de consciência. Como consciência é uma só e é Ele mesmo, então a criação é Ele mostrando-se para Ele mesmo.

Pelo que dissemos conclui-se que a “árvore do universo” pode ser considerada como algo limitado apenas em nível do relativo.

Um degrau pode ser completo apenas quanto à função de degrau, neste caso ele é limitado e consequentemente relativo. Relativo porque o sentido de completo é em função de determinados parâ-

metros que atendam à condição de degrau. O Infinito não pode ser completo porque se o for tem limites e tudo aquilo que tiver limites perde a condição de infinito.

Temos que admitir que a “árvore do universo” é apenas uma entre infinitas outras que constituem o Cosmos.

Já temos condições pelos nossos estudos de perceber que cada “Árvore” atende à determinadas condições; que cada uma tem características próprias diferenciadoras. É exatamente isto o que faz com possa ser considerada como uma árvore particular. Cada “árvore” tem suas peculiaridades, suas leis, seus princípios, mas todas elas em algum nível integram-se compondo o Infinito. Desta forma a “Árvore da criação”, a “Árvore do Universo” tem suas características próprias, tem suas leis e princípios. São leis inerentes a esse nível e nele manifestam-se os Princípios Herméticos, como a vibração, a polaridade, o gênero, a cronologia, o espaço, etc.

Pelo que está sendo estudado e compreendido nas palestras mais recentes sente-se que, num sentido o universo é contínuo e ilimitado, e noutro é o inverso. Sabemos que praticamente tudo nele é limitado, mas intrinsecamente detém o ilimitado.

O Cosmos é ilimitado, mas quando Ele manifesta-se como “árvore” da criação apresenta-se como limitado, onde prevalece a descontinuidade, onde se faz presente o Paradoxo de Zenão. Na realidade temos que considerar que *limitação* é uma condição que não pode estar fora do Infinito, assim sendo é na criação que o Poder Superior “vê” de Si mesmo a descontinuidade, a manifestação dos como Princípios Herméticos, etc.

Se for exatamente o princípio da vibração quem caracteriza a estruturação das coisas num sistema sêptuplo, base constitutiva das “árvores”, como poderiam existir outras árvores além desta? Se for a vibração quem estabelece a diferença entre o *Nada* e o Universo, entre os níveis cósmicos de *Eyn Sof Aur* e o nível universo de *Kether*, como podemos entender que acima de *Kether* existam outras “árvores”.

Em palestras bem anteriores deixamos algumas vezes a indagação sobre qual seria a máxima vibração que deu origem à criação. Na realidade, quando falamos de criação estamos falando de algo que pode ser representado por uma ampla “árvore”, e todas aquelas condições mencionadas como Princípios Herméticos são características próprias dela. Tudo indica que o sistema de árvores é algo inerente ao nível de universo, além dele tudo indica não ser, mas mesmo assim seja o que for está ligada a esta grande árvore, pois *Kether* está unido à *Eyn Sof Aur* constituindo-se um sistema ainda mais amplo, mas não necessariamente constituído de “árvores”.

Em Ayn não existe vibração, portanto coisa alguma do que temos no Universo pode existir lá, a não ser como potencial. Não pode existir porque tudo aquilo que denominamos “coisas” existentes são resultados de vibrações e onde não existir vibração elas não existem.

Vamos pensar na escala musical. Uma vibração vem se modificando, quando ela atinge determinada frequência há a manifestação de som. São algumas oitavas que são classificadas como som; em limites abaixo e acima não são mais som. Mas isto é pura convenção determinada apenas pelo limiar de percepção auditiva, pois se o ouvido fosse mais apto perceberia outras oitavas e nesse caso o limite que chamamos de som seria ampliado. O que queremos dizer é que na realidade não existe um nível de separação na vibração e sim na percepção. É ela quem determina os limites.

Ao nível Cósmico acontece o mesmo, há um nível em que surge a vibração e conseqüentemente a criação, mas o limite separativo é puramente em nível de percepção, e por certo como não se trata de percepção objetiva e sim subjetiva, logo é a mente quem estabelece os limites de ser percebido ou não como vibração. Assim podemos chegar mais perto do entendimento do porquê ser o universo apenas mental.

A criação é a percepção mental do sistema de “árvores” que existe como potencial em Ayn. É um finito dentro do infinito e vice-versa, por isto podemos encontrar o Infinito dentro do próprio finito. Por isto não se pode dizer que sejam duas coisas diferentes e que, portanto tratem-se de dois infinitos.

A criação é apenas a manifestação de oitavas, que têm suas características próprias como todas as oitavas o têm, mas que é parte de uma continuidade infinita.

Vamos exemplificar melhor, o som audível cobre algumas oitavas do “teclado” cada oitava tem suas características próprias, mas não se pode dizer que uma oitava seja finita desde que a seguinte é a sua própria continuidade.

Assim sendo, o universo, como imagem refletida em espelhos, é estabelecida pelo limiar perceptivo. Tudo depende do observador “caber” ou não entre os espelhos. O limite é aquele em que o observador não pode situar-se entre os dois espelhos, então se diz que os espelhos têm apenas em potencial a capacidade refletir até o infinito e não no sentido prático. Diz-se que em potencial eles podem refletir até um limiar infinito, para isto bastando afastarem-se ou aproximem-se infinitamente também. A partir de certo ponto a reflexão deixa de ser algo efetivo para ser apenas um potencial. Mas isto é convencional, porque, desde que o observador também possa se “afinar” para caber entre os espelhos a reflexão não será apenas um potencial e sim algo efetivo. Disto termos que admitir que o limite sempre seja relativo ao observador¹² e não ao espelho. Quando algo se situa aquém ou além da capacidade do observador, ou quando os espelhos estão tão aproximados ou tão afastados que se incompatibiliza com o observador, então se diz que os espelhos têm apenas o potencial de refletir.

Potencial não pode ser uma forma de inexistência que num dado momento torna-se existência; na realidade ele é a própria coisa, porém num limiar que extrapola os limites da percepção do observador. Assim sendo é que todos os potenciais existem no infinito. O que não existe é um limiar inerente às coisas e sim inerente à consciência observadora. O limiar comporta-se como algo que estivesse sempre implodindo, caindo sobre si mesmo, mas que sempre pode ser efetivo e não potencial desde que a consciência observadora o acompanhe, evidentemente.

Por tudo isto que dissemos pode-se concluir que “o universo” e o “fora do universo” não se constituem duas coisas e sim dois limiares apenas; em outras palavras, finito e infinito são apenas diferenciações inerentes estabelecidas apenas pelo limiar de percepção mental.



¹² É claro que além de certo ponto o sentido do termo observador deve se tido como “consciência” e não como estrutura

EM DIREÇÃO AO INFINITO

“TUDO É DEUS, TUDO É DEUS!
O MAIS SÃO NOMES...”
JUNQUEIRA FREIRE.



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.574



Em temas anteriores buscamos mostrar que a redução das dimensões e distâncias conduzem ao infinito, ou melhor, que o Infinito pode ser pressentido com uma introjeção, como um mergulho para dentro, um cair eterno para dentro de si mesmo. Na realidade pode dar-se o inverso, uma extrojeção, um expandir eterno.

A astrofísica, partindo da hipótese do *big-bang*, diz que se não houver massa suficiente no universo para deter a expansão então ele pode ser considerado um sistema aberto e assim sendo todo o material nele existente se expandirá eternamente. Deste modo chegará um momento em que os astros terão se afastado tanto entre si que nenhum será mais visível da terra. Então as noites serão totalmente escuras, o céu também escuro, pois os astros estarão tão afastados entre eles que não mais serão percebidos, por exemplo, por uma pessoa que estiver num deles. Esta idéia é válida, mas desde que o observador também se expanda numa mesma proporção a expansão em nada afetará a percepção, o aspecto da abóbada celeste continuará sendo a mesma independentemente de haver ocorrido a expansão.

Se houver massa suficiente, diz a astrofísica, o universo que na fase atual ainda está em expansão chegará um momento em que a força gravitacional será anulada e então terá a início um processo inverso, uma fase de contração até voltar ao ponto inicial do big bang. De este expandir e retrair numa sucessão é que foi escolhido o nome *big-bang* (tipo ping-pong), para o processo. Corresponde exatamente à referência hinduista de “Respiração de Brahma” ou a “Noite e o dia de Brahma”.

Não são apenas os místicos, também os cientistas defrontam-se com as duas situações, a da expansão e a da contração que conduzem ao Infinito. Na realidade a ciência defronta-se com certa dificuldade para entender isto ,mas pelo raciocínio místico não é difícil chegar-se a um bom nível de entendimento através de exemplos, muitas vezes, simples, como o que fizemos com relação à escada e aos degraus.

Esta hipótese da expansão infinita tem as mesmas implicações que a que fizemos nos dois derradeiros temas, apenas que neste caso trata-se apenas do sentido inverso daquele antes estudado. Ali falamos da aproximação “*ad infinitum*” e agora estamos falando da expansão “*ad infinitum*”. De tudo o que foi dito com relação à diminuição é válido em sentido inverso para a expansão.¹³

Pelo que foi dito vemos que o infinito pode ser percebido em dois sentidos. Na verdade não podia deixar de ser assim pois que estando ambos os casos no infinito onde tudo é centro, no infinito não existe periferia pois isto implicaria na existência de um limite e como tal tratar-se-ia de algo finito. No Infinito só existe centro, qualquer ponto é sempre centro. Também não pode haver o “para frente” ou “para trás”; o “para a direita” e o “para a esquerda”. Qualquer ponto sempre é o centro do infinito.

¹³ A expansão e retração do universo podem ser facilmente entendidas tomando-se como exemplo um projétil atirado para cima. De início os fragmentos da explosão afastam-se em decorrência da força expansiva, mas depois eles acabam caindo pela ação força da gravidade. Se a força de gravidade não for suficiente para neutralizar a força expansiva prevalecerá e os fragmentos não voltam a cair. Isto é o que acontece no lançamento de um foguete, além de uma determinada aceleração ele acaba por não cair e continua se afastando do ponto de origem

Pelo que acabamos de dizer podemos ver porque a consciência e todos os atributos do **Poder Superior** - sendo Este infinito - estão em toda aparte e podem ser encontrados em qualquer sentido. Daí a existência do caminho da mão esquerda e o caminho da mão direita. Dissemos, em palestra anterior, que para nós há muito mais dificuldades no giro inverso que constitui o caminho da mão esquerda, embora isto seja apenas uma dificuldade presente no mundo relativo. Naturalmente, se estamos num mundo relativo devemos procurar nos harmonizar com ele. Se o mundo em que vivemos tem um giro, então devemos procurar nos harmonizar com o sentido desse giro. Seguir em harmonia com o giro da natureza, com o giro universal as coisas tornam-se menos difíceis, pois é mais fácil “remar a favor da correnteza”, como diz o provérbio, do que contra ela. Isto é válido para nós desde que somos seres relativos integrantes de um mundo também relativo. Qualquer caminho pode levar ao Infinito porém se vivemos num sistema relativo, num dos degraus da escada infinita, neste caso tudo se torna mais fácil se seguirmos o sentido harmônico com este mundo.

Mas, em termos de infinito, os caminhos são indistintos, ou melhor, eles não existem, pois, como já dissemos antes, não existe direita nem esquerda, para cima ou para baixo, por não existir nele espaço, a não ser como um potencial. Ora, já vimos na palestra anterior que aquilo que se diz ser um *potencial* não deixa de ser algo manifestável desde que é o limite de percepção do ser quem determina algo ser *potencial* ou *efetivo*. Algo que para um ser é apenas potencial para um outro pode ser algo.

Dissemos que dois espelhos muito juntos, para nós eles têm apenas o potencial de reflexão mas para um ser de mínimas dimensões que seja capaz de se situar entre eles, então o que para nós é um potencial para aquele ser não o é, e sim algo efetivo.

Vimos que dentro da criação não se pode chegar a espaço zero, portanto no infinito. Quer pela aproximação, quer pelo afastamento vemos que jamais esse ponto é atingido. Isto nos conduz à admissão da inexistência dele como algo.

Estamos cada vez mais próximo de perceber que o Infinito é apenas uma condição mental, ou seja ele é essencialmente mente contido na própria criação. Podemos pressentir não existir o infinito como algo, mas apenas como mente, como consciência, a qual quando se manifesta, sempre está em algum nível de criação.

Disto pode surgir uma indagação seguinte: neste caso não houve início da criação. Deste universo que vivificamos sim, mas a criação é eterna nunca teve princípio e nem terá fim, pois o nada deixa de ser nada quando algo é criado, assim sendo a criação é perene.

O **Poder Superior** para se tornar manifesto teve que criar, o que equivale a dizer limitar-Se para poder perceber-Se. Assim, ao imaginar se Ele cria a descontinuidade pois somente através dela é que o Infinito que é Ele próprio torna-se então algo efetivo.

Vamos usar um exemplo prático que por certo facilitará a compreensão. Suponhamos uma bola contínua, maciça até o infinito. Assim sendo ela não teria, por certo, dimensões quaisquer, e por isso não haveria nem o dentro da bola e nem o fora dela. Somente quando ocorre a fragmentação, a desunificação, é que se entende o Paradoxo de Zenão. Somente pela descontinuidade é que ele pode ser explicado e entendido, pois é quando se percebe o infinito na divisão sucessiva de algo.

Essas situações que estamos estudando são de uma sutileza bem grande, por isso não são fáceis de serem mostradas em linguagem falada ou escrita. Sendo assim é pois necessário que o discípulo ao lê-las procure mais do que entender as palavras escritas procure sentir o que está sendo mostrado, procure a compreensão pelo sentimento e não pelo entendimento.

Todo aquele que deseje adentrar níveis superiores de consciência deve não apenas ler uma única vez estas palestras em que estamos falando de Infinito; é preciso lê-las várias vezes e meditar no que está sendo tentado ser mostrado, para que o assunto possa ser visto como um sentimento. Somente havendo certo domínio sobre tudo isto que expusemos é que se torna possível o entendimento de níveis ainda mais elevados de compressões sobre a natureza do Poder Superior.

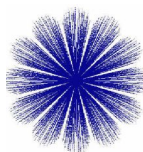


EXPLORANDO O NADA

**“O HOMEM COMUM FALA, O SÁBIO
ESCUTA, O TOLO DISCUTE”
SABEDORIA ORIENTAL**



TEMA 1.380



Na tentativa de desvendar a origem do universo físico, a ciência tem especulado a respeito do que existia antes, ou sobre a fonte original. Durante muito tempo foi dito que ele teve origem do “nada”, mas isto leva à indagação: O que é o nada? - A esse respeito vejamos o que nos diz a ciência atual sobre aquela condição chamada de “nada”. Assim transcrevemos um excelente artigo que situa o pensamento dos físicos quânticos, escrito pelo comentarista científico Manoel Barbosa, publicado com o título de Tecnologia do Conhecimento no jornal Diário de Pernambuco em 1995.

A inesgotável riqueza do nada:

“O ‘nada’ - ou os vazios quânticos - é uma das principais preocupações da ciência, atual. No ‘nada’, desconfiar os cientistas, parece está a matriz do Todo. Ou de tudo. Ou do universo material em que vivemos. ‘O vazio está cheio de alguma coisa que não é matéria’, define Henri Laborit, biólogo francês conhecido pelo seu materialismo radical e a intolerância com as tendências místicas de alguns cientistas. No vazio quântico há tudo e nada, ao mesmo tempo. Alguns físicos simplificam a questão e dizem que no vazio/nada há ‘informação’ assim pensava o brasileiro Mário Schemberg. Laborit considera essa definição insuficiente e dá uma explicação mais elaborada para o conteúdo do ‘nada’: ‘Variações de campos elétricos provocados pelo epicentro da matéria e que persistem quando a matéria já lá não está’. Outro físico, David Bohm, fala de ‘ordem implícita’. Ele quer dizer: a matéria está implícita no ‘nada’ - no vazio há pré-forma; é o molde invisível do molde visível - que somos nós e as coisas. Beneviste, pesquisador francês, provou que a matéria tem memória. Realizou experiências mostrando que, quando a matéria deixa de existir num ponto, ficam os vestígios. Até água deixa esses vestígios - ou memórias. As experiências de Benveniste foram testadas em vários laboratórios e os resultados comprovaram a afirmação, à primeira vista fantástica¹⁴. Burr e Sheldrake, dois biólogos, dizem ter identificado ‘campos de vida’, ou campos morfogenéticos. É mais ou menos como a “ordem implícita” de Bohm no reino biológico: cada organismo teria uma pré-forma da qual os genes seriam apenas mensageiros materiais. Esse conceito também é chamado de ‘modelo organizador biológico’. Einstein, no seu intuicionismo avassalador, pensou ter identificado no universo essa força invisível contida no

¹⁴ De início as conclusões de Beneviste foram muito criticadas, e ele até mesmo afastado dos meios científicos. No entanto muitos pesquisadores silenciosamente deram continuidade ao trabalho daquele cientista, chegando às mesmas conclusões e até mais. No Brasil na UNICAMP este assunto em sido pesquisado com muita seriedade e as conclusões comprovam o que Beneviste afirmou com relação à água.

‘nada’ - a ordem implícita de Bohm - e a incluiu num sistema conhecimento como ‘constante cosmológica’. Desacreditada - e até repudiada pelo próprio Einstein, depois - a constante foi recentemente reabilitada com as descobertas do Telescópio espacial Hubble. Aliás, com a não descoberta, pois o Hubble não detectou a chamada ‘massa invisível’. Essa massa era a explicação dada pelos astrônomos para ocorrências cósmicas inexplicáveis pelo volume de massa visível. Ou seja: a massa detectável no universo não bastaria para produzir o próprio universo. Deveria haver massa oculta e que constituiria 90% de todo o cosmos. O Hubble demoliu essa crença e pôs no seu lugar uma explicação parecida com a constante cosmológica. A de que há alguma coisa muito poderosa no “nada” dando origem ao todo - e muitos até a estão chamando de Deus. Para o físico inglês Stephen Hawking isto não é novidade. Ele já vem falando da ‘mente de Deus’ para justificar o comportamento da matéria que volta para o “nada” pelas goelas dos insaciáveis buracos negros e atravessa a barreira do tempo”.

Vemos, então que a própria ciência, com embasamento matemático, nega a existência de um “nada absoluto”, quando afirma existir algo indefinível, indetectável, inefável, fonte de “informações” além do Universo. Este pensamento da ciência moderna está em conformidade com o pensamento dos místicos de alto nível de todos os tempos, especialmente os orientais, habituados à meditação sobre conceitos metafísicos elevados. É exatamente num nível além do universo, ou seja, naquele “nada quântico” referido pela ciência atual, que eles colocam Deus, o Poder Superior Criador.

A fonte de todo o conhecimento, o propósito primeiro de tudo quanto foi criado, e mesmo daquilo que ainda não foi criado, existe ao menos como “informação” na citada *“Inesgotável Riqueza do Nada”*, pois ali tem tudo e tem nada. A ciência tem usado outras expressões para indicar o que transcende o mundo das partículas constitutivas do universo detectável. Para isto usam muitas expressões, entre elas: *“Pré-forma da forma”* ou *“Ordem Implícita”* de Bohm, ou *“Modelo Organizador”*. Essas expressões são irrelevantes porque nomes específicos não modificam as conclusões o que importa é que além da estrutura da matéria existe uma fonte de consciência.

A própria ciência tem indagado sobre coisas abstratas como pensamento e consciência, indagando também se o próprio pensamento também é feito do “nada”. Para a filosofia perene - o conjunto do saber antigo, originado no oriente - a consciência é o próprio “nada”. Psicólogos - freudianos e comportamentais, neurofisiologistas, e biólogos têm tentado em vão identificar a substância mental e a sede da consciência. Ai surge uma outra dúvida: a consciência é uma propriedade apenas do ser humano ou os animais, e a própria matéria, também a tem? No caso, a consciência - como a mente - seria algo especial, substrato do Todo, ou apenas produto de interações neuro-químicas de um organismo? Isto para a ciência ainda é um mistério insondável embora que para o místico seja algo bem claro - a consciência é um aspecto de o próprio Poder Superior. O que também queremos enfatizar é, mesmo que tudo isto sejam reações da própria matéria biológica, ainda assim o potencial já estava implícito na origem. Desta forma todas as reações dos seres vivos nada mais são do que exteriorizações implícitas na fonte da própria energia que originou todo o universo, portanto não se tratam de algo inerente ao mundo objetivo, de algo gerado pela matéria, mas sim apenas de algo manifestado através dela.

Técnicos que buscam criar inteligência artificial (organismos cibernética) não desistem do propósito de construir máquinas conscientes e se isto chegar a ser possível, a questão está respondida dentro da conceituação mística; *“Onde quer que se faça presente uma estrutura apta a manifestar consciência ela ali se fará presente, desde que se trata de um Poder que inunda todo cosmos”*.

Um dos maiores pesquisadores na área da “inteligência artificial”, John Mc Carthy, acredita que dentro de algumas gerações as máquinas comportar-se-ão como se tivessem cérebros iguais aos cérebros humanos, e que não está distante o tempo em que elas serão dotadas até mesmo de paixões e sentimentos.

Ao místico não causará espécie se isso vier a acontecer, desde que tal coisa não invalide a idéia da existência de um Poder Superior, bem pelo contrário, será um reforço à idéia de que existem manifestações de algo absoluto, presente em todos e em tudo. Se tal vier a ocorrer, uma máquina dotada de inteligência a mencionada qualidade não será algo inerente à máquina e sim a algo manifestado através dela, algo que procede da “Inesgotável Riqueza do Nada”, do “Vazio que está cheio de alguma coisa que não é matéria”, daquele chamado “Vazio Quântico” - denominações dada pela ciência -. Isto é básico na metafísica espiritualista que considera a consciência como sendo um dos aspectos do próprio “nada”, e se manifesta onde quer que exista algo, e segundo o modo peculiar de cada coisa. Assim sendo ela se manifesta de uma forma numa pessoa humana, de uma outra num vegetal, num mineral, ou mesmo numa máquina, desde que tudo é mente no universo, portanto tudo tem consciência.

A teologia se divide em duas correntes: Dualista e Monista. As religiões que podem ser consideradas monistas estritas são exatamente aquelas que falam de uma causa primeira, abrangente, imanente em todas as coisas, de onde tudo proveio e para onde tudo voltará, causa esta que tanto está no universo quanto fora dele, e assim sendo totalizando exatamente o “*nada*”. O dualismo considera a existência de distintas coisas no universo, mas isto vai em oposição ao que a ciência tem como certo, a existência da criação a partir de um ponto único, o mesmo que afirmam muitas religiões, em especial aquelas que derivaram dos Vedas.

As religiões místicas, predominantemente orientais, falam de um Deus metafísico. É o Deus das religiões orientais, Deus dos filósofos, tanto que chamá-lo de Deus pode ser considerado um engano por não se tratar de um “ente” mas um “princípio”. É o princípio do ser imutável, ao mesmo tempo em que é, também, a fonte de todo o porvir, a fonte de toda atividade, o UM do qual procede toda multiplicidade, e que na China é chamado Tao, o “Caminho”, na Índia de Brahmân, o imutável, e em algumas doutrinas Poder Superior, ou o “Deus de Spinoza” o Uno, o que não depende de nada, livre de sentimentos e paixões, que está dentro, que é infinito, conteúdo e continente de tudo quanto há.

A ciência, com embasamento matemático nega formalmente a existência de um “nada” absoluto, quando afirma existir algo indefinível, indetectável, inefável, fonte de “informações” além do Universo objetivo detectável. Este pensamento da ciência moderna está em conformidade com o pensamento dos místicos de alto nível de todos os tempos, especialmente os orientais, habituados à meditação sobre conceitos metafísicos elevados. É exatamente num nível além do universo, ou seja, naquele “*nada quântico*” referido pela ciência atual, que eles colocam Deus, o Poder Superior.

A fonte de todo o conhecimento, o propósito primeiro de tudo quanto foi criado e mesmo daquilo que ainda não foi criado, existe ao menos como “informação” na citada “Inesgotável Riqueza do Nada” pois ali tem tudo e tem nada. A ciência pode chamar de a “pré-forma da forma” ou “ordem implícita de Bohm”, ou “modelo organizador”, mas nomes não causam diferença alguma, o que importa é que lá está uma fonte uma de consciência.

A própria ciência tem indagado sobre coisas abstratas tais como pensamento e consciência, indagado também se o próprio pensamento também é feito do “nada”. Para a filosofia perene - o conjunto do saber antigo, originado no oriente - a consciência é o próprio nada. Psicólogos - freudianos e comportamentais, neurofisiologistas e biólogos têm tentado em vão, identificar a substância mental e a sede da consciência. Ai surge uma outra dúvida: a consciência é uma propriedade apenas do ser humano ou os animais, e a própria matéria, também a tem? No caso, a consciência - como a mente - seria algo especial, substrato do Todo, ou apenas produtos das interações neuro-químicas de um organismo? Isto para a ciência ainda é um mistério insondável embora que para o místico seja algo bem claro - a consciência é um aspecto de o próprio Poder Superior - Deus Inefável.

Técnicos que buscam criar inteligência artificial (organismos cibernéticos) não desistem do propósito de construir máquinas conscientes e se isto chegar a ser possível a questão está respondida dentro da conceituação mística; “*Onde quer que se faça presente uma estrutura apta a manifestar consciência ela ali se fará presente desde que se trata de um Poder que inunda todo o cosmos*”.

Um dos maiores pesquisadores na área da “inteligência artificial”, John McCarthy, acredita que dentro de algumas gerações as máquinas comportar-se-ão como tivessem cérebros iguais aos cérebros humanos, e que em mais duas gerações elas serão dotados até mesmo de paixões e sentimentos.

Numa máquina dotada de inteligência esta não será algo inerente à máquina e sim a algo que apenas se manifesta nela desde que, se tudo faz parte da “*Inesgotável Riqueza do Nada*”, do “*Vazio que está cheio de alguma coisa que não é matéria*”, daquele chamado “*Vazio Quântico*” - denominações dada pela ciência-. Isto é básico na metafísica espiritualista que considera a consciência como sendo um dos aspectos do próprio “*nada*”, ou, indo mais longe, ela é o próprio “*Nada*”, ou Poder Superior - termo religioso - que se manifesta onde quer que exista algo e segundo o modo peculiar de cada coisa. Assim sendo a consciência se manifesta em tudo quanto existe, mas de uma forma peculiar em cada coisa; de uma forma numa pessoa humana; de uma outra maneira num vegetal, num mineral, ou mesmo numa máquina. Já dizia Hermes, “*Tudo é Mente*” ou como as doutrinas védicas afirmam “*O Universo é Mental*”. Sendo assim, desde que tudo é mente no universo, logo tudo tem consciência nas devidas proporções.

As religiões que podem ser consideradas monistas estritas são exatamente aquelas que falam de uma causa primeira, abrangente, imanente em todas as coisas, de onde tudo proveio e para onde tudo voltará, causa esta que tanto está no universo quanto fora dele, e assim sendo totalizando exatamente o “*nada*”.

No primeiro livro que editamos falamos de psicólogos e de consciência celular. Na época da primeira edição essas afirmativas eram consideradas heréticas, mas hoje é a própria ciência, em especial cientistas adeptos da física quântica, que isto. Este livro está mais direcionado àquilo que está por trás do miasma, e isto nos leva a analisar com detalhes as propriedades do intelecto, da memória e do pensamento, o que será feito em um outro capítulo. Alguns metafísicos, filósofos, e cientistas indagam se o pensamento também é feito do “*nada*”? Para a filosofia perene - o conjunto do saber antigo, originado no oriente - ela é o próprio “*nada*”. Indagam o que é o pensamento e em que ele se diferencia da consciência.

Como mencionamos antes, os neurofisiologistas e psicólogos têm em vão tentado identificar a sede da consciência, sem que até agora hajam chegado ao menor indício de sua localização. Mas, podemos afirmar que sejam quais forem as circunstâncias, a consciência e assim também todas as qualidades inerentes à mente, pré-existem, isto é, antecedem à forma, pois que antes de qualquer estrutura tudo já estava implícito no ponto gênese do universo. Como não existiram dois pontos de origem, então não se pode negar que tudo quanto há e se manifesta de alguma forma, já estava reunido numa só condição - ponto primordial da criação - conforme o Big Bang (Fiat Lux) que se desdobrou em miríades de coisas. Houve uma fragmentação colossal atingindo não apenas da energia, mas também todas as condições imateriais existentes. Embora isto seja um mistério insondável para a ciência oficial não o é para os pensadores metafísicos e místicos.

Analisando esse tipo de questionamento, o neurofisiologista Kant Klavans chama a atenção para uma dessas características, a “*prioceptividade inconsciente*” que se refere ao modo como o corpo sabe como cada uma de suas partes ocupa um espaço. Seguindo essa idéia muitos biólogos preocupam-se com outra questão



A FRAGMENTAÇÃO E A LEI

“A LEI É LUZ.”

M.:G.

1997 - 3350



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.736



Fora da criação, a rigor, não existe aquilo que temos assinalado como memória, existe apenas a consciência como aspecto do próprio Absoluto.

De uma forma bem singela a consciência pode ser considerada como uma memória ilimitada. Tudo o que é imitado não cabe dentro da criação, portanto a consciência não pode em sua plenitude estar contida na criação, razão pela qual ela se apresenta de forma limitada como intuição, e de forma fragmentar como memória.

Tudo o que existe na criação é fragmentado, diz um dos ensinamentos de Hermes.

Até mesmo os aspectos do *Poder Superior* manifestam-se na criação como se fossem fragmentários mesmo que não o sejam, pois eles, em decorrência de apresentarem-se através de percepções parciais o que dá a idéia de multiplicidade. O amor, por exemplo, é uma das faces do *Poder Superior*, ele não é fragmentado, pois não pertence exclusivamente à criação, mas como só apresenta-se em seres que são estruturas fragmentárias, então surge como se fossem formas individualizadas. Por isso, o amor dentro da criação jamais é pleno, existe, assim, *o amor de cada um*. Vivemos num mar de espelhos, e como os espelhos são imperfeitos, fragmentados, e limitados, as imagens neles refletidas apresentam-se igualmente imperfeitas e limitadas.

Na realidade o transcendente, a fim de manifestar-se necessita tornar-se imanente, isto equívale a uma limitação, a uma fragmentação.

Elevado número de aspectos do *Absoluto* manifesta-se em toda natureza, em todo universo, mas de forma alguma em sua plenitude, pois o maior não pode se localizar plenamente no menor, por isso ele ou tem que se dividir ou se aposentar parcialmente. Isso mesmo podemos dizer com referência à Lei, esta em sua plenitude não “cabe” dentro de uma criação limita, por isso existe a multiplicidade da Lei, na realidade não se trata de muitas leis, e sim de Uma só, mas que se manifesta segundo a necessidade de cada elemento constitutivo do Universo.

Temos estudado que no processo da criação houve uma fragmentação, o Uno tornou-se múltiplo. Isto aconteceu com a consciência e com todos os demais atributos do *Poder Superior*.

Exatamente é a fragmentação que faz com que as coisas manifestem-se como isoladas, pois, mesmo que permaneçam alguns laços de união entre elas ainda assim estes são deveras tênues.

Em decorrência da fragmentação a *consciência* tornou-se atenuada, menos clara, e individualizada fazendo com que cada ser tenha consciência do mundo segundo suas próprias limitações e baseie nisto a verdade. A percepção da consciência gerou a memória pessoal que é acessada como pensamento. Vemos, pois, que o pensamento pode, de uma forma lata, ser considerado como uma fragmentação da própria intuição. “*O pensamento é, em essência, é a resposta ativa da memória...*” como diz o físico quântico David Bohm.

O pensamento é fragmentado, mas, mesmo assim, o que aflora através dele, muitas vezes, é tido pela pessoa como a imagem da verdade de como o mundo é. Disto é que resulta a totalidade das confusões existentes no mundo. O pensamento, por ser fragmentário, condiciona a verdade pessoal. Sendo

pessoal existem incontáveis verdade perfazendo um contexto eivado de divergências geradoras de uma imensa confusão que permeia cada fase da vida, cada religião, cada raça, cada povo e cada indivíduo, o que dificulta tanto a solução dos problemas individuais e sociais.

Como o limitado pode conter o ilimitado? - Como o cérebro limitado pode conter o ilimitado? Não pode, porque se assim não fosse ele não seria limitado.

A limitação é fruto direto da fragmentação e uma das conseqüências da fragmentação é inconfiabilidade das percepções que por sua determina um afastamento da *consciência* e a sua substituição pela memória. Em outras palavras, o ser dentro da criação deixa de ter consciência clara - plena - para ter memória pessoal - limitada.

A intuição plena manifesta-se apenas como “insights”, “flashes” momentâneos, e fugazes. O que predomina na fragmentação é o pensamento, veículo de manifestação da memória. Enquanto a intuição é única a memória é múltipla. A intuição é única porque tem como fonte a consciência - algo único - enquanto o pensamento tem origem no que é múltiplo. Sendo este múltiplo as conclusões são múltiplas e consequentemente as verdades também o são e diferem de pessoa para pessoa. São exatamente as “verdades múltiplas” que geram as discordâncias, as diferentes formas de política, de religião, de moral, de conduta, em suma, todas as divergências.

São as divergências quanto à verdade que provocam todos os infortúnios. A conduta da pessoa pode ser sincera quando ela resulta da certeza de uma verdade, mesmo que pessoal. As pessoas podem agir de modos opostos desde que cada uma se baseie na sua verdade pessoal e sendo assim cada uma delas pode estar certa segundo a sua própria verdade. Por isto é válido dizer que “todos estão certos naquilo que querem” ou seja naquilo que aceitam como verdade. Mas nem sempre é apenas deste modo, pois também existem desentendimentos baseados na falsidade ideológica, quando a pessoa sabe que não está certa, que aquilo que defende não é uma verdade para ela mas movida por determinados propósitos age e gera desentendimentos. Gera desentendimentos por razões que não são verdadeiras para ela própria. Isto é o que acontece quando se age por capricho, por vingança, por prazer de contrariar os outros, e por muitas outras causas. Nestes casos a pessoa está em conflito com ela própria pois aquilo não é a sua verdade mas mesmo assim ela de modo diferente. Nessa problemática reside um imenso jogo de interesses e, se analisarmos tal jogo de interesse acabamos descobrindo que eles são frutos de verdades individuais e sim de falsidades.

Sentimos o grande conflito que deve existir numa pessoa portadora de um vício e que chega à conclusão de que aquilo não é bom. Então chega a ser uma verdade que aquele vício não serve, mas mesmo assim ela sente-se impulsionada a praticá-lo. A pessoa, então vive em perene conflito, vive em falsidade ideológica, e como tal trata-se evidentemente de uma pessoa fraca, distante da libertação espiritual, um ser que ainda a cada passo tropeça na fraqueza e convive com o fracasso.

Sendo a mente humana muito limitada, fragmentar, não tem como ela poder apreender em amplitude o ilimitado, a beleza, o amor, a verdade, e tudo o mais que constitui aquilo que temos chamado de “Fases do Poder Superior na criação”. A respeito disto, no máximo a pessoa pode ter de tais qualidades apenas “insights”, e o que é curioso é que um desses “insights” pode parecer ser a verdade toda embora evidentemente jamais o seja. Assim é que uma pessoa pode pensar que tem em si o amor em toda plenitude, a beleza, ou outro atributo qualquer do *Poder Superior*, mas nem ao menos pressentir que nele apenas reflete-se uma migalha desse Poder, pois sendo a mente inconcebivelmente fragmentária tudo aquilo que percebe de uma das faces do *Poder Superior* é também fragmentar em igual proporção.

Uma das conseqüências da fragmentação é que embora ela não atinja a Lei ainda assim a limita em sua manifestação. Cada unidade do fragmento do universo só reflete uma fração do todo da Lei, daí podermos dizer que todos os elementos constitutivos da criação são lacunares, imperfeitas, no máximo podendo ser consideradas como realidades relativas, verdades individuais ou de grupos.

A mais alta forma de Justiça é a Lei, também a mais alta forma de amor, de verdade e assim por diante. Nos 7 níveis integrantes das coisas o mais elevado deles predominantemente é a Lei. Convém

notar que, como a natureza sétuplo das coisas só se apresenta dentro da criação é obvio que a Lei não está a ela submissa, desde que transcende à criação. Algo que transcenda os limites da criação não está sujeito a qualquer esquema, entre eles o da natureza sétuplo.

Quando dizemos que o amor tem sete níveis na realidade estamos querendo dizer que não é o amor algo fracionado em sete níveis, mas sim que de conformidade com a fragmentação dos seres estes o sintonizam em sétuplo aspecto, sendo que a própria Lei é a gênese de todos eles. Quando dizemos que o mais alto de todos os níveis de amor é a Lei estamos nos referindo aos níveis como os fragmentos que sintonizam o amor. Por isso é melhor de em vez de se dizer que o amor e as demais Faces do *Poder Superior*, são sétuplas, dizer-se que todos os aspectos do *Transcendente* são assinalados pelos imanentes em 7 planos, sendo que o mais elevado de todos é o próprio *Transcendente*.



O TÉDIO E O INFINITO

“ COMO PODE O MENOR, COMPREENDER
O MAIOR? COMO PODE A RAZÃO, FINITA,
ATINGIR O INFINITO? ”

J. DRYDEN.



TEMA 0.788



Conforme interroga J. Dryden: Como pode a razão, finita, atingir o infinito? Na realidade o que ele indaga é como a razão finita pode compreender o Infinito. Na realidade o Infinito, como um todo¹⁵ não pode ser atingido. Mesmo sendo assim, que em plenitude seja impossível à mente humana percebê-lo, ainda assim é possível ter-se uma vasta gama de percepções a respeito dos seus reflexos sobre a criação em geral, e do ser humano em particular.

O Infinito que não pode ser integralmente concebido, mas mesmo assim se apresenta como um inesgotável campo sobre o qual se pode meditar e então um grande manancial de conhecimentos sobre o existir. O Infinito pode servir de fonte de inquições na qual durante a vida inteira se podem buscar respostas para questionamentos dos mais diversos gêneros. Sobre o Infinito pode-se meditar vezes sem conta e assim, passo a passo, se entender o que na realidade é o cosmos, o existir, a própria vida e até mesmo o existir. Mesmo sendo um campo extremamente vasto de meditação, ainda assim, as ilações que podem ser feitas sobre ele na maioria das vezes, nos metem medos.

Pensemos no que significa a eternidade, o que significa o nunca haver tido início e o nunca haver de terminar. Para tanto coloquemos diante da nossa tela mental um fóssil de um ser que viveu na terra há mais de 120 milhões de anos e simultaneamente nós mesmos durante esse longo intervalo. Sintamos, então, o que é esperar esse imenso lapso de tempo, o que significa esperar desde a era dos animais fossilizados até o nosso nascimento biológico. Agora dupliquemos quantas vezes quisermos esse tempo até um ponto em que possamos considerar a existência da terra. Assim, em vez de um fóssil, tomemos por base o nosso planeta que, segundo medidas da astrofísica, remonta a quatro bilhões de anos.

Se a “nossa” consciência não for algo criado simultaneamente com o nascimento biológico pessoal, de alguma forma já existíamos então. Percebamos o que é esperar esse interregno incomensurável... Compreendamos que se elevarmos o valor temporal, esse número à sua mesma potência matemática, ou a qualquer outro valor, ainda assim não teremos chegado ao limite do eterno, nem ao menos ainda estaremos nos aproximando dele. Meditemos nisso, passemos um longo tempo sentindo-nos como parte deste existir. Para nós seria deveras fácil entender tal situação se fosse verdade que a consciência, a mente houvesse tido início quando do nascimento do nosso corpo, mas não é isso o que testemunha a Tradição, que preceitua que a consciência é eterna e que a mente nada mais é do que um desdobramento dela.

Não aceitar a consciência como eterna é negar a própria unicidade cósmica e isso em vez de resolver o questionamento básico dessa palestra, pelo contrário, nos coloca num labirinto ainda mais complexo e difícil de sair, no que tange à natureza do existir.

¹⁵ Nem mesmo o termo “ todo” pode ser aplicado ao infinito, pois tal indica uma limitação o que inexiste nessa condição.

Expusemos uma mentalização sobre o passado, mas podemos fazer o mesmo sobre o futuro. Assim podemos indagar, o que estaremos fazendo em um trilhão de anos? E se elevarmos esse trilhão a tantos trilhões quisermos? - Por certo ainda estaremos existindo de alguma forma. Isso é passível de nos levar a um tipo de entendimento deveras arrasador, a não ser se chegarmos pela meditação - portal da intuição - a percepção do que é o tempo cronológico inerente ao Mundo Imanente.

O infinito é algo tenebroso, como veremos a seguir, para aquele que superficialmente meditar sobre ele. A eternidade, se analisada ao nível de imanência, ao nível de mundo relativo, de mundo dialético, se apresenta como a mais satânica das coisas existentes. Para nos certificarmos disto basta se, por exemplo, explorar nos mínimos detalhes cada partícula existente no universo. Se nos dispusermos a examinar cada elemento químico existente no Cosmos, ainda assim teríamos tempo para repetir esse exame milhões, bilhões, trilhões, ou mais, de vezes e ainda assim o processo não se esgotaria e nem mesmo nos aproximaríamos do término. Diante disso vale indagar sobre o tédio. Segundo os valores de qualquer pessoa tal situação seria infinitamente tediosa; esse nunca acabar, terminar e recomeçar seguidamente um processo “ad infinitum”. Por mais rara que seja uma condição qualquer, ante a eternidade ela voltará a se repetir infinito número de vezes.

Pensar superficialmente no que estamos expondo pode ser algo simples, mas se for feito em nível de meditação o mesmo não pode ser dito, pois se nos apresenta tal qual o próprio inferno. Mesmo as mais agraváveis situações quando demasiadamente repetitivas geram tédio e isso é uma condição autenticamente infernal, algo que se mostra como sendo o próprio inferno.

Ingenuamente, ou intencionalmente, algumas religiões dizem que o inferno é sofrimento, dissabor, e infelicidade infinita, e estamos dizendo que, em termos de sofrimento, a mais ideal das condições ligadas à cronologia, mais cedo ou mais tarde, torna-se algo insuportável. Em longo prazo tanto faz ser algo ruim, quanto ser algo bom, ambas as condições geram tédio e isso é uma forma terrível de sofrimento. Ao nível de infinito não há diferença alguma entre uma condição agradável e uma desagradável desde que elas indistintamente geraram tédio e conseqüentemente sofrimento. É como diz um adágio popular: “*Não há bem que sempre dure e nem mal que não se acabe*”.

Por mais belo que seja um lugar, uma coisa, um estado, só tem o sentido de agradável só existe quando apresentado pequeno número de vezes, pois se for muito repetido, além de um determinado torna-se algo infernal. Quanto maior for o número de repetições mais tedioso é aquilo que se repete, e então aquilo se torna insuportável. Sendo assim, perguntamos, e se algo por melhor que seja se repetir um infinito número de vezes não se tornará uma fonte infinita de sofrimentos? Em nível de repetição prolongada, que diferença faz algo ser catalogado como ruim ou como bom? - Por certo, todas as condições indistintamente tornar-se-ão causa de sofrimentos infintos, esta é a resposta.

Somente pessoas ingênuas podem acreditar que o que é prazeroso sempre é bom, ou seja, aquilo que é agradável num momento pode ser como tal eternizado. Dizer que o céu, o paraíso eterno é um lugar, ou mesmo uma condição, em que se fazem sempre presentes aquelas coisas que julgamos boas, isso satisfaz apenas aos ingênuos. Mesmo que tal seja uma afirmativa de algumas religiões, se for analisado em nível de peculiaridade ligada ao infinito por certo se chega a compreender que inferno e céu nada mais é que uma coisa só.

Tolamente a quase totalidade das religiões falam que existe um céu, um paraíso, um lugar ou mesmo uma condição em que se faz presente tudo aquilo que, segundo os padrões deste mundo, manifesta-se como algo prazeroso, mas para desfazer essa idéia basta que se pense sobre o tédio oriundo da repetição e sentir-se-á que ao nível de infinitude tanto faz uma condição ser ruim ou boa, todas são terríveis desde que sujeitas ao tempo cronológico, evidentemente.

Naquele tipo de paraíso eterno coisa alguma se pode acrescentar ou tirar, pois coisa alguma pode ser subtraída ou somada ao infinito. Sendo assim nele tudo simplesmente está. Tudo já existe ali, mesmo que as opções sejam infinitas mesmo assim elas estarão infinitamente presentes. Meditar sobre isso é como penetrar num emaranhado tremendo, mas ainda assim é possível se chegar a uma compre-

ensão de que mesmo não se tratando da verdade plena ainda assim é um modelo capaz de atender à inquietude de uma mente repleta desse tipo de indagação.

Numa situação de infinitas repetições a pessoa chega a aceitar que melhor condição seria o não existir, mas por certo o existir é uma condição indestrutível, trata-se de algo impossível de ser destruído como é passível de ser feito com relação à existência biológica. Não se pode extinguir a vida em sua essência.



A NEGATIVIDADE NOS SERES

“ AQUELE QUE NÃO SABE SOFRER É UM
IGNORANTE - QUEM SABE É SÁBIO ”.
HUBERTO ROHDEN



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1998-3351
TEMA 0.823



Na palestra anterior vimos que a rigor não existe o mal e o bem, que se trata de condições resultantes de uma polarização de um potencial do presente no Absoluto, no Transcendente.

Nesta vamos analisar um aspecto um tanto sutil inerente ao próprio Princípio Hermético do Gênero.

Veremos porque não pode existir o bem sem o mal e vice-versa. Todo bem traz contido em si o mal e todo mal o bem. Na verdade existe alguma dificuldade em se entender isto, mas mediante alguns exemplos torna-se algo bem claro. Visando isto vamos fazer uso do esquema da “Árvore da Vida”. Iniciemos aplicando o esquema ao Mundo Imanente. Trata-se da “Árvore” mais ampla, aquela ligada à criação com um todo. Nela uma das colunas representa a queda, o processo de fragmentação, a desconcontinuidade do próprio Universo simbolizado pela coluna de *Binah* e a outra a salvação, a unificação simbolizado pela coluna *Hokhmah*. Em suma, respectivamente o lado destrutivo e o lado construtivo, o mal e o bem.

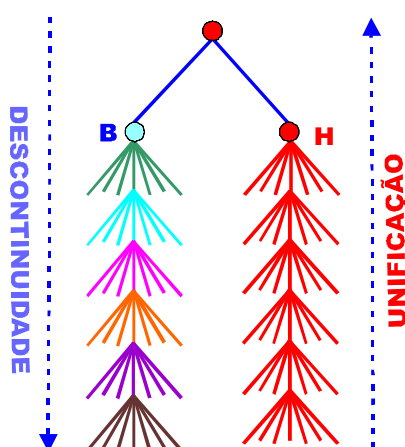


Figura Erro! Argumento de opção desconhecido.

Em qualquer evento, desde que seja levado em consideração o esquema ver-se-á que os dois lados sempre se manifestam. Mesmo numa ação que alguém a considere maravilhosa ainda assim há contido nela um tanto de dificuldades que não deixa de ser uma forma de sofrimento. Vejamos um exem-

plo simples que pode mostrar isto. Consideremos uma pessoa acerta numa loteria e recebe um a fortuna. Isto para ela certamente é um bem. Mas não se pode negar que para receber o dinheiro tem que ir ao banco (dificuldade), talvez tiver que esperar numa fila, se esforçar para saber em que empregar o dinheiro, e também deve ser considerado que antes teve que de alguma forma se sacrificar para comparar o bilhete, e assim por diante.

Pelo Princípio do Gênero vemos isso¹⁶ claramente. Os eventos constituem-se cadeias de opostos. Por isto qualquer bem considerado é sempre imediatamente antecedido e precedido por um algum sacrifício (mal) e assim constitui-se uma cadeia em que as duas condições alternam-se “ ad infinitum”. Trata-se de uma cadeia que tende ao infinito e ao mesmo tempo ela apresenta-se permeada de infinito.

Isto é uma decorrência do Princípio do Gênero e como tal coisa alguma dentro da criação ocorre sem que os Princípios Herméticos se façam sentir, desde que eles são condições da natureza do próprio Poder Superior que existem imanifestos no próprio Absoluto.

Não existe maneira de se usar somente o lado prazeroso, a conquista de um prazer envolve um tanto de desprazeres. Se fosse possível somente o bem a “árvore” estaria incompleta, somente contendo uma metade. Considerando-se ser ela a planta constitutiva do universo imanente, é claro que os dois lados existem e manifestam-se.

Não tem forma de se anular a árvore, o que evidentemente se pode fazer é não deixar que miríades delas se interliguem, não deixar que níveis e níveis mais baixos sucessivamente venham a existir.

Os *sephirot* de uma árvore não representam coisas diferentes e sim aspectos de uma só coisa, da mesma forma que as árvores existentes não representam coisas independentes mas sim níveis de manifestação. A rigor só existe uma árvore representativa de uma única condição e que na realidade é Maya, isto segundo o Monismo. Não é possível haver separações entre as coisas, que por mais que se apresentem diferenciadas ainda assim são sempre uma mesma. No Dualismo as árvores seriam em número inconcebível sem qualquer tipo de ligação entre elas.

Essa natureza de dupla manifestação polar de todos os seres explica muitas incongruências citadas nos Livros Sagrados. Na Bíblia encontramos varias citações que falam de tentações movidas pelo demônio. Entre elas a que se refere a Jó, um justo perante Deus, foi tentado pelo poder das trevas. Mesmo Jesus, quando por 40 dias esteve no deserto foi tentado - Lucas 14:13

Como poderia a treva se apresentar diante da Luz? Isto só seria possível segundo a visão dualística, ou a de uma pessoa que considere Jesus um ser humano comum, do contrário, sendo Ele uma Luz Divina, o demônio não conseguiria nem ao menos se aproximar. Pelo Monismo é mais fácil entender isto, pois os dois lados existem em todos os níveis, e toda diferença de grau de desenvolvimento espiritual reside na chance de manifestação de um dos lados diante de uma dada situação. Em qualquer ser, quer se trate de Jó ou mesmo de um ser de grande pureza, ou até do próprio Jesus existem os dois lados. Naturalmente Jesus mostrou que mesmo existindo em todas as situações os dois lados cabe a cada pessoa administrar no sentido do bem de conformidade com a situação e o momento.

Vários são os livros sagrados que falam de diálogos e mesmo de pelejas entre seres espiritualmente desenvolvidos, mesmo de seres puros, e a força negativa. Na realidade trata-se de choques das polaridades manifestas em cada uma delas, e não de um ser separado delas. A força negativa como uma individualidade só consegue se aproximar dos que lhes estão espiritualmente próximos; ela não consegue chegar perto dos desenvolvidos.

O que dissemos pode ser ilustrado com uma pequena história relativa à luz e a treva. “*Certa vez disseram à Grande Luz Universal que ela deveria vir a terra pois que esta estava totalmente dominada pela treva. Então a Grande Luz enviou o Sol para cumprir a missão. Aqui chegando o Sol visitou todos os lugares e em nenhum deles encontrou a treva. Então, voltou e disse: Não é verdade oh! Grande Luz, na terra não existe treva alguma, por todos os lugares andei e em nenhum dele a encontrei*”...

¹⁶ Tema 340

Já escrevemos em outros temas que o mal tem três de origem: Trata-se do tríplice aspecto de manifestação da negatividade, que compreende o lado egrégora negativo, o lado satanás individualizado, e o lado negativo pessoal. Destes, os dois primeiros são inerentes ao mundo imanente e o terceiro ao próprio Transcendente, mesmo que de forma imanifesta.

Na verdade o aspecto mais difícil de ser superado é o terceiro porque diz respeito à própria natureza da essência da vida, por isto não adianta a pessoa se opor a ele e sim saber administra-lo com sabedoria. Todo o tempo disponível a pessoa deve usar em aprender e a agir de forma positiva. Não vale despendar tempo tentando extinguir o mal mas sim em aprender como neutralizá-lo desde que ele jamais é extinto. Em todos os momentos a pessoa deve saber usar o lado positivo, pois, como disse um dos Grandes Mestres da atualidade - M. Gabriel - “ *A defesa do mal é a prática do Bem*” . *Pode-se anular o mal com Luz Paz e Amor.*



O SER E O COSMOS

**“NÃO ERGAS ALTO UM EDIFÍCIO SEM FORTES
ALICERCES, SE O FIZERES VIVERÁS COM MEDO”
PROVÉRBIO PERSA.**


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.

2000 - 3353

TEMA 1.284



Iniciamos esta palestra analisando a fig. 1 que mostra esquematicamente a criação do universo.

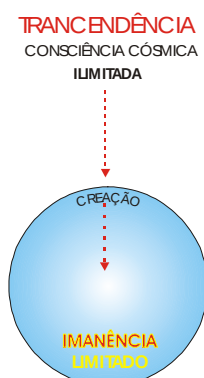


Figura 2

Os cosmólogos se dividem no tocante à origem do universo, assim temos aqueles que dizem que o universo sempre existiu e que admitem que houve um início. Na segunda metade do século XX a hipótese mais aceita foi a do Big Bang¹⁷, que diz haver ocorrido um momento em que a partir de algo o universo foi criado. Esse algo as religiões chamam de Deus; os agnósticos chamam de nada absoluto; os físicos quânticos chamam de nada conceitual, pois como afirma o físico David Bohm: Onde não há nada há informação. Como todo o nosso trabalho, e nossos escritos se baseiam numa hipótese vitalista, então vamos desenvolver esta palestra a partir da premissa de algo pré-existente, mesmo que tal não possa ser entendido, e muito menos definido pelo ser humano.

Conceituamos essa origem como Transcendência e que representa a Consciência. Consciência não no sentido comum como é usado vulgarmente, ou seja, no sentido de “se dá conta de”, mas sim no de um poder criador e mantenedor de tudo quanto há, que sob diferentes aspectos está presente em tudo, tanto na energia, quanto nas partículas, átomos, células, seres estruturados, estrelas, galáxia e tudo o mais que se possa referir.

¹⁷ Existem algumas variantes da Teoria de que houve um princípio. A própria teoria do Big Bang, embora ainda seja a mais aceita na atualidade, ainda assim está sendo substituída por outras mais satisfatórias. Uma destas é a do Biocosmos, que na verdade tem um bom embasamento filosófico que a torna bem próxima do que afirmam algumas doutrinas e em especial do que já era mencionado nos Vedas.

Em nível de Transcendência, ou de antes criação a Consciência sempre existiu como eternidade, neste sentido é ilimitada, mas naturalmente pode se manifestar limitadamente. Como no potencial infinito tudo deve estar contido este também contém o finito. Com apoio nesta assertiva podemos dizer que este universo pode ser considerado um dos elementos finitos do absoluto; um limitado “dentro” do ilimitado. O que queremos agora afirmar é que na criação o absoluto fez transparecer o seu aspecto relativo como algo limitado. A própria ciência cosmogônica tem como certo que aquilo que conceituam ser o universo tem um limite, no qual toda a energia e matéria estão circunscritas dentro de um espaço cujo raio mede entre 17 e 20 bilhões de anos luz.

Agora podemos conceituar a existência em dois níveis, um transcendente (o que pré-existe à criação) e o outro Imanente (o que existe a partir da criação), que recebe este nome por estar contido naquele de onde se originou (o conhecido como criação).

Enquanto o Mundo Transcendente é constituído por uma só coisa, algo indefinível, que não sabemos de que consiste, apenas podemos dizer que ali é a fonte a Consciência Pura e Ilimitada¹⁸, por sua vez o Mundo Imanente é caracterizado por miríades de coisas.

Consideramos importante este preâmbulo afim de que o desenvolvimento do tema possa ser mais bem compreendido. Nas palestras anteriores dissemos que a consciência gerou o mundo no qual ela própria se manifesta. Entre as formas dessa manifestação estão os seres, que se caracterizam por uma individuação e que no ser humano chega ao nível da personalização. É aí se apresenta aquilo que chamam de mente, característica da individuação.

Falamos na palestra anterior que essa individuação gera uma angústia existencial, porque a consciência se apresenta como um “eu”, ilusoriamente separado daquilo que ela considera “os outros”. Daí a mente que se acredita isolada necessita manter e proteger a individualidade, conservar aquele “eu” através de mecanismos que configuram o que é chamado de “ego”.

Na fig. 2 representamos o ser e o universo que o cerca, no qual parecem existir miríades de coisas, entre estas distintos “eus”, os quais são tidos como ameaça potencial à integridade do “eu”.

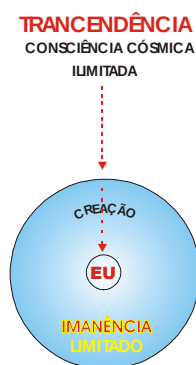


Figura 3

O “eu”, que vamos chamar de ser, não se mantém numa posição de inércia, ele está sempre interagindo com o mundo circundante, com as coisas “diferentes” de si e que aparentemente o cercam. Esse interagir se faz através de um imenso número de coisas, e fatores. No mundo imanente o “eu” está confinado, limitado, restrito, separado. Por isto na fig. 2 o representamos dentro de um círculo. No ser humano este círculo tanto representa os limites físicos quanto os psíquicos, ou seja, tanto a estrutura física biológica, quanto à mente que compõe o “ego”. Assim a consciência limitada se torna uma entidade individual, que experimenta o mundo de uma forma dualista e rígida. Considerando-se separado da infinitude o ser procura reagir segundo suas percepções. Como as percepções são imperfeitas e in-

¹⁸ Tudo isto já descrevemos repetidamente em diversas palestras.

completas a pessoa tende a ampliar cada vez mais os seus erros, passando a viver numa condição de erros e de acertos.

Neste ponto em se tratando de um ser vivo ele desenvolve a capacidade de perceber - percepção - o meio no qual está situado.

Desde o momento em que a consciência se dualiza ela “esquece” que é essencialmente uma; não mais se dando conta de que “eu”, os “eus” e todas as coisas unificam-se numa como uma só essência. Sentindo-se divisionária a mente em vez de agir como unicidade ela age como dualidade e por isso cobra a necessidade de interações com tudo aquilo que é percebido.

Assim, o ser deixa a realidade única e passa a vivenciar a realidade virtual que é o mundo imanente, conforme descrevemos em palestra anterior ¹⁹.

Em estágio bem primitivo o ser biológico não tem sequer individuação, ele age em grupo, com, por exemplo, cardumes de peixes, nuvens de insetos, ondas de pássaros, etc. Ai não existe quaisquer indícios de um ego, pois nem sequer se configurou ainda uma individuação. Esta ocorre depois, como se pode ver em profusão em animais mais desenvolvidos na escala biológica. Animais que já podem viver isolados dos demais, ou quando muito formam manadas, grupos, famílias, unidas por um interesse comum, mas não indicando que cada um se sinta o outro. Já então o embrião do ego está dando os primeiros passos. Somente na fase hominal (pessoa) é quando o ser se dá conta de si, surge o “eu sou eu”, surge um “eu” diferenciado dos outros “eus”, a partir de quando começa a se estruturar o “ego” e o ser então começa a interagir com o mundo em seu redor. É quando ele realmente começa a participar do jogo da vida, a agir dentro da realidade virtual da existência, esquecendo que aquilo é ilusório, e sem sequer pressentir que um dia o “jogo” acabará. Um jogo que se ele não interagir ele sofre a não ser que se acomode por algum tempo ou que descubra se tratar de um jogo de realidade virtual e saia dele. Isto não é fácil porque ele construiu uma tremenda muralha para se proteger, o “ego”. Desde que ele perceba que tudo aquilo é um jogo de realidade virtual ele tenta sair do jogo, mas isto não é fácil, é muito difícil alcançar o controle que desligará o sistema. Para alcançá-lo ele tem que desfazer a barreira do “ego”.

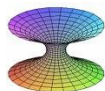


¹⁹ Vide o tema 1276.

O SER ANTE O CONTINUUM

“QUEM PRECISA MATAR A SEDE NÃO
PROCURA ENTENDER A FÓRMULA DA ÁGUA”.
FERNANDO E. TAVARES

2005-3358-J.L.E.
TEMA 1.318



Nas palestras precedentes mostramos que o unismo predomina na concepção da física atual, expressa pela Teoria Quântica, quando analisa a natureza do “vazio”. Hoje é plenamente aceito a existência de um algo indefinível que preenche, e mesmo compõe, tudo aquilo que concebemos como vazio, de uma forma uniforme e contínua pelo que recebe o nome de “continuum”. Somente quando alguma alteração ocorre nesse continuum é que se estabelece um “campo” cuja manifestação se faz sentir por algum tipo de criação.

O que temos mostrado desde os primeiros temas é a descrição dessa mesma condição tal como expressa pelas tradições místicas milenares, em especial pelo Hermetismo Egípcio.

O ilimitado é constituído por uma “essência” passiva, susceptível de vibrar que é chamada de MA (matriz). Nela em determinado momento se faz sentir a ação de uma segunda “essência” denominada de RA provocando uma vibração num setor qualquer do “oceano” sereno de MA e então ali se faz sentir uma criação. Podemos usar uma imagem mental como exemplo. Mentalizemos um lugar bem calmo e sereno.; ele mesmo estando repleto de ar, mesmo assim percebemos. Em dado momento certas condições ocorrem determinando um vórtice, um pequeno redemoinho, (mini-tornado) e então algo pode ser visto. Na verdade é um estado de agitação localizado, o ar estava quieto, o pó também, e nesta condição nada era notado, mas ao atuar uma força o ar é posto em movimento e com ele partículas de pó fazendo com que o ar antes imperceptível passe a ser perceptível. Esta imagem serve perfeitamente para se entender o que ocorre em nível cósmico de criação. Se compararmos MA com o ar do exemplo - o meio - ou seja, *Fohat*, o pó, aquilo que no vórtice se torna perceptível pode ser comparado com a *consciência*, e o fator desencadeante do vórtice, com uma força, ou seja, com um querer/poder.

No exemplo mencionado há a ocorrência de algo objetivo, o que não acontece em nível cósmico. Ali o imperceptível, o *continuum* é algo inefável, é o campo, o ponto em que a consciência se manifesta de alguma forma. Na linguagem da física, o *continuum* modifica-se gerando um campo, o qual se condensa formando as partículas (energia) subatômicas que irão estruturar tudo quanto há.

Na conceituação metafísica mística a manifestação não se faz para ser percebida de um ponto exterior, pois que não existe interior e nem exterior. Ela se processa para o próprio fator causal. É a consciência se dando conta de si mesma e isto corresponde àquilo que é denominado de mente. De uma forma grosseira, até poderíamos dizer que somos condensações da própria consciência. Assim como a matéria representa uma condensação do campo de *continuum*, podemos dizer que nós somos condensações da consciência cósmica e de forma alguma uma coisa separada dela. Assim como o campo não pode ser destacado de forma plena do *continuum*, o mesmo pode dizer daquilo que constitui a “nossa consciência” e mesmo de tudo quanto há. Tudo quanto há são “condensações” no seio do *continuum*, por isto não se pode falar de separação plena entre os elementos constitutivos do universo. Separação é um conceito que atende apenas a uma visão dualística – fragmentária - do universo, mas isto nada mais representa do que ilusão da mente.

A descontinuidade atende somente a uma visão ilusória do dualismo. O mesmo pode ser dito de todos os Princípios Herméticos, eles só têm sentido em nível de dualismo, e de forma alguma podem ser concebidos tendo-se em vista o Monismo.

Um outro ponto que queremos enfatizar é quanto a maneira como são expostas as teorias quânticas que cobram um lugar de manifestação, mas nem mesmo isto deixa de ser uma ilusão porque lugar é forma e, como vimos na palestra anterior, *vazio* e *forma* são uma mesma coisa. Na realidade na Transcendência o que existe é o inespacial e o atemporal e assim sendo os “campos” não podem ser diversos, apenas um pode existir, pois, se não há lugar então não é concebível mais que um campo. A física fala em inúmeros campos, mas isto só pode ocorrer em nível de dualismo, pois em nível de unismo só pode existir um, que é a própria existência. Não é exagero se dizer que lá nem mesmo existe um “campo”, pois se não há lugar (espaço) conseqüentemente não há um continente para conter seja lá o que for, mesmo o “campo”. Campo sob a visão unista não é um lugar qualquer, é apenas um estado cuja natureza nos é impossível conceber.

A Teoria Quântica já chegou ao nível de entender que só existe um campo, que a multiplicidade de campos são meras ilusões. O próprio Einstein já buscava uma teoria que unisse todos os “campos” em um só, a qual foi denominada de “Teoria do Campo Unificado”. Este consistiria em todos os “campos” se unificando em um só e sem dimensão ou forma alguma.

A física moderna mostra, uma vez mais, e desta em nível macroscópico, que mesmo os objetos materiais não são entidades distintas, pois se encontram inseparavelmente vinculadas a seu meio e que suas propriedades só podem ser compreendidas em termos de interação com o restante do mundo. Na linguagem quântica eles são meras manifestações em um mesmo “campo”, um “vórtice” no “*continuum*”. Isto se direciona ao Monismo, tudo é Um o mais são aparências desse Uno Indivisível.

Agora uma indagação deve pairar em nossa mente. Se a verdade é a Unicidade, então por que todas as atividades têm que ser empreendidas no sentido do dualismo? - A resposta pode ser encontrada tendo-se em vista que a existência, tal como a concebemos, nada mais é do que um mero jogo de realidade virtual que acontece no “*continuum*”. Num jogo, mesmo virtual, para quem estiver integrado nele, interagindo, nele não só existem duas opções, uma é jogar e a outra sair do jogo. Como não é fácil sair do jogo, então resta ao ser atender às regras do jogo, até que este possa ser dado por acabado. O “jogador” queira ou não, tem que continuar jogando, fazendo e obedecendo as regras, sem o que não terá como escapar. A condição de não se tratar de um jogo real e sim virtual não implica que o jogador possa ficar parado e incólume.

Por tudo isto, nós podemos dizer que os princípios, as leis, tanto as dos homens quanto às da natureza, são regras dentro do jogo virtual. O jogador precisa delas essencialmente, algumas vezes vitalmente, por isto ele as deve conhecer bem e saber como usá-las com sabedoria. Mesmo se dando conta de que ele, os outros, e as coisas são apenas uma unicidade ainda assim é isto o que o leva a falar, a escrever, e a ensinar, mesmo sabendo que a existência dentro da criação é uma mera ilusão. Mesmo tendo ciência de que é apenas o jogador de um jogo virtual, mesmo sabendo que tudo aquilo é ilusório, ainda assim ele tem que continuar obedecendo às regras, do contrário, pois ele está integrado ao jogo. Diante disto ele se sente levado a estabelecer regras, a auxiliar a “si” e aos que erroneamente considera “os outros” diferentes de si, para não estacionarem dentro do jogo. Nem mesmo uma posição de trégua, de calma, ele considera importante porque sabe que nenhuma trégua liberta o jogador do processo que está envolvido.

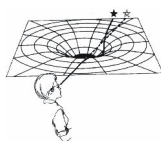


EXPLORANDO O NADA

**“O HOMEM COMUM FALA, O SÁBIO
ESCUTA, O TOLO DISCUTE”**
SABEDORIA ORIENTAL



TEMA 1.380



Na tentativa de desvendar a origem do universo físico, a ciência tem especulado a respeito do que existia antes, ou sobre a fonte original. Durante muito tempo foi dito que ele teve origem do “nada”, mas isso leva à indagação: O que é o nada? - A esse respeito vejamos o que nos diz a ciência atual sobre aquela condição chamada de “nada”. Assim transcrevemos um excelente artigo que situa o pensamento dos físicos quânticos, escrito pelo comentarista científico Manoel Barbosa, publicado com o título de Tecnologia do Conhecimento no jornal Diário de Pernambuco em 1995.

A inesgotável riqueza do nada:

“O ‘nada’ - ou os vazios quânticos - é uma das principais preocupações da ciência, atual. No ‘nada’, desconfiar os cientistas, parece está a matriz do Todo. Ou de tudo. Ou do universo material em que vivemos. ‘O vazio está cheio de alguma coisa que não é matéria’, define Henri Laborit, biólogo francês conhecido pelo seu materialismo radical e a intolerância com as tendências místicas de alguns cientistas. No vazio quântico há tudo e nada, ao mesmo tempo. Alguns físicos simplificam a questão e dizem que no vazio/nada há ‘informação’ assim pensava o brasileiro Mário Schemberg. Laborit considera essa definição insuficiente e dá uma explicação mais elaborada para o conteúdo do ‘nada’: ‘Variações de campos elétricos provocados pelo epicentro da matéria e que persistem quando a matéria já lá não está’. Outro físico, David Bohm, fala de ‘ordem implícita’. Ele quer dizer: a matéria está implícita no ‘nada’ - no vazio há pré-forma; é o molde invisível do molde visível - que somos nós e as coisas. Beneviste, pesquisador francês, provou que a matéria tem memória. Realizou experiências mostrando que, quando a matéria deixa de existir num ponto, ficam os vestígios. Até água deixa esses vestígios - ou memórias. As experiências de Benveniste foram testadas em vários laboratórios e os resultados comprovaram a afirmação, à primeira vista fantástica²⁰. Burr e Sheldrake, dois biólogos, dizem ter identificado ‘campos de vida’, ou campos morfogenéticos. É mais ou menos como a “ordem implícita” de Bohm no reino biológico: cada organismo teria uma pré-forma da qual os genes seriam apenas mensageiros materiais. Esse conceito também é chamado de ‘modelo organizador biológico’. Einstein, no seu intuicionismo avassalador, pensou ter identificado no universo essa força invisível contida no ‘nada’ - a ordem implícita de Bohm - e a incluiu num sistema conhecimento como ‘constante cosmológica’. Desacreditada - e até repudiada pelo próprio Einstein, depois - a constante foi recentemente

²⁰ De início as conclusões de Beneviste foram muito criticadas, e ele até mesmo afastado dos meios científicos. No entanto muitos pesquisadores silenciosamente deram continuidade ao trabalho daquele cientista, chegando às mesmas conclusões e até mais. No Brasil na UNICAMP esse assunto em sido pesquisado com muita seriedade e as conclusões comprovam o que Beneviste afirmou com relação à água.

reabilitada com as descobertas do Telescópio espacial Hubble. Aliás, com a não descoberta, pois o Hubble não detectou a chamada ‘massa invisível’. Essa massa era a explicação dada pelos astrônomos para ocorrências cósmicas inexplicáveis pelo volume de massa visível. Ou seja: a massa detectável no universo não bastaria para produzir o próprio universo. Deveria haver massa oculta e que constituiria 90% de todo o cosmos. O Hubble demoliu essa crença e pôs no seu lugar uma explicação parecida com a constante cosmológica. A de que há alguma coisa muito poderosa no “nada” dando origem ao todo - e muitos até a estão chamando de Deus. Para o físico inglês Stephen Hawking isso não é novidade. Ele já vem falando da ‘mente de Deus’ para justificar o comportamento da matéria que volta para o “nada” pelas goelas dos insaciáveis buracos negros e atravessa a barreira do tempo”.

Vemos, então, que a própria ciência, com embasamento matemático, nega a existência de um “nada absoluto”, ao afirma existir algo indefinível, indetectável, inefável; fonte de “informações” além do Universo. Esse pensamento da ciência moderna está em conformidade com o pensamento dos místicos de alto nível de todos os tempos, especialmente os orientais habituados à meditação sobre conceitos metafísicos elevados. É exatamente num nível além do universo, ou seja, naquele “*nada quântico*” referido pela ciência atual, que eles colocam Deus, o Poder Superior Criador.

A fonte de todo o conhecimento, o propósito primeiro de tudo quanto foi criado, e mesmo daquilo que ainda não o foi, existe, ao menos, como “*informação*” no “*Nada*”, pois ali tem tudo mas para a nossa percepção, tem nada. A ciência tem usado outras expressões para indicar o que transcende ao mundo das partículas constitutivas do universo detectável. Para isso ela usa muitas expressões, entre as quais: “*Pré-forma da forma*” ou “*Ordem Implícita*” de Bohm, ou “*Modelo Organizador*” e outras. Essas expressões são irrelevantes porque nomes específicos não modificam as conclusões, o que importa é que, além da estrutura da matéria, existe uma fonte de consciência.

A própria ciência tem indagado sobre coisas abstratas como pensamento e consciência; indagado, também, se o próprio pensamento é feito do “Nada”. Para a filosofia perene - o conjunto do saber antigo, originado no oriente - a *Consciência* é o próprio “Nada”. Psicólogos - freudianos e comportamentais, neurofisiologistas, e biólogos, têm tentado em vão identificar a “substância mental” e a sede da Consciência. Ai surge uma outra dúvida: a *Consciência* seria apenas apanágio do ser humano, ou também dos animais, e da própria matéria? No caso, a *Consciência* sob o seu aspecto a mente - seria algo especial, substrato do *Todo*, ou apenas produto de interações neuro-químicas de um organismo? Isso, para a ciência, ainda é um mistério insondável, embora que para o místico seja algo bem claro - a consciência é um aspecto de o próprio *Poder Superior*. Vale enfatizar, mesmo que tudo isso sejam reações da própria matéria biológica, ainda assim não tem como negar que o potencial já estava implícito na origem. Dessa forma, todas as reações dos seres vivos nada mais são do que exteriorizações implícitas na fonte da própria energia que originou todo o universo, portanto não se tratam de algo inerente ao mundo objetivo, de algo gerado pela matéria, mas sim de algo manifestado através dela.

Técnicos que buscam criar inteligência artificial (organismos cibernética) não desistem do propósito de construir máquinas conscientes e se isso chegar a ser possível, a questão está respondida dentro da conceituação mística; “*Onde quer que se faça presente uma estrutura apta a manifestar consciência ela ali se fará presente, desde que se trata de um Poder que inunda todo cosmos*”.

Um dos maiores pesquisadores na área da “inteligência artificial”, John Mc Carthy, acredita que dentro de algumas gerações as máquinas comportar-se-ão como se tivessem cérebros iguais aos cérebros humanos, e que não está distante o tempo em que elas serão dotadas até mesmo de paixões e sentimentos. Afirmamos que isso não será algo que contrarie as afirmações místicas, onde, ou em que, houver condições a *Consciência* estará presente. Ao místico não causará espécie se isso vier a acontecer, pois que não invalida a idéia da existência de um *Poder Superior*; bem pelo contrário, será um reforço à idéia de que existem manifestações de algo absoluto presente em todos e em tudo. Uma máquina dotada de inteligência essa não será algo inerente à máquina propriamente e sim a algo manifestado

através dela, algo que procede da “Inesgotável Riqueza do Nada”, do “Vazio” que está cheio de alguma coisa que não é matéria”, daquele chamado “Vazio Quântico” - denominações dada pela ciência. Isso é básico na metafísica espiritualista que considera a *Consciência* como sendo um dos aspectos do próprio “Nada”, mas que se manifesta onde quer que exista algo, quer este seja ou não detectável pelos seres, mas segundo o modo peculiar de cada coisa. Assim sendo, a Consciência se manifesta de uma forma numa pessoa humana, de uma outra num vegetal, num mineral, ou mesmo numa máquina, desde que *tudo* é mente no universo, portanto *tudo* tem consciência.

A teologia se divide em duas correntes: Dualista e Monista. As religiões que podem ser consideradas monistas restritas são exatamente aquelas que falam de uma causa primeira, abrangente, imamente em todas as coisas, de onde tudo proveio e para onde tudo voltará; causa que tanto está no universo quanto fora dele e, assim sendo, totalizando exatamente o “*nada*”. O dualismo considera a existência de distintas coisas no universo, mas isso vai em oposição ao que a ciência tem como certo, a existência da criação a partir de um ponto único, o mesmo que afirmam muitas religiões, em especial aquelas que derivaram dos Vedas.

As religiões místicas, predominantemente as orientais, falam de um Deus metafísico. É o Deus das religiões orientais, Deus dos filósofos, tanto que chamá-Lo de Deus pode ser considerado um engano, por não se tratar de um “ente”, mas sim de um “princípio”. É o princípio do ser imutável, ao mesmo tempo em que é, também, a fonte de todo o porvir, a fonte de toda atividade. Do UM, de onde procede toda multiplicidade, e que na China é chamado Tao, “Caminho”; Na Índia, de Brahmân, o imutável; e em algumas doutrinas Poder Superior, ou o “Deus de Spinoza” o Uno, o que não depende de nada, livre de sentimentos e paixões, que está dentro e fora, que é infinito, conteúdo e continente de tudo quanto há.

A ciência, com embasamento matemático, nega formalmente a existência de um “nada absoluto”, quando afirma existir algo indefinível, indetectável, inefável, fonte de “informações” além do Universo objetivo detectável. Esse pensamento da ciência moderna está em conformidade com o pensamento dos místicos. É exatamente num nível além do universo, ou seja, naquele “*nada quântico*” referido pela ciência atual, que eles colocam *Deus*, o *Poder Superior*.

No primeiro livro de Homeopatia – Contribuição para o estudo da Teoria Miasmática – que editamos falamos de *consciência celular*. Na época da primeira edição essas afirmativas eram consideradas heréticas, mas hoje é a própria ciência, em especial cientistas adeptos da física quântica, que endossam essa afirmativa.

Alguns metafísicos, filósofos, e cientistas indagam se o pensamento também é feito do “*nada*”? Para a filosofia perene – conjunto do saber antigo, originado no oriente – ele é o próprio “*nada*”. Indagam o que é o pensamento e em que ele se diferencia da consciência. Isso é a tese básica do Livro Segundo, como o foi do Livro Primeiro dessa série de publicações herméticas.

Nem os neuro-fisiologistas, em psicólogos, e quem quer que seja, conseguem localizar a sede da Consciência. Mas se pode afirmar que, sejam quais forem as circunstâncias, a consciência, e também todas as qualidades inerentes à mente, pré-existem, isso é, antecedem à forma, pois que antes de qualquer estrutura tudo já estava implícito no ponto gênese do universo. Como não existiram dois pontos de origem, então, não se pode negar que tudo quanto há, e se manifesta de alguma forma, já estava reunido numa só condição - ponto primordial da criação - conforme o Big Bang (Fiat Lux) que se desdobrou em miríades de coisas. Em tal evento, houve uma fragmentação colossal atingindo não apenas da energia, mas também todas as condições existentes. Embora isso seja um mistério insondável para a ciência oficial não o é para os pensadores quânticos, os metafísicos, os filósofos e místicos que aceitam a *Consciência* como a base de tudo e em certo sentido o próprio *Nada*.



A VOLTA DO SER INDIVIDUADO AO “É”

“OS DEUSES EXISTEM, MAS NÃO SÃO AQUILO
QUE A GENTE COMUM IMAGINA”
PAUL BRUNTON



TEMA 1.423



As coisas que julgamos existir no nível comum do qual nos damos conta são apenas percepções limitadas daquilo que existe no “É”. Como o ser é eterno ele não cria (cria) e nem se torna nada que ele não é. O se dar conta é fruto tão somente da individualidade. O existir e a individualidade não são idênticos. Eu existo e o que ele ganha é a individualidade dentro do próprio existir. Como individualidade ele se torna ciente e assim se dá conta do existir.

O ser é um destaque da consciência e o ponto de eclosão é a mente. Os antigos gnósticos deram ênfase a isto ilustrando através de um conto denominado de O Mito da Pérola²¹. Já analisamos este conto nos temas 0.560 e 0.561. Nesta palestra voltaremos a fazê-lo, porém em nível.

“Quando eu era criança e vivia no reino de meus pais e usufruía a riqueza e o esplendor daqueles que me criaram, meus pais decidiram me mandar para uma viagem, longe do nosso lar, no Oriente”.

O “Reino do Pai” diz respeito ao existir no nível da consciência essencial plena, e donde eclodiu a individualidade. O “reino” é o se perceber como o todo enquanto a individualidade é o se perceber como parte.

“Minha esplêndida veste de glória, que com amor haviam feito para mim, eles agora a tiraram dos meus ombros, e também o manto púrpuro que me servia com perfeição”.

A “veste da glória simboliza a perfeição absoluta só possível de existir como o Todo, como o “É”, cuja “residência” situa-se no “Eterno Agora”.

A consciência Una se individualizou. Isto está simbolizado pela retirada da *esplêndida veste de glória*. Tiraram-na do seu ombro e também o manto puro representativo da perfeição. Então a Consciência plena e perfeita deixou de se manifestar como tal. Em outras palavras, o ser esqueceu sua condição de perfeita unicidade, de Consciência Clara e passou a se perceber como um ser mental, fragmentado, limitado e imperfeito.

Este texto pode ser transposto para o Mito Bíblico de Adão e Eva, como referido naquela passagem em que Adão, após comer do fruto do conhecimento, – individuação – se sentiu nu. Isto quer dizer que ele passou a se “ver” em partes. Com outras palavras, ao comer do fruto do conhecimento – ter percepção de si como parte – o ser se individualizou e então passou a só poder contar com a percepção limitada. Assim, no texto bíblico consta que Adão se viu despido.

Voltando ao mito da perola: *“Ter sucumbido às lisonjas dos egípcios foi para mim uma grande calamidade. Desfaleti em um esquecimento e não sabia mais que era filho de um rei e passei a servir ao seu rei (dos egípcios). Esqueci completamente da pérola, para a qual meus pais me haviam enviado.*

²¹ Vide Tema 0.560 – O MITO DA CANÇÃO DA PÉROLA

O homem esquece que é filho de Deus Consciência. Ele deixa de se dar conta de que é parte inseparável da plenitude da Consciência. A perda da ciência desta condição evidentemente pode ser tida como uma forma de “cegueira”. Na verdade se pode dizer que considerar que não faz parte da condição de Consciência Clara e ilimitada é como mudar para um estado de consciência obnubilada, e isto sem dúvida pode ser tido como uma grande calamidade.

A individualização impõe a percepção parcial e neste contexto incluem-se todas as condições egóicas. O ser, ao se individuar, por não mais poder ver a realidade e assim facilmente ele sucumbe às lisonjas. Passa a “perceber” os Princípios Herméticos Complementares como algo real. O que é mais grave, ele não os aceita como ilusões, como percepções parciais e limitadas, mas sim como realidades, em especial os Princípios Herméticos Complementares. Assim ele sucumbe diante da ilusão de espaço e de tempo. Mergulha em esquecimento de sua natureza unitária, se vê como se fosse uma descontinuidade cercada de limites e sujeita a distintos tipos de movimentos.

“Lembra-te de quem és: o descendente de um rei. E vede a quem estás servindo em sombria escravidão”.

É voz do “Eu” falando de sua natureza única e procurando estimular o recordar, fazendo ver que aquele ser liberto está então submisso à escravidão. O ser Consciência livre está então preso ao jugo da mente principalmente através dos Princípios Herméticos Complementares.

“Lembra-te, também, da pérola, pela qual viajaste para o Egito”.

O recordar da finalidade da individuação que é o se ver como partes. Na Consciência plena consta o se ver como todo e o se ver como parte. A missão do “príncipe”, conquista da pérola, é o ver a Parte integrando o Todo.

“Lembra-te da tua veste de glória e do teu esplendido manto, a fim de que chegue o momento em que eles possam, novamente, repousar sobre os teus ombros”...

É a voz interior, o *Nous*, *Pimandro*, falando, sobre o verdadeiro reino do ser. Lembrando que ele não deve permanecer retido dentro dos limites da mente, preso à individualidade dentro da unicidade. Que conquiste a individualidade, mas sem ficar cativo dos meios com os quais ela se estabelece; usar as condições da mente, mas sem que elas se tornem elos aprisionantes.

No mito, o esquecimento da missão equivale ao ser esquecer que a sua aparente individualidade é parte integrante da unicidade, A individualidade é ditada pelo esquecimento de sua origem. O príncipe saiu, mas esqueceu sua missão, esqueceu sua origem. Esqueceu que ele é filho do Rei. Na existência a própria Consciência se individualiza para se perceber também como parte, mas acaba sendo envolvida pelos próprios mecanismos individualizadores que compõem a mente.

“Também me lembrei da pérola, em busca da qual viera para o Egito. Então, enfeitei a serpente tonitruante...”.

Trata-se do lento processo do recordar, em que o ser tem que se libertar da serpente da mente. É o ser passar a enganar a mente e não mais ser enganado por ela.

“Agarrei, então, a pérola e voltei, para ir ter com meus pais. Retirei os trajes imundos dos habitantes daquela terra e dirigi meus passos na direção da luz da nossa terra, o Oriente”.

Trata-se do abandonar as chamadas “coisas do mundo”, as ilusões que retêm o ser no mundo distante da Consciência Clara.

“Então, os tesouros enviados por meus pais, que por sua fidelidade foram incumbidos dessa missão, trouxeram-me minha esplendida veste, que eu havia tirado, e também o meu manto real. De fato, eu não me lembrava mais de sua magnificência, pois fazia muito tempo que eu os havia abandonado, na casa paterna. Mas, de repente, quando os vi sobre mim, a esplêndida veste de glória pareceu mais e mais com o meu próprio reflexo; eu a vi como se fosse o meu próprio ser e a diferença entre ela e mim se desvaneceu de modo que éramos dois em diferenciação, mas um só em singular união”.

O príncipe não perdeu a sua realeza. Na volta à Consciência o ser vem a ser a própria consciência. Não perde a individualidade, mas pede a ilusão de ser algo separado. O reino é o mesmo, agora presente como todo e como parte.

Jesus legou também um mito que reflete a condição da perda da unicidade, na estória do Filho Pródigo, que conta que um filho pediu ao pai sua parte dos bens de herança e saiu do lar para viver no mundo. O pai atendeu o seu pedido concedendo-lhe a parte correspondente dos bens. Aqui vemos o filho, parte da natureza do pai, “sair” em busca de novas vivências. Simboliza a partida da unicidade para a multiplicidade, indica a emanção da Consciência Plena para o nível da divisibilidade.

Na parábola o filho usufruiu do mundo até que se cansou, e então quis voltar. Isso indica que chega o momento do ser, movido pelo tédio, busca o regresso da condição de ser personalizado – mental – para a de Ser Consciência.

O filho fez mau uso da sua herança. Isso na individuação do ser corresponde ao se deixar dominar pela mente e conseqüentemente se apresentar na condição de um ser de consciência clara em um ser de consciência limitada. Equivale a perda da sua herança – a unicidade – a consciência pura, a onisciência.

Quando o filho voltou foi recebido com júbilo pelo pai, que até o recebeu com todas as honras e até lhe ofereceu um lauto banquete, foi quando o irmão questionou alegando que embora nunca houvesse abandonado o convívio do pai ainda assim não merecera tal recepção. Isto indica dois aspectos, o da parcela que permanecer no “È” e a outra que se individualizam.

Acontece não se pode entender o que é a luz sem que se compare com a treva. Assim um dos irmãos continuou vivendo na luz da consciência sem conhecer a treva. Enquanto isto o filho pródigo entendeu o que era a riqueza por haver vivenciado a pobreza. O ser ao regressar à condição de unicidade conhecia as duas condições.

A vida no eterno agora, no infinito, no ilimitado, não confere vivência da ilusão do temporal, do limitado, do descontínuo, nem do movimento. Aquele tanto de vida que permanece não “distanciando” do “É” não se dá conta da eternidade.

O Filho Pródigo, através das experiências vivenciou as condições resultantes do afastamento do lar. É o que acontece com o ser indituado, ele tem ciência de como seria o tempo linear – presente, passado e futuro – a descontinuidade, as limitações, e as atividades (movimento).

Diz a parábola que o pai enfeitou o filho pródigo com a roupa do seu irmão, indicando que o filho pródigo não perdeu nada do que havia tido. Tudo o que tenho é teu disse o pai ao filho. Defrontando-se com a indagação do outro filho: O que o senhor tem feito por mim que tenho sido leal ao senhor, que nunca me afastei do senhor? Aquele filho nunca esteve fora do palácio do pai. Ao voltar, o filho pródigo tem tudo o que o outro irmão tem, mais a autoconsciência. O filho pródigo conheceu a ilusão e o seu irmão não.



SER E EXISTIR

“AS COISAS TÊM APARÊNCIAS DIVERSAS E NEM
MESMO SABEMOS O QUE ELAS SÃO... NA MINHA
OPINIÃO NÃO SE DEVE TER OPINIÃO!”
ANATOLE FRANCE



TEMA 1.424



Algo que é percebido pode ser sentido, mas nem tudo o que é sentido pode ser percebido objetivamente.

O perceber está mais relacionado com a mente e o sentir com a consciência. Só se percebe aquilo que se detecta, o que nem sempre acontece com o sentir, pois se pode sentir algo sem que coisa alguma esteja sendo percebida. Uma percepção sempre tem um objeto, seja ele real ou ilusório, enquanto o sentir pode surgir sem objeto algum. Isto acontece porque o sentir geralmente se baseia em uma manifestação direta do “É”. Contudo vezes há em que o sentir está ligado a uma percepção objetiva ou subjetiva. Assim podemos dizer que o sentir tem três vertentes: Algo objetivo, algo subjetivo e algo indeterminável.

Chamamos de sentimento indeterminável àquele que procede do próprio “É”. É indeterminável porque no “É” não existe coisa alguma para ser detectado. Não se pode determinar algo que não tenha uma expressão de existência e no “É” nada existe porque a existência, mesmo sendo uma condição manifestável ainda assim se trata de uma criação da mente. No “É” não há formas, porque nada existe no “é” ele simplesmente “é”.

Embora sutil, existe uma grande diferença entre *existir* e *ser*. Existir pressupõe uma série de condições inerentes. Quando se diz algo existe, pode-se indagar: Existe onde (lugar), existe desde quando (tempo); existe em que condições. Existir implica em início e fim, enquanto ser é uma qualidade apenas. Por outro lado o ser não envolve nada disto, algo simplesmente é. Quando se diz “é” não requer dizer onde, desde quando e coisas assim. Suponhamos uma caneta. Quando se diz que ela existe pode-se indagar onde ela existe, desde quando ela existe, porque ele existe, com que finalidade, e assim por diante.

Quando se diz, por exemplo, isto é uma caneta, nada mais tem o que ser acrescido. Não se pode indagar quando foi fabricada, pois essa indagação tem o sentido do *há quanto tempo ela existe*. Se a palavra *ser* estiver sendo usada para indicar algo eterno, permanente, imóvel, localizado, limitado e inteiro, ela estará dizendo respeito ao *existir* e não ao *ser*. Seja o que for acrescido à idéia de caneta ele sempre se tratará de uma condição de existência – existir – e não de ser. Quando se diz “é” uma caneta, para quem conhece o sentido do termo, nada mais tem para ser dito. Mas quando se diz a caneta existe, então muito tem para ser dito, quando, onde, porque, de que forma, etc.

Usemos outra analogia, considerando-se uma casa. Podemos dizer que ela existe cabe uma série imensa de indagações (condições do existir), tais como, onde ela se situa, desde quando, quem é o proprietário, quanto vale hoje, quanto custou, e assim se segue uma série de indagações. Mas, por outro lado, ao se afirmar que aquilo é uma casa, simplesmente só cabe o existir, ela é o que é, uma casa. Quando se indagar: ela é de quem? Na verdade não se estará indagando sobre uma condição inerente ao ser uma casa, mas ao existir. Ela existe desde quando? Ser não implica em início, portanto aquilo sempre foi e sempre será uma casa que ela exista objetivamente ou não. Mesmo que a construção hipoteti-

camente deixasse de existir ainda assim, quando ela novamente aparecesse, seria a mesma coisa, simplesmente uma casa. O existir havia cessado, mas não a condição de ser. Aquilo é uma casa mesmo antes de ser construída. A pessoa diz, vou construir uma casa, já basta para indicar que casa existe, embora ainda não exista, ainda não seja.

Não se pode dizer que a vida existe, pois na verdade ela é. Mas, devemos dizer que tudo o que existe é, mas nem tudo o que é existe. Existir envolver condições da mente tais como, tempo, espaço, descontinuidade, etc. Algo não pode existir sem a idéia de descontinuidade, de tempo, de espaço, de movimento, enquanto que a condição de ser não depende delas.

Já se pode ver que o existir é inerente aos Princípios Herméticos Complementares, portanto aos artifícios da mente, enquanto o “ser” independe desta. Todo atributo do “inefável” é, mas nem todos existem. Algo que não é percebido não existe, da mesma forma algo que não ocupe uma posição, um tempo para existir, que não possa ser contado, medido, pesado, limitado, que não tenha forma, etc.

As condições do UM não existem, mas são – “É”. Já falamos como analogia em um hipotético lugar onde todas as coisas tivessem uma mesma temperatura. Em tal condição nenhuma pessoa se aperceberia da existência do calor, temperatura não existiria para a percepção de nenhuma pessoa de lá, mas mesmo assim ela não deixaria de ser.

Todas aquelas condições já descritas como “FACES de Deus” podem ou não existir, mas por outro lado todas elas sempre “são” (“É”).

A qualquer atributo de Deus não cabe a expressão “existe”, mas apenas a expressão “é”. Não se pode falar da existência da beleza, pois ela não tem origem própria. Quando algo é feito então aquilo que “é” passa a existir. A beleza começa a existir no momento em que algo com essa condição é feito, mas será que se pode dizer que antes ela já não existia? - Certamente não, pois a beleza não nasce com a realização de algo, mas sim que ela, como preexistência, se manifesta sempre, onde, e quando, haja se estabelecido uma precisa condição. Ela não nasce com a condição, mas apenas se manifesta com ela. A beleza não surge de um nada absoluto, ela preexiste como uma condição do próprio ser e que vem a existir a partir do momento em que algo se manifesta.

Repetimos, tudo o que existe como coisa envolve formas, limites, temporalidade, descontinuidade, e já vimos que tudo isto não passa de artifícios da mente, então se pode dizer que só há realmente o “É”. Todas as qualidades inerentes ao existir são ilusões, somente a qualidade intrínseca do “ser” é real, mesmo que a mente jamais seja capaz de entender plenamente o que representa o “É”. O ato de ser é a realidade, enquanto a existência refere-se ao mundo dos fenômenos, o mundo criado. Assim, entrar na realidade significa transcender a existência e voltar ao, para uma forma de ser mas de não-existência.

Se o que explanamos foi suficientemente bem entendido, então já se pode aceitar o porquê de algumas doutrinas afirmarem que Deus não existe. Essa afirmativa pode parecer um despautério, algo que a Inquisição mandaria a pessoa que assim afirmasse diretamente para a fogueira. Na verdade Deus, em seu mais alto nível, não pode ser uma forma de existência, desde que todas as formas de existências são ilusões. O que se pode dizer: Deus É. Como tal Ele não fica condicionado a tempo, espaço, e a uma imensa quantidade de “qualidades” ligadas aos Princípios Herméticos Complementares, a ilusões, portanto.

Deus não está sujeito às limitações da mente, mas o inverso, as limitações da mente estão sujeitas a Deus. A verdade não pode estar sujeita à ilusão, mas o inverso, sim. O Transcendente não pode estar sujeito ao Imanente, mas sim este àquele. Não podem existir duas verdades sobre um mesmo algo, assim sendo, com certeza, uma das duas condições é verdadeira e a outra a ilusão, o ser ou o existir.



O POSICIONAMENTO DO FOCO DA MENTE

“OS SONHOS, ENQUANTO DURAM, SÃO UMA VERDADE. O VIVER NÃO SERIA APENAS UM SONHAR?”

ALFRED TENNYSON



TEMA 1. 4 5 7



Este mundo só é real para o nosso intelecto porque a nossa atenção se fixa nele como se fosse o único, não dando margem a qualquer dúvida sobre a sua realidade. A pessoa só acredita ser este mundo o único e absoluto porque o ponto focal da mente está bem fixado naquilo que ela percebe. A ela, em encarnações sucessivas, e em especial quando na infância percebe algo distinto dos adultos lhe é dito ser aquilo imaginação, algo que não existe, mera fantasia da mente fértil infantil. Quando a criança entra em contacto com as coisas percebidas lhe é afirmado que somente aquilo constitui o mundo, o mais não passa de fantasias. Desde criança ela é orientada para só aceitar como real aquilo que percebe objetivamente. Isto fixa a mente nas percepções comuns e assim somente aquilo que detectado passa a ser considerado real. É esse critério educacional que torna tão difícil a aceitação de que aquilo que percebe não é único. Que a leva a só aceitar como verdadeiro aquilo que sensorialmente percebe. Que faz com que não se dê conta de se tratar apenas de um em meio a um conjunto de mundos consecutivos, arrumados pela mente a partir das unidades de consciência.

Ao lado de um percentual mínimo de pessoas que percebem outras realidades de forma tão intensa que não consegue negá-las ou que fazem até mesmo duvidar de sua própria sanidade mental. Contudo, no mundo os dotados de capacidade de percepção além dos limites comuns, são imensamente em menor número do que as pessoas comuns. As que aceitam outras realidades compõem uma minúscula minoria convivendo com uma humanidade quase inteira ignorante da existência de outros mundos. Para estas é muito difícil aceitar o contrário, isto porque o seu intelecto foi condicionado a nem sequer ter ciência da possibilidade da existência de outros mundos.

Muitos procuram a senda mística, ou mesmo um iniciado no intento de obterem poderes místicos, tais como meios de desdobramento, de projeção, de percepção intensificada (Segunda Atenção, no dizer de Dom Juan). Almejam meios de ver outros planos, através de algum tipo de ritual, de alguma fórmula miraculosa que possa torná-lo um vidente. Na verdade, mesmo que isto não seja impossível, ainda assim é muito difícil conseguir sem enorme esforço e dedicação, porque há uma barreira tremendamente resistente que os levam a só aceitarem como real este mundo, e que é preciso desfazê-la. Enquanto ela existir, enquanto suas bases não forem desfeitas, a pessoa dificilmente percebe outras realidades, porque o ser ponto focal está quase que totalmente fixado em uma só faixa de percepção. Por isso somente uma intenção deveras forte, a par de uma boa reserva de energia sutil, pode levar ao sucesso. A maioria das formas de desenvolvimento que são usadas, na verdade, não levam a ponto algum, tudo que a pessoa assim percebe não vai além daquilo que consta dos registros de memória, vinculados pelo pensamento. Mesmo com o uso de substâncias psicoativas não é muito fácil porque quando um processo inerente a um estado especial de consciência começa a se fazer sentir, a pessoa se apavora com o que sente ou com o que vê, ou mesmo com algum tipo de desconforto físico. Não basta a pessoa dizer eu tenho vontade de ver, sem que tenha convicção de que aquilo é possível, que se trata de uma realidade tão significativa quanto aquela que ele considera real.

Para perceber realmente outros mundos é preciso primeiramente enfraquecer os laços que mantém a mente presa a uma determinada faixa. Usando aquele exemplo do disco e da agulha: A vida inteira são adicionados fatores mantenedores da “agulha uma mesma trilha”. Para mudar de trilha não basta um impulso fraco, tais como um mantra, uma palavra de poder, um símbolo e coisas assim. É preciso primeiro descolar a agulha daquele ponto, e isto leva tanto tempo quando o que levou para mantê-la presa²² ali. Uma vida inteira mantendo a fixidez do ponto é natural que isto não pode ser neutralizado com o simples pronunciar de uma palavra, de um símbolo, ou de um ritual. Tudo isto só se torna efetivo quando a pessoa já duvida da realidade deste mundo que ele considera único.

Muitos fatores fixam a pessoa ao mundo peculiar que ela passa a aceitar como sendo o mundo verdadeiro. Este muda a cada momento, as circunstâncias mudam, a sequência temporal muda, embora todas essas mudanças não sejam percebidas pela pessoa. O que ela normalmente percebe é uma peculiaridade natural ligada ao fluir do tempo. Percebe o fluir do tempo, embora realmente não exista esse fluir de tempo, o que existe é a mudança de percepção, é a ordem em que a mente passo a passo vai acessando outros níveis da consciência. Não sabemos o que motiva esse deslocar natural.

A mente não está fixada definitivamente em uma mesma área da consciência, pois se assim o fosse o mundo estaria “cristalizado”, coisa alguma mudaria, tempo algum transcorreria, nenhuma ação, nenhum dinamismo se faria sentir. O fator causal do dinamismo parece pertencer ao reino do incognoscível. Podemos dizer que a consciência é o existir cristalizado, sem qualquer deslocamento, totalmente parálitica. O que desfaz essa fixidez absoluta é a mente. Quando a consciência se movimenta ela passa a ser mente, embora o deslocamento seja mínimo com ralação ao todo.

Ainda é desconhecido para nós o mecanismo impulsionador da marcha do ponto focal diante da consciência, a força movimentadora da consciência originando a mente. Pouco se sabe do que gera o tempo sequencial e as circunstâncias a ele associadas. Mas, se sabe que em determinadas circunstâncias, bruscas e profundas modificações de percepção podem ocorrer. Comparando a consciência com um disco, e a mente como a à agulha, podemos dizer que existe o deslocamento relativo desta reproduzindo uma música, mas que qualquer impacto no aparelho pode fazer a “agulha” se deslocar bruscamente para uma outra faixa totalmente diferente. O mesmo acontece com a mente e a consciência, há um deslocamento perene fazendo com que os registros de consciência fluam num progredir suave. Esse progredir constitui o que está sendo acessado, o nosso mundo, mas certos impactos podem fazê-la se deslocar-se intensamente e assim gerar outros universos. Usando a analogia: Sabemos muitas coisas que podem causar o “pulo da agulha” para uma outra faixa, mas não sabemos precisamente o que determina o movimento natural do disco.

Não sabemos o que move normalmente a consciência, o que faz brotar dela um tanto de coisas, que quase nada significa diante da totalidade do registro da consciência. Pelo que se pode entender, não se trata de um deslocamento, mas sim de um afloramento de consciência. Analogicamente, é como se a consciência estivesse contida dentro de uma campânula e que desta, por um pequeno orifício, emergissem as unidades de consciência. Mesmo assim ainda continua a indagação sobre o porquê sair determinados dados e outros não, quem ou o que está neste comando estabelecendo a sequência. Mas, Quem é QUEM determina esse *querer*. Que SER está no comando do *querer* estabelecendo o critério de escolha?.

Sabemos que o “orifício da campânula” pode ocorrer em outro ponto dela e então fluírem outros dados que se manifestarão como mente e estabelecendo uma outra realidade, um outro mundo. O máximo que podemos dizer nesta palestra é que existe um SER cujo QUERER é, talvez, o seu principal atributo.

²² Na verdade a mente não fica totalmente presa, ela se desloca mas num ritmo muito lento e é isto o que constitui o fluir do tempo linear, o dia a dia da pessoa, ou mesmo o momento a momento de cada um.

Novamente comparando o processo com uma agulha, feixe laser, ou como orifício, o que se sabe é que isto constitui uma limitação que não permite o acesso à totalidade da consciência. Mas persiste a indagação, o que limita o “orifício”, o que determina a “agulha”.

Não é fácil se entender o porquê a Consciência não se manifesta como um todo. Talvez seja porque isso invalidaria o conceito do existir, porque nada haveria em ação, seria como que um total inexistir. A vida é constituída de eventos e na plenitude da consciência nenhum evento ocorre, tudo simplesmente “É”. O “É” para deixar de ser “É” se manifesta sob miríade de formas, uma forma de existir como realidade ativa, de gerar tudo quanto há numa espetacular *dinamis*.

Voltemos ao início desta palestra em que tentamos explicar sobre o que mantém o *foco da mente* em uma condição que consideramos o agora. Vem então a indagação sobre o que retém a agulha numa determinada faixa. Já dissemos que ela não está retida de forma absoluta pois ocorre um suave deslocamento que, em certas condições, pode ser muito acelerado. Até mesmo podem ocorrer deslocamentos em grandes “pulos” para trás ou para diante, só não pode é parar.

Na linguagem de Dom Juan, o ponto de aglutinação se desloca suavemente, mas em dadas circunstâncias ele pode se deslocar para qualquer outro ponto do “casulo” ocasionando as mais dispares percepções. Ele disse (Arte do Sonhar): *“O nosso mundo, que acreditamos ser único e absoluto, é apenas um em meio a um conjunto de mundos consecutivos, arrumados como as camadas de uma cebola. Apesar de sermos energeticamente condicionados a perceber apenas o nosso mundo, ainda temos a capacidade de entrar nessas outras regiões – que são tão reais, únicas, absolutas e envolventes como o nosso mundo”*

Por certo o principal fator que retém a mente é a convicção de habitar um mundo único, que somente ele deve ser considerado real com tudo aquilo que percebemos, sem nos darmos conta de que as percepções são extremamente falhas e limitativas.

Um outro fator é o medo da perda da auto-identificação, isto faz com que a mente se apegue ferozmente ao ambiente, ao presente. Apegue-se a inúmeras circunstâncias que ela deveria aceita-las como algo fátuo, como uma sombra, ou ilusão da realidade.

Levada pelo princípio do movimento, a mente não para, pois para ela o parar equivale a um deixar de existir. O dialogo interno é uma forma da mente não parar, dela se considerar presente e viva. A mente associa o dialogo interno com o existir. O tagarelar sempre diz respeito as coisas circunstantes, e isto prende a pessoa ao mundo que tem aceitado como único. Na analogia; segura a “agulha” da vitrola numa determinada faixa, parar seria desaparecer a música e neste caso tanto o disco quanto a agulha não teriam validade alguma. É o movimento quem dá sentido ao existir e isto é um fator muito forte.

Se a pessoa não estivessem tão presas ao aqui e ao agora, mesmo que não conseguisse ver a consciência como um todo, ainda assim poderia perceber sucessivos mundos, infinitas realidades.

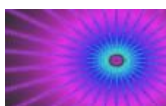


O SER E OS SERES

**“O HOMEM TENDE A ATACAR O QUE NÃO
ENTENDE. SEMPRE TENDE A DESTRUIR O
INCOMPREENSÍVEL SEM ANALISAR O
PROBLEMA DE BASE”
JUAN VALLEJO**



TEMA 1.532



Nesta palestra faremos uma análise ontológica (Ontologia é a parte da filosofia que estuda o *Ser*, relacionando-o aos problemas da essência e da existência) relativas ao *Ser* e *seres*.

É grande o número de publicações relacionadas com o *Ser* e as relações deste com os seres e outras expressões de existência. Trata-se de uma temática que sempre envolveu a atenção de grandes filósofos, tais como, em época recente Heidegger, em época um pouco mais afastada Tomás de Aquino, Santo Agostinho, e na Antiga Grécia, Platão, Tales de Mileto, Anaximandro – discípulo de Tales de Mileto – e outros. Platão estudou o problema do *Ser* em todos os seus aspectos, especialmente em sua obra “Timeu”.

Muitos pensadores consideram os seres entidades vivas, enquanto que outros incluem todas as expressões de existência dotadas ou não de vida. Neste caso o termo seres seria sinônimo de criação. O pensamento hermético atribui o termo seres às formas dotadas de mente / consciência, quer se trate ou não de espíritos individuados.

Neste atual Ciclo de Civilização, Anaximandro na Grécia foi o primeiro filósofo a escrever sobre a origem dos Seres. São deles as palavras: “*O ilimitado, o Apeíron, é a origem dos Seres. É a fonte da geração das coisas existentes*”. Dizia: “Não se pode definir o *Ser* a não pela afirmação de que é o Não *Ser*”.

Os escritos sobre o *Ser* são distribuídos em dois grupos; Um que trata do *Ser* como mera forma de existência, como aquilo que existe, e o outro como sendo uma “entidade”, uma expressão de consciência. Isto leva muitos filósofos místicos à conclusão de que o *Ser* é o próprio Deus.

Um dos principais filósofos a escrever sobre o *Ser* foi Parmênides de Eléia,²³ o primeiro a se dedicar ao estudo do *Ser* concluindo que o *Ser* e o Não-*Ser* Seriam a mesma coisa. Os escritos de Par-

²³ Parmênides foi um filósofo grego da escola eleata e discípulo do pitagórico Amínias. Ele representa o oposto ao pensamento humano de Heráclito. Para ele, é a mudança e o movimento que são ilusões. O devir não passa de uma aparência. São nossos sentidos que nos levam a crer no fluxo incessante dos fenômenos. O que é real é o *Ser* único, imóvel, imutável, eterno e oculto sob o véu das aparências múltiplas. Dizia: “*O Ser é, o não-Ser não é*”. Isto significa: o *Ser* eterno, substância permanente das coisas, por conseguinte, imutável e imóvel, é o único que existe. O “não-Ser” é a mudança, pois mudar é justamente não mais *Ser* aquilo que era e tornar-se aquilo que não é ainda. Foi para defender essa tese que o discípulo de Parmênides, Zenão de Eléia, criou uma série de argumentos chamados “paradoxos de Zenão”, cujo objetivo era a refutação, por redução ao absurdo, do pluralismo e do mobilismo, procurando mostrar os paradoxos envolvidos na idéia de movimento. Em Atenas ele, juntamente com Zenão, combate a filosofia dos jônicos. Provavelmente também seguiu as lições de Xenófanes. Escreveu um poema filosófico, em versos: *Sobre a Natureza*.

mênides sobre o *Ser* influenciaram todos os grandes filósofos gregos chegando até a influenciar os grandes pensadores da Idade Média.

Entre os pensadores de nossa época a dissertar sobre o *Ser* citamos o filósofo alemão Heidegger que dizia ser o *Ser* algo de difícil definição.

Pela sua grande importância na filosofia ligada ao Cristianismo, vamos analisar com mais detalhes escritos de Santo Tomás de Aquino. Este teólogo considerava o *Ser* como a perfeição máxima: “*A perfeição máxima é o Ser e os Seres se originam do Ser por criação*”. Este também é o conceito hermetico. A primeira tríade abaixo da Imanência consiste em Consciência – Mente – *Ser*. O *Ser* é aquela forma de existência que espreeita diretamente a consciência, ou melhor, é a própria existência.

Nota-se que a maioria dos pensadores que estudaram e escreveram sobre o *Ser* não tinham a clareza que o Hermetismo oferece para a diferenciação entre *Ser* e *seres*. Somente através do Unismo se pode ter uma melhor idéia sobre essas duas condições. Confundem *Ser* com os *seres* (substantivo) em decorrência de não haverem sentido que são duas condições distintas de uma mesma realidade. Segundo o que afirma o Hermetismo, a mente, por ser ela limitada e imperfeita, não tem como perceber o *Ser* como unicidade, então ela desdobra o continuum em multiplicidades. Ela faz sentir a ilusão do Princípio da Descontinuidade fazendo com que o *Ser* seja percebido fracionariamente, como descontinuidades, como frações que se manifestam como *seres*, como parcialidades. A Mente por ser imperfeita e limitada, só pode perceber a Unicidade como multiplicidade. Isto é o que acontece com relação à percepção que tem do *Ser*. Para a Mente o *Ser* aparentemente se torna descontínuo. Em descontinuidade a Unicidade do *Ser* é percebida como a multiplicidade dos *seres*. Não é possível mentalizar o *Ser* – unidade contínua – e expoente máximo da existência – mas é possível mentalizar, e até mesmo observar, suas frações – os *seres* – unidades descontínuas.

Diz a filosófica Tomista: “A criação é a participação da perfeição do *Ser* nos outros *seres*”. O *Ser* é perfeito, a limitação da perfeição do *Ser* nos *seres* é devida à ação fragmentadora da Mente. Santo Tomás intui que a perfeição máxima é o *Ser*; não a idéia do *Ser*, mas o ato de *Ser*. Não é aquilo que se possa pensar que o *Ser* possa *Ser*, mas aquilo que o *Ser* realmente é. Com esse argumento foi possível a ele precisar em que consiste a natureza de Deus: “*A essência da natureza de Deus é constituída pelo Ser, que é a suprema perfeição*”.

Em vários tópicos da obra de Tomás de Aquino a Suma Teológica, em o “Contra os Gentios”, etc.; ele exalta a perfeição do *Ser*, dizendo: “*O Ser é o fim último de todas as coisas*”. Neste caso o Hermetismo concorda com o Tomismo, pois a máxima expressão de Consciência é o *Ser*. Continuando diz: “*Os Seres procedem do Ser por criação*”. Neste parágrafo afirma que os *seres* procedem do *Ser*. Isto é exato, porém o que ele não diz por não haver percebido é que os *seres* são o próprio *Ser* percebido fracionariamente.

Os *seres* são frutos da ação do Princípio Hermético da Descontinuidade. Na verdade não há uma real descontinuidade, mas sim uma percepção descontínua da Unicidade efetivada pela Mente. Para ilustrar essa conceituação, vamos retornar à estória do elefante e dos cegos, dizendo que os *seres* correspondem às partes examinadas pelos cegos e o *Ser* o elefante como todo. Na verdade não se pode dizer que qualquer uma das partes seja apenas como algo que procede do elefante, bem mais que isso, ela é parte dele próprio, as partes são percepções limitadas de uma mesma realidade mais ampla.

Santo Tomás, por não ser monista, se defrontou com dificuldades em tentar analisar, e mais ainda, explicar as diferenças entre *Ser* e *seres*. Ele sentia as interligações entre *Ser* e *seres*, porém não conseguiu estabelecer qual o tipo de ligação existente. Isto não nos surpreende, é algo esperado, porque essa relação não tem como ser explicada fora do Unismo, e Santo Tomás não era Unista. Ligado à Igre-

ja Católica ele tinha por base a existência de Um Deus criador, o qual criou todas as coisas incluindo os espíritos, portanto sua filosofia é essencialmente dualística.

Somente através do Unismo é que se pode entender a relação existente entre os *seres* e o *Ser*. Essa dificuldade de expressão não existe apenas para o Tomista. O mesmo acontece com todas as doutrinas, e com todos os pensadores. No Dualismo não tem como justificar a razão pela qual aquilo que é perfeito e onipotente venha a criar imperfeições. Pela forma de pensar de Tomás de Aquino se nota claramente tal dificuldade. Ele ao expressar: “*A perfeição do Ser como tal é única e identifica-se com Deus. Como explicar porém que, além do Ser, existam seres?*” Segundo ele a existência dos seres se deve à ação criadora do *Ser*. “Os seres não poderiam preceder ao *Ser*, e como Deus não pode ser mais de um, logo todos os seres diversificados necessariamente devem haver sido criados por um *Ser* primeiro perfeitíssimo”. Mas como pode a perfeição engendrar a imperfeição? Pelo dualismo isso é uma incongruência, que não acontece pela visão Unista. Na verdade a parte não pode ser tao ou mais perfeita que o Todo. Se fosse igual ela não seria parte e sim o Todo, entre a parte tem que existir limites de separação que estabeleça a identificação de cada parte. Qualquer uma das partes do elefante não pode ser mais completa que o elefante como um todo. O que acontece é que nem mesmo limites das partes existe, o que existe são os limites de percepção. Assim mesmo os *seres* sendo partes integrantes do *Ser*, cada uma delas não pode se igualar e menos ainda suplanta-lo.

Embora Tomás interrelacionasse o *Ser* com os seres, contudo ele não sentiu se tratar de uma mesma coisa.



MUNDOS CREADOS PELOS SERES²⁴

“TODAS AS FLORES DO FUTURO
ESTÃO NA SEMENTE DE HOJE”
PROVÉRBO CHINÊS



TEMA 1.536



O núcleo do que vamos desenvolver nesta palestra e na seguinte, pelo que temos conhecimento, jamais foi escrito, ou citado por qualquer filósofo, nem presente em qualquer doutrina. Até mesmo as suas bases não contam em nenhuma doutrina.

O hermetismo não desenvolve descritivamente esse assunto, mas tudo isso faz parte do seu contexto doutrinário, pois são conhecimentos inclusos no Primeiro Princípio ao dizer que o *mundo é mental*, e, ao mesmo tempo também dizer que tudo provém de uma única fonte, o “É”. Assim, o estudo que estamos fazendo por sua temática diz respeito à Quarta Câmara de estudos herméticos na qual constam muitas informações sobre esta temática, mas não de forma descritiva como o faremos. Neste Ciclo de Civilização, tudo isto é inédito, mesmo que retratem Hermetismo e o Unismo em geral. São conhecimentos que ainda não foram apresentados descritivamente na temática da Quarta Câmara onde constam como citações, mas não como descrições explicativas. Foi-nos dada a incumbência de redigir alguns temas descritivos sobre o assunto tendo como base citações antigas e expô-las em linguagem atual. Portanto, o que estamos apresentando é uma descrição com base em ensinamentos avançados do Hermetismo e de outras Doutrinas Tradicionais. Não se trata de um conhecimento novo, mas sim de uma forma nova e transmiti-lo neste ciclo de civilização. Não podemos dizer que se trata de um conhecimento inédito para a humanidade ou apenas para o atual Ciclo de Civilização. O ineditismo, se existir, possivelmente o seja para a humanidade atual, mas não para em civilizações muito antigas que existiram neste planeta desde que de forma velada tudo isto já existe em textos egípcios e védicos antigos.

A temática da palestra anterior parece desacreditar o Primeiro Princípio Hermético, quando mostra algumas dificuldades em se admitir que a mente de um ser humano só poderia criar mundos muito simples, por só poder conter aquilo que ele sabe ou, no máximo, que imagina, e não mais que isto.

Existimos como ser em um mundo tremendamente complexo e amplo, um mundo em que jamais houve uma pessoa que conhece dele mais que uma fração mínima. Sendo assim como a mente limitada de um ser pode o haver criado, ou criar outros semelhantes? Há, pois, uma contradição quando, por um lado se diz com base no Primeiro Princípio, ser este um mundo mental, que ele é criação da mente. Em outras palavras, que se trata de uma ilusão gerada pela mente da pessoa, mas indaga-se: Como uma coisa gerada pela mente pode conter coisas que a própria mente geradora é incapaz de conceber. Em um mundo criado não poderia haver coisas inconcebíveis para o seu criador. Por ser ele gerado a partir da mente de um ser, naturalmente no mundo criado por um determinado ser só deveria conter aquilo que ele soubesse ou conhecesse, e no máximo o que pudesse imaginar. Em um modelo de

²⁴ Em continuação veja o Tema 1.752

mundo mental de um ser nada seria estranho, ou novo, para ele e consequentemente nada poderia ser descoberto.

Usando o exemplo da palestra anterior, se esse mundo fosse fruto da mente de alguém, para este nunca se descobririam bactérias, vírus e coisas desconhecidas, por não haver sido colocado no modelo, algo desconhecido da mente do ser creador daquela ilusão vivenciada no momento.

Se esse mundo fosse uma ilusão estruturada a partir da mente da humanidade, então ela deveria saber da existência de vírus, e de bactérias que constituem uma população de seres co-participante dessa mesma ilusão. A descoberta de algo jamais surpreenderia o descobridor e os demais seres racionais, como acontece com todas aquelas que são feitas diariamente, isto porque elas já integrariam a ilusão mentalizada quando da estruturação do seu mundo. Se na criação existe algo que não seja do conhecimento da pessoa então não é a mente “dela” quem colocou aquilo no modelo de mundo, quem gerou aquela ilusão.

Parece, então, existir uma contradição entre o que é expresso no Primeiro Princípio Hermético e o que encontramos na prática vivencial desse mundo. Aquele princípio diz ser este um mundo mental e ao mesmo tempo e a vivência prática mostrar que a quase totalidade do que consta nele nem sequer poder ser imaginado pela mente que o gera. Essa contradição, já apresentada desde a palestra anterior, e reforçada nos parágrafos anteriores, não é uma incongruência, mas sim de algo resultante da não distinção entre *Ser* e *seres*.

O Primeiro Princípio Hermético leva a pessoa a se defrontar com uma imensa dificuldade, o que pode levá-la ao descrédito sobre a veracidade de que o mundo é mental. O nosso mundo habitual é tão complexo e imenso que na verdade, tal como o conhecemos, seria impossível de ser uma criação de uma manifestação mental tão limitada quanto a de qualquer pessoa humanas. Esse mundo contém uma quantidade incomensurável de coisas que longe está de ser conhecimento humano, nem sequer ele é capaz de saber quantas macroestruturas – galáxias – ou mesmo universos existem, o que dizer do mundo micro, daquilo que existe em torno da pessoa e ela nem percebe... Na verdade o que o ser humano conhece do seu mundo existencial permanece oculto, totalmente desconhecido, mas que mesmo assim é parte integrante dele. Por isso podemos dizer que este mundo em que vivemos aqui e agora, não se trata de uma criação mental pessoal, e sim de um ser abrangente. Já estudamos que os seres são decorrências de percepção limitada, que não verdade só existe um ser que é o Ser. A Mente, por ser parcialmente cega não consegue ver a totalidade do Ser, então o vê parcialmente sobre a forma de *seres*. Podemos dizer que somos centelhas do Ser. Quanto mais um *ser* se aproxima do Ser, mais clara é a sua percepção.

Um ser – limitado – só pode perceber um mundo também limitado. Esse mundo em que vivemos, aparentemente ilimitado, portanto não é uma criação mental de qualquer ser, mas sim do Ser. Só esse pode, ou pôde, criá-lo. Ele, pelo que tudo indica, é ilimitado, portanto não é fruto de qualquer mente limitada. A Mente só cria aquilo que conhece, só cria com base em seu registro de memória. A memória dos seres é muito pequena, ela não contém a totalidade das coisas; na verdade só contém um ínfimo registro do que existe. Assim ela nem tem o poder de criar algo que se situe além do que é capaz de recordar ou de imaginar. Imaginar o universo recheado de coisas desconhecidas, portanto, fica fora da capacidade criadora dos seres. Somente ao Ser é possível criar algo assim, por ele se tratar de uma forma de existência ilimitada.

Na medida em que os seres vêm se unificando mais ampla também vem se tornando a capacidade creadora, o que só acaba quando eles voltarem à condição de Ser. Só nesse nível pode haver uma criação absoluta. Nem ao menos se pode afirmar que isso que chamarmos de Universo seja uma totalidade, é possível que seja apenas uma parcialidade, mesmo que inconcebivelmente vasta. É possível que mesmo antes de criar ao limite do Ser haja seres com capacidade de criar um universo, mas nenhum capaz de criar o Cosmos (totalidade do Mundo Imanente e Transcendente)

Já dissemos em outras palestras, e em especial na (1.332 - CONSIDERAÇÕES SOBRE SER E SERES) que o Ser é único e que os seres são apenas percepções limitadas da mente pela sua incapacidade de perceber o Ser integralmente. Não sendo capaz de perceber o Ser como um Todo, a mente faz uso do Princípio da Descontinuidade, fazendo como que existissem seres independentes do Ser. Todos os seres que existem na verdade são apenas frutos de percepções limitadas da Mente.

Em obediência ao Primeiro Princípio, se pode dizer que os mundos são gerados pelos seres, cada um gera o seu mundo individual, mas, nesta afirmativa nos defrontamos com algumas dificuldades de conciliação. Na verdade, dizer que cada ser gera o seu mundo próprio, em certo sentido é uma afirmativa correta, mas evidentemente não se pode generalizá-la. Por um lado é verdade que a mente em cada ser limitado cria um mundo próprio, mas ela não cria a partir do “É”. Se assim fosse a mente lindíssima no ser só criaria uma limitadíssima fração daquilo que existe no mundo. No mundo de um analfabeto, de uma pessoa inculta, não poderia estar contido coisas como sistemas siderais, química, álgebra, matemática, ciências biológicas e tudo o mais que praticamente não existe para ele, mas que constam do seu mundo desde que agem sobre ele. Ele pode não se dar conta de tais coisas, mas elas existem no mundo dele, se não houvesse não poderia haver a ação, e nunca poderia ser descoberto no seu mundo pelo fato de não haver sido colocado tais coisas nele.

Quando o Hermetismo diz que este mundo é mental deve ser distinguido se ele é criado pela mente nos seres ou pela Mente no Ser.

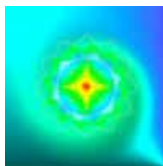


CONCEITOS HOLOGRÁFICOS DO ORGANISMO

“NA MEDIDA EM QUE VOCE É PARTE
DA CONSCIÊNCIA UNIVERSAL, VOCÊ
É TODO O OCEANO”
DEEPAK CHOPRA



TEMA 1.548



Por certo a matéria escrita em tema anterior referente à doença e a cura serem apenas a manifestação de dois mundos, pode ser deveras chocante para muitos e até mesmo passível de ser catalogado como “idéia insana”. Mas, nisto os hermetistas, com base no Primeiro princípio Hermético, não estão sozinhos, com idéias semelhantes há muitos cientistas de renome que têm chegado a conclusões semelhantes, mesmo que se pareçam deveras aberrantes não somente o que se tem afirmado sobre a natureza do corpo quanto também da existência de tudo quanto há, seja de natureza abstrata, seja de natureza concreta. A concretitude dos elementos do universo vem sendo posta em xeque mate.

Grof e Keith Floyd, este Prof. de psicologia do Virginia Intermont College, afirmam que a concretitude da realidade, incluindo a do corpo humano, é apenas uma ilusão holográfica. “*É a mente quem cria a aparência do cérebro, bem como a do corpo, e de tudo mais que interpretamos como físico. Tem havido nos nas últimas décadas um virada na maneira de se ver as estruturas biológicas, fazendo com que pesquisadores venham progressivamente chegando à conclusão da possibilidade de o processo de cura poder também ser transformado em um paradigma holográfico. Se a aparente estrutura física do corpo nada mais é uma projeção holográfica da consciência, torna-se claro que cada um de nós é mais responsável por sua saúde do que admite a atual sabedoria médica. Que nós agora podemos ver que as remissões miraculosas de doenças podem ser próprias de mudanças na consciência que por sua vez efetua alterações no holograma do corpo. Similarmente, novas técnicas controversas de cura como a visualização podem funcionar muito bem porque no domínio holográfico de imagens pensadas que são muito ‘reais’ se tornam ‘realidades’. Similarmente, novas técnicas controversas de cura, como a visualização podem funcionar muito bem porque no domínio holográfico imagens pensadas podem se tornar realidades*”. “Mesmo visões de experiências que envolvem realidades “não ordinárias” se tornam explicáveis sob o paradigma holográfico. Em seu livro ‘Gifts of Unknown Things’ o biólogo Lyall torna claro que cada um de nós é mais responsável por sua saúde do que admite a atual sabedoria médica. Que nós agora vejamos que as remissões miraculosas de doenças podem ser próprias de mudanças na consciência que por sua vez efetua alterações no holograma do corpo”.

Tudo o que se pensa com intensidade e sem qualquer carga de dúvida gera um modelo de mundo, que segundo a conceituação de holografia, se trata de uma imagem holográfica. Mesmo visões experienciais que envolvem realidades “não ordinárias” se tornam explicáveis sob o paradigma holográfico.

Em um livro “Gifts of Unknown Things” o biólogo Lyall Watson descreve um encontro que teve com uma mulher xamã da Indonésia que, realizando uma dança ritual, foi capaz de fazer um ramo inteiro de uma árvore desaparecer no ar. Watson relata que ele e outro atônito expectador continuaram

a olhar para a mulher, e ela fez o ramo reaparecer, desaparecer novamente e assim por várias vezes. Diz Watson:

“Se isto é verdade, a mais profunda implicação do paradigma holográfico é que as experiências desse tipo só não são lugares comuns porque nós não temos programado nossas mentes com as crenças que fazem com que o sejam. No universo holográfico não há limites para a extensão do quanto podemos alterar a teia da realidade. O que percebemos como realidade é apenas uma forma esperando que desenhemos sobre ela qualquer imagem que queiramos”.

Esta transcrição mostra que aquilo que temos explicado nas recentes palestras são também conclusões que pesquisadores sérios têm chegado por outras vias. Watson diz textualmente que tudo o que se pensa se cria e que muitas das coisas consideradas impossíveis só são tidas como tais porque não é lugar comum, algo que não se repete com facilidade. Se o fossem passaria da categoria de ilogicidade para a de logicidade. Diz que basta alterar o que ele chama de *teia da realidade* para se vivenciar uma outra realidade “No Universo holográfico não há limite para o que podemos alterar na teia da realidade”. O que ele chama *teia* nós temos chamado de *matriz*, mas isto é apenas uma questão semântica.

Exatamente há plena concordância entre o seguinte pensamento de Watson sobre conceitos quânticos de doença e de saúde com o que referimos em palestra anterior. “... *agora podemos ver que as remissões miraculosas de doenças podem ser próprias de mudanças na consciência*²⁵ *que por sua vez efetua alterações no holograma do corpo.*

Outro ponto de concordância é a conclusão a que chegou Watson sobre a experiência vivenciada com a xamã. “*Se programarmos a mente o impossível pode se tornar possível, o lógico pode se tornar ilógico e vice-versa, pois para que coisas assim ocorram basta apenas alterar a teia da realidade*”. Em nossa palestra anterior dissemos que basta se efetivar mudança na matriz do texto para se ter uma outra realidade.

Se a concretividade do mundo nada mais é do que uma realidade secundária originária de um padrão holográfico que constitui o *paradigma de Bohm e Pribram*, então a mais impossível das coisas pode se tornar verdade em termos de percepção. Muitas doutrinas dizem que tudo o que for pensável, de alguma forma existe. Usando o exemplo do texto escrito, podemos dizer que tudo o que se pensar, por mais fantástico e julgado impossível, pode se colocar num *texto matriz* escrito e assim fazer existir o que antes não existia. Só o impensável não é passível de ser criado pela mente, só o impensável é que não pode ser acrescentado à matriz de um texto escrito.

Vale salientar que esse criar não é algo apenas de nível abstrato. Ele também pode ser de nível do concreto, pois o concreto, em síntese, não é muito diferente do abstrato, desde que a concretude das coisas não é mais que o resultado do tipo de percepção, e até mesmo sensorial, o concreto é algo percebido pelo tato. Por mais abstrato que algo seja só a detecção sensorial, ou instrumental pode estabelecer a natureza daquilo que é observado. A mera percepção visual não testifica a concretude de algo.



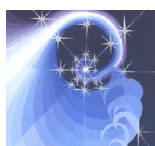
²⁵ Onde o autor usa o termo *consciência* nós usamos a palavra *percepção*, que é uma característica própria da mente e não diretamente da consciência.

O PARADIGMA HOLOGRÁFICO DOS SERES

**“ A REALIDADE OBJETIVA NÃO EXISTE,
A DESPEITO DA APARENTE SOLIDEZ O
UNIVERSO ESTÁ NO CORAÇÃO DE UM
HOLOGRAMA....”**



TEMA 1.550



Na fase atual do desenvolvimento do conhecimento humano sobre nuances da mente, o meio mais eficiente de entender paradoxos de percepção é pela admissão de conceitos de relatividade, de teoria quântica e graficamente de fractais e hologramas. Tudo isto faz parte de conhecimentos relativamente recentes. Sem eles seria muito difícil se entender aquilo que a equipe do Prof. *Allain Aspect* descobriu que uma partícula “se comunica” – interage – com outra independentemente de distância e de tempo, assim como por milênios foi difícil, e ainda o é, o não iniciado entender a ilusão do existir no mundo imanente.

No mesmo campo, não é fácil se entender e, mais ainda, aceitar o que um dos expoentes da Psicologia atual, *Grof* afirma: “... a mente é parte de um continuum, de um labirinto que é conectado não somente as outras mentes que existem, mas com cada átomo, com cada organismo e região na vastidão do espaço e tempo”. Também é difícil se entender o *modus faciendi* de certas experiências transpessoais sem que se tenha que apelar para a natureza holográfica do universo.

Quando os metafísicos – místicos – afirmavam que esse mundo é uma ilusão mental, isto, baseado em lógica científica do passado, parece uma alienação transmitida por algumas Ordens, em especial a Ordem Hermética, que afirma isto com base no Primeiro Princípio Hermético – *O Universo é Mental*. No mesmo contexto incluem-se os Ensinaamentos Védicos sobre a natureza do universo e de que ele seja “*Um Sonho de Brahmân*”, ou “*O resultado do pensamento da Mente de Brahmân*”. O que tentavam explicar como isso seria possível batiam de frente com a lógica cartesiana, com a lógica positivística.

Como poder justificar a existência de uma infinidade de mundos, muitos deles cópias quase exata deste, então como explicar a existência deles guardando diferenças grandes ou mínimas. A existência, por exemplo, de um mundo exatamente uma réplica deste, a não ser pela ausência de uma folha, ou de coisas ainda bem menores, ou a ausência de coisas maiores como um sistema solar, ou uma galáxia? Como poderia existir um mundo em que apenas uma determinada pessoa estivesse de fora? Como entender que um ser possa deixar de existir em um mundo e passar a existir em outro todas as pessoas. Um mundo com ele e um mundo sem ele, mas com tudo e com todos exatamente iguais? – Isto equivale a existir em diversos mundos simultaneamente e pela lógica isto não tem cabimento, a não ser se a pessoa fosse múltipla. Considerando-se dois mundos simultâneos em que uma pessoa esteja em um e não em outro enquanto os demais seres estejam em ambos, ou seja, uma pessoa estar em um mundo sim e em um outro não enquanto que todas as demais estariam nos dois? – Isto só seria lógico se houvesse multiplicidade de um mesmo ser, ou multiplicidade de uma mesma coisa. Em se tratando de coisas até é fácil se entender, mas desde o momento que se trate de seres “conscientes” de si, então isso se torna muito difícil de ser entendido. Por exemplo, uma mesa poderia constar de dois ou mais mundos

simultaneamente, mas em se tratando de seres “conscientes” não. Como poderia existir um mesmo “eu” vivenciando uma infinidade de mundos distintos?

Se, como acontece em certas experiências efetivadas por magos, uma pessoa criasse e se transportasse para outro mundo, coisas incompreensíveis ocorreriam segundo a *lógica* comum. Dois mundos a serem considerados A e B sendo ambos praticamente iguais, guardando uma única característica diferenciadora que era a presença e a ausência de uma só pessoa do Mundo A. Esta ao criar um Mundo B e se transferisse para ele então, para as outras pessoas teria desaparecido do Mundo A. Mas, como premissa, consideramos que a única diferença entre os dois mundos seria a presença e a ausência daquela pessoa, logo uma mesma humanidade estaria percebendo num mundo e no outro. Uma mesma humanidade que percebia o mundo – Mundo A – sem aquela pessoa e a mesma humanidade que o mundo – Mundo B – com a presença dela. Mas, como a única característica diferenciadora dos dois mundos considerados consistia apenas na presença e na ausência da referida pessoa então isto implicaria no fato da mesma humanidade ter que estar se dando conta dos dois mundos, de também estar vivenciando os dois, contudo isto anularia a tese de que a única característica diferenciadora entre os mundos considerados seria a presença e a ausência de uma determinada pessoa e não da de outras. Eis um grande paradoxo: seres estariam compartilhando de dois mundos simultaneamente, ou apenas percebendo os dois?

O paradoxo mental nada mais seria do que um mero jogo mental? Mas, a segundo a Teoria Quântica não, pois afirma a possibilidade de existência de uma simultaneamente em dois lugares distintos. Então basta hipoteticamente se dotar àquela partícula com “*consciência de si*” – Na verdade a diferença básica entre um objeto e um ser humano é a capacidade de ter, ou de não ter “consciência de Si” – e a própria física terá se enredado no mesmo paradoxo do Hermetismo.

Agora estamos mergulhados em um labirinto racional terrível, pois o que acaba de ser exposto segundo os mais atuais preceitos da Física, ou é uma negação ao que tem chegado a Teoria Quântica, ou as experiências estão erradas, ou tudo isto se trata apenas de especulações efetivadas pela imaginação, e isto equivale à confirmação do que o *Primeiro Princípio Hermético – O Universo é Mental*.

Seria fácil se sair do labirinto do existir simultâneo, seria fácil de entender desde que a pessoa saísse deste mundo – Mundo A – e fosse para um outro – Mundo B – em que não existisse nenhuma das pessoas com as quais convivera no primeiro, que as pessoas do Mundo B fossem outras distintas. Mas, a tese é o da existência de dois mundos exatamente idênticos apenas com uma diferença, a presença e a ausência de uma única pessoa. Sendo assim as demais pessoas teriam que fazer parte de ambos os mundos, ou seja, duas existências para um mesmo ser.

Com esse tipo de conjecturas a pessoa se vê presa em um colossal labirinto de incongruências, mas é isto o que o Princípio Mental indubitavelmente cobra. Se assim não fosse não poderia haver criação de mundos, ou o mundo seria algo real como sempre a ciência propugnou. Outra possibilidade seria a de aceitar mundos como meras formas de imaginação, sem criação de nenhum deles. Este mundo ser único, mas isto implica em não poder ser criado nenhuma nova ilusão de outros mundos. Neste caso, evidentemente, não poderia haver deslocamento entre mundos. Se, por um lado, essa hipótese resolveria o paradoxo do multi-existir, por outro lado no coloca diante de uma outra situação que mostra haver outros mundos. Isto diz respeito à existência dos sonhos. Um sonho é uma forma experiência que mostra um existir em mundos distintos, uma condição de duas formas de existir, uma condição em que a pessoa sai do mundo de vigília – mundo habitual – para o mundo onírico – mundo do sonho vigília e um mundo onírico. Podem argumentar que o de vigília é real e o onírico apenas um artifício da mente, ou seja, uma ilusão. Mas o que é importante considerar é que o mundo de uma pessoa sonhando ele é tremendamente real, que na verdade não há diferença de percepção entre um e outro.

Examinando-se vivências com sonhos vê-se que vezes a pessoa se encontra com outra e pode acontecer que ambas ao voltarem ao mundo de vigília se lembrarem de haver compartilhado uma mesma vivência. Ora, uma ilusão duplamente vivenciada merece ser bem examinada, pois se o for se verá que é difícil dizer que o mundo de vigília existe e o onírico não. Na verdade nenhum deles existe, am-

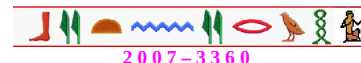
bos são frutos de ilusões mentais, mas há características diferenciativas entre elas. A guisa de explicação dizem que os mencionados encontros não são sonhos, que eles não ocorrem em mundo de sonho, mas sim em mundo astral – viagem astral – É comum até mesmo várias pessoas conhecidas atuarem mutuamente no plano astral. O plano astral também é um mundo de ilusão criado pela mente, apenas o processo é um pouco diferente daquele gerado em sonho. No sonho há menos intencionalidade em entrar no processo do que numa “viagem astral”, nesta a pessoa está ciente disso e não no sonho não.

O Mundo Astral é o mesmo mundo de vigília porém constituído por um nível vibratório distinto do mundo habitual, é como que uma subdivisão do mundo de vigília. Por tal razão preferimos usar o termo Plano Astral ao invés de Mundo Astral.



INTERAÇÃO ENTRE O MUNDO REAL E O VIRTUAL

“O SÁBIO NUNCA DIZ TUDO O QUE PENSA,
PORÉM SEMPRE PENSA EM TUDO O QUE DIZ”
ARISTÓTELES.



TEMA 1.768



Nesta palestra, inicialmente queremos dizer que diversos temas são relativos aos ensinamentos da Quinta Câmara Hermética. Tratam de assuntos que mais parecem devaneios do que algo a que se possa dar importância. A menos que a pessoa haja assimilado o ensinamento concernente ao Princípio Mental aconselhamos não levar em conta essas palestras afim de que não desperdicem tempo em lê-las. Contudo, se a pessoa já chegou à conclusão de que realmente o Universo é mental, então o assunto vem a ter grande importância, especialmente por versarem sobre elevados estudos do Hermetismo., em especial se a pessoa é inclinada a estudos metafísicos e que ao menos tenha noções básicas sobre conceitos da Teoria Quântica. Esta palestra é uma das que versa sobre condições não racionais, portanto o leitor quiser tirar proveito é necessários que deixe de lado qualquer padrão de lógica visando condicionar várias das proposições apresentadas. Aliás, deve ser assim em todo o material que digam respeito ao Primeiro Princípio Hermético – Princípio Mental.

Sabendo-se que esse mundo vivenciado é uma ilusão a pessoa pode indagar como um ser interage com a ilusão de mundo, como atua nele? Se vivenciarmos um mundo que é uma ilusão, então como se processa a interação entre um ser real e um mundo o ilusório. Em outras palavras: como o real interage com o ilusório.

A interação entre mundo real – pessoas – e o mundo virtual tem se constituído um tema muito usado em livros de ficção científica, e também o cinema com frequência tem explorado essa temática. Mas, na verdade, divulgações pecam por base, pois mundo real não existe, tudo quanto se pode detectar faz parte do Mundo Virtual, Mundo de Maya, Mundo de Matrix, ou Tonal²⁶., contudo os seres também não são reais. Tanto o mundo quanto os seres são expressões virtuais.

Um dos pontos que o Hermetismo mostra é que o Mundo que acreditamos ser real na verdade não passa de um Holograma, algo parecido com aquele mundo apresentado no filme Matrix, mas igualmente acontece com os seres.

Se este mundo se parece real é por ser ele uma decorrência da ação limitante da mente. Na verdade ele é uma ilusão, ou seja um mundo virtual. O ser humano, que interage em um padrão que sempre acreditou ser uma realidade, não é fácil aceitar a natureza holográfica do mundo pois a mente objetiva impede que a percepção subjetiva se manifeste. Eis porque aconselhamos, somente os que no estudo de câmaras preliminares hajam chegado à conclusão de que tudo o que acreditamos ser real, na essência é apenas uma ilusão. A aceitação da ilusão como verdade também é consequência da natureza descontínua do Universo.

Se aceitar que esse mundo é uma ilusão – holograma – é difícil, muito mais é ter que admitir também que, até mesmo, as pessoas, incluindo ele mesmo, não foge a isso. Os seres são imagens holográficas tal como o próprio mundo; os seres são imagens holográficas do Ser que existe no “E”.

Uma das coisas que pode violentar uma pessoa é o tomar ciência de que ela não é mais do que a imagem holográfica de *Um Ser Único* – projeção holográfica, imagem representativa de entidade única,

²⁶ Tonal segundo a linguagem de Dom Juan.

ser um *ser* que não está aqui e agora, mas sim no Eterno Agora – “E”. O mundo é uma imagem de tudo quanto consideramos existir – *tonal* – e todos os seres também o são.

Como seria possível uma imagem imaterial interagir fisicamente com um ser ou com um ambiente não? Só entre estruturas ressonantes pode haver interação, isso é o que nos testifica o Princípio Hermetico da Vibração. Uma estrutura física não tem o mesmo padrão vibratório de uma não física para que possa ocorrer interatividade. O físico só pode interagir com o físico, assim como uma imagem só pode interagir com elementos de sua própria natureza. Entre gêneros distintos pode haver percepção, mas não integração. Concreto é concreto, abstrato é abstrato. Entre o material e o imaterial pode haver percepções e coisas assim, mas não interações concretas e vice-versa.

Para que se possa iniciar o entendimento daquilo que diz respeito à interação entre as pessoas e a ilusão de realidade atribuída ao mundo vamos conjecturar sobre algumas possibilidades. Começemos indagando de o como uma estrutura real poderia agir num mundo holográfico? Como poderia um ser estrutural interagir com em um mundo virtual? Como em um cinema um expectador poderia interagir com a imagem projetada na tela? Só seria possível se a imagem se tornasse concreta ou vice-versa. A pessoa para interagir precisaria deixar de ser um expectador objetivo para ser uma imagem no mundo projetado na tela. Por essa razão dizemos ser imprópria a expressão Interação entre mundo real e mundo virtual, usada com título desta palestra.

Já que evidentemente interagimos com o mundo em que vivemos, então cabe a seguinte indagação: Como acontece então a interação do mundo imagem com os seres se eles forem reais? Pelo que foi dito, é impossível interação entre coisas de natureza distinta, ou seja, em naturezas distintas – imagem e realidade física – ser físico e mundo imagem? Para atender à proposição, ou ambos têm que ser imagens – ilusão – ou são concretidades. Não cabe um ser imagem e o outro concretidade.

Não cabem dúvidas de que os seres interagem com um modelo de mundo ilusório? Se formos reais e vivemos interagindo com o mundo então ou o mundo não é uma ilusão ou os seres não são “concretidades”. O fato de que interagimos com o mundo, exige ou que o mundo não seja uma imagem ou que nós o somos. Se esse mundo é uma imagem e nós estamos interagindo com ele e se o que afirmamos for verdade, então de duas uma, ou tanto o mundo quanto as pessoas são estruturas reais – e isso anularia a idéia de que esse é um o Mundo de Maya, mundo holográfico – ou nós também somos imagens – *Maya*. Se formos materiais não podemos fisicamente interagir com o imaterial.

Em decorrência dessa situação que o Hermetismo afirma que não apenas o mundo é ilusão quanto também às imagens dos seres. Diz que os seres são imagens refletidas – hologramas – do Ser único. Na linguagem das religiões, *o ser humano é feito à imagem e semelhança de Deus*.

Já estudamos em outras palestras que a percepção ocorre no derradeiro corpo, que um ser biológico aparentemente percebe em nível de corpo físico, mas quando morre ele passa a perceber como espírito, portanto imaterialmente. A percepção não exige a concretidade, ela existe independentemente do corpo. Nesse sentido o ser humano pode ser comparado com uma sonda emitida pelo Ser. Na verdade este não se raciona como seres, mas sim é incompletamente percebido pela limitação da mente. Assim podemos dizer que quando se percebe algo, ou quando se age, na verdade é o Ser imaterial quem está agindo. Quando ele é “fracionado” não há fracionamento por isso a percepção continua íntegra, apenas a idéia de divisão é que faz com que pareça ser uma multiplicidade perceptiva.

A vida no aqui e agora não é mais do que interações de imagens virtuais, tanto do mundo quanto dos seres. Por isso esse mundo existe, se assim não fosse não havia como um ser real viver dentro de uma ilusão, seria o mesmo que um expectador de cinema passasse a existir e interagir na tela. Na verdade o que é considerado real aqui, não é mais do que uma imagem virtual de um Ser que existe no próprio “E”. O mundo é aquilo que é percebido, ou seja o Ser percebe e as percepções obtidas compõem o mundo.



A LIBERTAÇÃO DE O SER

NÃO CONFUNDA JAMAIS CONHECIMENTO
COM SABEDORIA. UM O AJUDA A GANHAR
AVIDA; O OUTRO A CONSTRUIR UMA VIDA .
SANDRA CAREY



2007-3360

TEMA 1.794



Em decorrência da importância fundamental da pessoa não apenas saber, mas se direcionar para a origem una, muitas vezes temos escrito muitos temas direcionados ao entendimento de que aquilo que vivenciamos como um mundo real, na verdade ele não passa de uma ilusão, quando muito de uma realidade virtual, ou seja, um holograma.

Uma coisa as religiões têm em comum, a afirmativa de que o *ser* vive confinado a um lugar, ou condição da qual ele precisa se salvar. Nesse sentido cada religião prega sobre os meios de como isso pode ser feito. Algumas dizem que se isso depende da purificação, o que não é verdade. Temos estudado que a purificação é uma condição muito relativa, algo que diz respeito a observância de meros códigos conceituais. A V□O□H□ dá importância apenas relativa à purificação porque de forma alguma apenas basta para promover o retorno dos seres ao estado de *Ser*. Para as religiões pureza é sinônimo de infringência das leis e mandamentos da religião aceita. Parra elas puro se torna aquele que obedece aos mandamentos ditados pela sua religião ou pelo seu próprio entendimento ou sentimento. A V□O□H□ dedica uma das câmaras ao estudo dos códigos, visando esclarecer sobre uma das condições que mais fortemente acorrenta o *ser* à ilusão de mundo real; a corrente dos códigos instituídos. O estado de pureza não indica que a pessoa já esteja ciente de tudo quanto há, e menos ainda que ela já sinta ser o mundo não uma realidade objetiva, mas sim uma imagem virtual, que em conjunto os orientais chamam de *Mundo de Maya*. A V□O□H□ procura mostrar que o *ser* tem que voltar ao estado do *Ser*, para isso tem que se libertar da ilusão pelo entendimento de que o *Mundo é Mental*, mas que mesmo sendo uma manifestação virtual, ainda assim, ele constitui um presídio.

Um *ser puro* pode nem ao menos se dá conta de que ainda não está liberto, que vivencia apenas uma condição inerente ao *mundo de ilusão*. Quando se torna um *ser cientificado* ele já sabe que vive numa ilusão, e que pode sair dela, mas mesmo assim ele pode não querer sair dela, por sentir a importância de assumir uma missão salvadora para outros seres presos à ilusão. Isso acontece, por exemplo, com Jesus e por muitos outros Grandes Mestres Cientificados. Eles, estando cientificados, são obviamente sabedores de que o mundo é uma ilusão, mas sabem que miríades de seres são escravos de tal ilusão, e que lhes cabe ensinar como abandoná-la e deixar de serem escravos. Assim decidem pelo não sair assumindo então a missão de salvador tendo como base o ensino dos passos essenciais a fim de chegarem mais facilmente à libertação. O querer é soberano, por isso, mesmo ciente da ilusão do mundo, o *ser*, mesmo cientificado, pode ainda não querer para si a libertação plena, ou seja a volta ao estado de *Ser*.

Enquanto as religiões pregam em torno da *purificação*, as Ordens o fazem em torno da *cientificação* e o Hermetismo da *libertação*. Libertação significa eliminação da ilusão de mundo real. Religiões e Ordens equilibram e esclarecem os seres, mas não livra os prisioneiros da ilusão. Por sua vez, o

Hermetismo e certas Doutrinas Védicas procuram ensinar como o aprisionador “castelo da ilusão” pode ser eliminado, e o ser se tornar verdadeiramente liberto. As religiões se atêm muito à purificação, as ordens à cientificação, mas nem umas nem as outras efetivam a libertação, pois mesmo atingindo o grau de pureza e de cientificação o espírito ainda continua preso ao mundo gerado pela sua percepção.

Podemos usar como analogia uma sala de projeção cinematográfica comparando-a com este mundo. Numa sala de projeção cinematográfica um cenário real está sendo projetado, mas o mesmo filme também pode simultaneamente estar em um incontável número de outros cinemas. Para o expectador aquela sala parece única, pois suas percepções estão ativas somente nela. Para um expectador que ignora que aquela sala é apenas um local de projeção de um cenário externo. Contudo as cenas reais não estão ali e sim noutro lugar e em outro momento. Uma criança pode até acreditar que aquilo que percebe é uma realidade tangível. O expectador pode até ignorar que realmente haja outras salas projetando simultaneamente o mesmo filme e até a mesma cena. Consideremos então que pode ocorrer que mesmo se aquela sala for desligada as outras continuarão sem prejuízo algum, sem diferença alguma, efetivando a mesma projeção, pois em verdade tudo não é mais do que imagens irreais, nada realmente está ocorrendo ali como evento real e sim apenas uma projeção virtual de algo exterior. Um expectador que não esteja ciente – cientificado – disso ele ignora que mesmo se o projetor de sua sala for desligado – desativado – ainda assim nas demais salas tudo continua sem qualquer modificação.

A vida nesse mundo acontece de forma semelhante, tudo o que percebemos não faz parte dele, são meramente imagens projetadas, e também nós não estamos realmente nele, apenas nele está o nosso ponto de focalização do que estamos percebendo.



A LIBERTAÇÃO FINAL

"QUANTO MAIS BRILHANTE VOCÊ É,
TÃO MAIS VOCÊ TEM A APRENDER. "
(DON HEROLD)



2007-3360

TEMA 1.797



O grande drama da existência resulta de O Ser haver “deixado” a condição de *Ser Consciência* (ilimitada) para a condição de *ser mente* (limitada); deixando vivenciar o Mundo Transcendente para vivenciar o Imanente. Essa é a condição da existência dos *seres*, e é reverter esse processo que ele por tempo incomensurável tenta fazer para voltar à condição primordial. Todo o processo existencial humano consiste na reversão do processo. Visando isso existem as religiões (Religião = religare = religar) considerando para isso a *purificação*; as Ordens e Doutrinas, a *cientificação*; o Hermetismo e algumas Doutrinas e Filosofias Orientais, a *libertação*.

O Hermetismo não considera a purificação, e nem mesmo a cientificação, como fundamentais, na volta à origem, pois mesmo estando puro e cientificado o *ser* ainda pode permanecer de alguma forma e por algumas razões no mundo da ilusão.

Para tornar claro esse tema, vamos voltar ao exemplo que demos na palestra anterior no qual citamos um expectador e algumas salas de exibição cinematográfica. Consideremos agora que o expectador não estivesse fisicamente na sala. Mesmo assim ele poderia acompanhar o filme desde que houvesse um detetor registrando as cenas em uma das salas e as transmitindo para ele. Nesse caso, se a projeção na tela cessasse, ou seja, se a sala da qual estivesse sendo feita a transmissão fosse desativada, mesmo assim ele poderia continuar assistindo o filme desde que passasse a focalizar uma das outras salas ativas. Assim, para ele o espetáculo continuaria a se apresentar como se nada houvesse acontecido. Num caso assim, diante de uma cena desagradável, ou desinteressante, nem seria preciso desativar a sala, bastaria deter a focalização por algum tempo e só reativada no momento conveniente, ou transferir o foco de captação para outra sala.

O Hermetismo há milênios afirma que a natureza do Universo é mental, que tudo aquilo que consideramos como o tal não é mais do que uma ilusão acarretada pela mente (O mesmo dizem as Doutrinas Védicas). O mundo não existe como uma realidade, mas sim como uma imagem virtual que hoje podemos chamar de holográfica.

Como metáfora para facilitar a compreensão sobre a natureza do mundo perceptivo, ele pode ser comparado com um cinema. Nele, as cenas projetadas não são realidades; podemos dizer que a projeção não é real e sim apenas imagens refletidas na tela. Mas, segundo o Primeiro Princípio Hermético, isso é verdade, aquilo que é tudo como mundo é meramente uma sucessão de imagens projetadas. Indo mais longe se pode afirmar que não somente as cenas não são reais, que o drama encenado não faz parte da sala de projeção, mas também que nem mesmo o expectador está nela, ele detecta os acontecimentos mediante um meio de captação. Isso equivale a estar presente, desde que está captando toda a peça que está sendo encenada, mas sem que ele esteja na sala. Assim nem os acontecimentos e nem o espectador fazem parte do ambiente, isso é, sejam reais.

O expectador capta o que está ocorrendo na tela de projeção sem que necessariamente esteja fisicamente na sala. O mesmo pode ser atribuído a este mundo, o ser capta através da mente o que está ocorrendo e compondo um determinado mundo através do ponto focal de sua percepção. Como o mundo para a mente é constituído pelo que ele percebe então, como ele só o faz a respeito de um mundo,

então acredita ser o único existente. O expectador do cinema estando percebendo somente uma tela ele crê ser aquela projeção a única existente.

O mundo para uma pessoa compõe-se apenas do que ela estiver percebendo e dos registros de memória que possam ser usados como associação mental. Apagando-se a memória, a única realidade passa a ser apenas o que estiver sendo percebido; não havendo memória não há associação de idéias; sem memória não há lembranças que possam ser invocadas e que mostrem que há algo mais além do que é percebido. Na metáfora do cinema, para um hipotético expectador sem memória nada mais existe além do que ele detecta. No caso do mundo hodierno, como não temos memória de outros mundos, lembranças de vivências, etc., então para nós só existe ele e não outros.

O mundo é onde está a percepção, e no caso, como a percepção está na sala logo o ser acredita que aquilo é tudo e sem suspeitar que o que ele está percebendo pode ser uma retransmissão e que nesse caso nem a cena e nem ele são realidades, ele não está na sala do cinema; nem são reais nem as imagens e nem ele mesmo.

Num cinema o filme pode ser interrompido e nesse caso cessa a percepção, tudo acaba, a cena apaga na tela. Mas como o expectador está fora da sala naturalmente ele pode focalizar outra sala onde o mesmo filme esteja sendo projetado.

Este mundo não é real, ele é um cenário em que nenhum drama real está ocorrendo, apenas existe uma projeção holográfica. A percepção pessoal é quem detecta tudo. No campo universal acontece o mesmo, o mundo em que vivenciamos é apenas como se fosse uma “sala de projeção”, tudo o que nele ocorre não é real e nem tem origem nele. Mesmo os seres realmente não estão nele, são apenas detectores do que está ocorrendo nele. Nem as cenas são reais e nem os detectores, a cena está no “*Eterno Agora*”, e assim também o *Ser*.

Uma pessoa num cinema pode se libertar de assistir aquilo que não lhe interessar, para isso basta mudar o foco de percepção. Nada se acaba, apenas deixa de ser percebido ali; nada acaba porque nada realmente está lá. Nada acaba se uma cena termina bruscamente. Se um projetor for desligado, outro ativo em outra sala poderá ser captado, bastando ocorrer o deslocamento da percepção do observador; ele pode sair e ir para outra sala, ou sintonizá-la de alguma forma, mas para isso é preciso dispor de suficiente energia para se deslocar.

Num cinema toda cena atormentadora pode ser desligada. O expectador pode selecionar apenas cenas que lhes interessem, que lhes sejam prazerosas e afastar as desprazerosas. O mesmo acontece no existir no mundo, a pessoa pode deslocar seu foco de percepção, sair de um ponto e se situar em outro, sair do desagradável e se colocar no agradável. Se as percepções em um mundo não forem

Pergunta-se porque essa mudança de condição não é prática comum, por que o ser não se liberta e continua por eras e eras preso a um mundo que nação lhe é prazeroso. Podemos dizer que há duas condições básicas que limitam o processo: Ignorância sobre a natureza do mental do mundo, e carência de energia. A resposta está no elemento energia. A quase totalidade da humanidade não consegue modificar o mundo (mudar a projeção), ou mesmo transferir sua percepção para outro nível (sair de um cinema para o outro) por carência de energia, por não ter suficiente *poder pessoal*.

Temos falado numa “guerra cósmica” que tem como objetivo a energia. A energia é um dos níveis de Deus que dinamiza todo o universo. Sem ela a pessoa não pode haver a libertação do jugo da existência da ilusão de existir em um mundo imanente. Um ser não tem como voltar à condição de Ser se não dominar a arte de perceber, e para isso necessita de imenso poder pessoal.

Tudo o que dissemos mostra porque a energia é o que conta dentro da criação. Daí a grande importância que é dada à energia, ela é tudo na consecução ou transformação de qualquer ato no mundo. É a carência de energia quem faz com que a pessoa fique presa ao Mundo da Imanência.

Já podemos sentir que as práticas místicas mais importantes são as que dizem respeito à energia. Também porque a consideramos a “moeda universal” pois em tudo quanto ocorre no universo ela é a causa básica.



A LIBERTAÇÃO SUPREMA

"A VIDA É A INFÂNCIA DA NOSSA
IMORTALIDADE." (Goethe)

2007-3360

TEMA 1.798



Um degrau acima da *libertação final* situa-se a *libertação suprema* que significa o retorno até o nível Divino.

Tudo quanto existe passível de ser detectado são meras criações mentais, isso é o que está explícito no Primeiro Princípio Hermético.

Deus existe como *Consciência* e se manifesta como *Mente*. O Mundo Imanente pode ser considerado como uma criação daquilo que usam chamar de Mente Cósmica. Nos temas precedentes tentamos mostrar como o *ser* pode se libertar dessa condição limitante e voltar à natureza de *Ser*. Se o universo é uma criação mental, então qualquer coisa, ou componentes dele, pode ser “criado” e vivenciado.

Em temas anteriores usamos uma metáfora para facilitar o entendimento sobre a natureza holográfica do mundo, consistindo de uma sala de cinema. Nela aquilo que está sendo projetado não é a realidade, mas a pessoa só se dá conta disso porque registros de memória são evocados. Sem memória a pessoa não tem como saber se uma cena é uma realidade ou uma ilusão. Para afirmar ser uma ilusão é preciso que ela evoque conhecimentos, que são lembranças – memória – para poder avaliar a realidade das cenas. Sem memória a pessoa nem sequer ela saberia que existem ilusões, pois em tal condição tudo o que percebe ela não tem como saber se tratar de uma ilusão. Diante de uma percepção a única coisa que permite a pessoa saber se tratar de uma ilusão ou realidade é a análise mental daquilo que é observado. Sem memória não há referencial para se avaliar a natureza da realidade de algo.

A pessoa que tem conhecimento das implicações do *Primeiro Princípio* sabe que a realidade é algo que pode ser gerado. O mundo é quilo que se percebe e se entende, por isso mudando o foco de percepção a realidade muda também. Quando o ser entende isso ele está a um passo de poder gerar sua própria realidade, qualquer que seja ela, qualquer uma que bem desejar, bastando ter suficiente capacidade de concentração mental e especialmente de energia. Por exemplo, diante de uma situação desprazerosa ela pode simplesmente desligar aquele mundo, aquela cena, e sintonizar outra que lhe seja prazerosa. Desativar o projetor daquela cena e ativar o de outra. Para isso é bastante que ele tenha suficiente domínio da arte de concentração mental, de visualização e especialmente disponha de um elevado gradiente de energia.

O “volume” de energia requerido para a efetivação de acentuada mudança de realidade é muito grande. Mudar apenas algumas características de um determinado mundo é exequível a muitas pessoas, mas mudar a totalidade dele é algo que requer um limiar energético inconcebivelmente elevado, e incomparavelmente maior é preciso para anular e libertar o *ser* da condição de imanência. Isso é a meta final e suprema de todo ser, é à volta à condição de Ser.

Mesmo que ainda não seja capaz de mudar um mundo em totalidade ainda assim uma pessoa pode afastar de si tudo aquilo que por algum motivo não lhe convier. Quando esse limiar é atingido então se trata de um *ser liberto*, liberto porque nada mais o pode atingir, não pode mais ser vítima de qualquer ilusão ou vicissitude. A pessoa comum é atingida porque não sabe, e nem pode ainda, fugir de

uma vicissitude, ele vive preso por grilhões, vezes tremendamente poderosos, mas muitas outras por elos simples, mas o prende inexoravelmente por não saber como eliminá-lo por falta de conhecimento – cientificação –, ou de energia.

A possibilidade absoluta de mudar realidades só é dada ao *Ser*, o *ser*, contudo, pode fazer mudanças o suficiente para se posicionar fora de qualquer problema, ele não sofre, está liberto de reencarnações, pode vivenciar somente condições prazerosas. Na linguagem das religiões pode-se dizer que em tal nível o *ser* “vive no céu”, embora ainda não haja atingido a União definitiva, ou seja Vicência sua condição de Deus. Pode transformar as condições infernais em celestiais. Por isso se diz que a libertação é um estado celestial e viver no mundo imanente é um estado infernal.

Pensem num ser capaz de mudar as “realidades” a seu bel-prazer. Para ele não existe impossibilidades, não existe dor, sofrimento, coisa alguma a não ser aquilo que ele queira. Nessa condição ele pode ser considerado um verdadeiro Creador, o próprio Deus. “*E vós sois Deus*” – disse Jesus.

Não é fácil a pessoa acreditar no que afirmamos nos três derradeiros temas, mas a essa conclusão que se chega se examinando o Unismo; não tem outra forma. Se tudo é *Um* então *o caminho é um só*. No Unismo não cabe a existência de *seres* independentemente da do *Ser* único.

Acima do nível dos seres libertos resta o *Absoluto* – Inefável – o Nada, o repouso eterno, um nível sem espaço, sem tempo, sem divisibilidade, sem movimento, sem qualquer possibilidade de percepção. É um nível em que não há dependência alguma, nem mesmo de qualquer lei, desde que as leis são criadas por ele.

Trata-se da libertação suprema, daquilo que chamam de volta à unicidade.

Para um *Ser* liberto não existe limite, qualquer limite é ditado pelo seu querer, isso acontece em decorrência dele poder mudar qualquer realidade que se lhe apresente. O ser liberto pode mudar todas as possibilidades, e se hipoteticamente ele mudar tudo quanto há então para ele não existe o mundo imanente, pois esse pode ser transformado. Ao nível da Unicidade não existem descontinuidades, tudo é homogêneo.

O Poder de criar as próprias realidades depende do poder pessoal, ou seja, da energia que o ser seja capaz de mobilizar. Para se salvar das injunções ele precisa criar, mas só o faz se tiver energia, portanto temos que admitir que energia seja a única fonte de salvação, de libertação. Como no mundo imanente tudo se manifesta em polaridades, então podemos dizer que a recíproca é verdadeira, a energia também é a fonte de todo o mal.



